

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS

FELIPE EVANGELISTA APARECIDO

CARAMURU, SEGUNDO JOÃO: DA EPOPEIA À FANFIC

ALFENAS/MG

2024

FELIPE EVANGELISTA APARECIDO

CARAMURU, SEGUNDO JOÃO: DA EPOPEIA À FANFIC

Objeto de Aprendizagem apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História Ibérica (Mestrado Profissional) da Universidade Federal de Alfenas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica.
Orientador(a): Prof.(a) Dr.(a) Rosângela Rodrigues Borges

ALFENAS/MG

2024

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas
Biblioteca Central

Aparecido, Felipe Evangelista.

Caramuru, segundo João : da epopeia à fanfic / Felipe Evangelista
Aparecido. - Alfenas, MG, 2024.
152 f. : il. -

Orientador(a): Rosângela Rodrigues Borges.
Dissertação (Mestrado em História Ibérica) - Universidade Federal de
Alfenas, Alfenas, MG, 2024.
Bibliografia.

1. Caramuru. 2. Identidade nacional. 3. Romantismo. 4. Fanfic. 5.
Objeto de Aprendizagem. I. Borges, Rosângela Rodrigues, orient. II. Título.

CARAMURU, SEGUNDO JOÃO: DA EPOPEIA À FANFIC

O(A) Presidente da Banca Examinadora abaixo indicada assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em História Ibérica pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Ensino e Pesquisa de História Ibérica.

Aprovado em: 15 de março de 2024.

Profa. Dra. Rosângela Rodrigues Borges

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Prof. Dr. Eloésio Paulo dos Reis

Instituição: Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Profa. Dra. Mauricéia Silva de Paula Vieira

Instituição: Universidade Federal de São Carlos (UFLA-MG)



Documento assinado eletronicamente por **Rosângela Rodrigues Borges, Professor do Magistério Superior**, em 21/03/2024, às 20:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#)



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1216902** e o código CRC **C4622A38**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por todas as coisas, à minha família por sempre ter me apoiado, à orientadora, aos professores e aos membros da banca examinadora pelas contribuições.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Este trabalho estuda a relação entre a epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e a construção da identidade nacional brasileira no Romantismo do século XIX. Ferdinand Denis (1978) enxergou na obra citada um exemplo para a literatura nacional apesar de *Caramuru* ter sido escrito no século XVIII para defender os ideais religiosos da colonização do Brasil. Objetiva-se estudar esse anacronismo e produzir o *e-book*: o Objeto de Aprendizagem *Caramuru, segundo João* para os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Nesse *e-book* é apresentada uma *fanfic* que aproxima a obra épica e o século XXI buscando uma interação entre o aluno, a *fanfic* e a epopeia, oferecendo um caminho para o ensino interdisciplinar de História e Língua Portuguesa/Literatura. Amado (2000), Ribeiro (2007, 2009) e Barbosa (2016) são as principais referências que ancoram esta pesquisa. Por fim, conclui-se que o desenvolvimento do olhar crítico, da leitura, da escrita e a interação ativa entre o aluno e o conhecimento histórico são caminhos oferecidos pelo OA para o desenvolvimento da competência narrativa e do repertório da consciência histórica sobre a identidade nacional.

Palavras-chave: *Caramuru*; identidade nacional; Romantismo; *fanfic*; Objeto de Aprendizagem.

RESUMEN

Este trabajo estudia la relación entre la epopeya *Caramuru* de Santa Rita Durão y la construcción de la identidad nacional brasileña en el Romanticismo del siglo XIX. Ferdinand Denis (1978) consideró la obra citada un ejemplo para la literatura nacional, a pesar de que *Caramuru* fue escrita en el siglo XVIII para defender los ideales religiosos de la colonización de Brasil. El objetivo es estudiar este anacronismo y producir un libro electrónico: el Objeto de Aprendizaje *Caramuru, según João* para alumnos de 8º curso. Este libro electrónico presenta un *fanfic* que aproxima la obra épica y el siglo XXI, buscando una interacción entre el alumno, el *fanfic* y la epopeya, ofreciendo una forma de enseñanza interdisciplinar de la Historia y de la Lengua/Literatura Portuguesa. Amado (2000), Ribeiro (2007, 2009) y Barbosa (2016) son las principales referencias que anclan esta investigación. Finalmente, se puede concluir que el desarrollo del ojo crítico, la lectura, la escritura y la interacción activa entre el alumno y el conocimiento histórico son caminos ofrecidos por el OA para desarrollar la competencia narrativa y un repertorio de conciencia histórica sobre la identidad nacional.

Palabras-claves: *Caramuru*; identidad nacional; Romanticismo; *fanfic*; Objeto de aprendizaje.

ABSTRACT

This work studies the relationship between Santa Rita Durão's epic *Caramuru* and the construction of Brazilian national identity in 19th century Romanticism. Ferdinand Denis (1978) saw the aforementioned work as an example for national literature, despite the fact that *Caramuru* was written in the 18th century to defend the religious ideals of the colonization of Brazil. The aim is to study this anachronism and produce the e-book: the Learning Object *Caramuru, segundo João* for 8th grade students. This *e-book* presents a fanfic that brings the epic work and the 21st century closer together, seeking an interaction between the student, the *fanfic* and the epic, offering a path for interdisciplinary teaching of History and Portuguese Language/Literature. Amado (2000), Ribeiro (2007, 2009) and Barbosa (2016) are the main references that anchor this research. Finally, it can be concluded that the development of a critical eye, reading, writing and the active interaction between the student and historical knowledge are ways offered by the OA to develop narrative competence and a repertoire of historical awareness about national identity.

Keywords: *Caramuru*; national identity; Romanticism; fanfic; Learning object.

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	10
2	PARTE I: <i>CARAMURU, SEGUNDO JOÃO</i>	16
2.1	APRESENTAÇÃO DA PARTE I	17
2.2	OBJETO DE APRENDIZAGEM: <i>CARAMURU, SEGUNDO JOÃO</i>	18
3	PARTE II: <i>CARAMURU E A IDENTIDADE NACIONAL</i>.....	99
3.1	INTRODUÇÃO	100
3.2	CARAMURU E A IDENTIDADE NACIONAL	101
3.3	<i>CARAMURU, DE SANTA RITA DURÃO</i>	107
3.3.1	A epopeia.....	108
3.3.2	Caramuru e os jesuítas	112
3.4	CARAMURU NO ROMANTISMO	114
3.4.1	A influência da leitura de Ferdinand Denis	114
3.4.2	As pinturas de Moema.....	116
3.5	ANÁLISE DAS PERSONAGENS DA EPOPEIA.....	118
3.5.1	Diogo Álvares Correia (Caramuru)	118
3.5.2	Paraguaçu (Catarina) e Gupeva.....	120
3.5.3	Moema e Jararaca.....	120
3.6	CONCLUSÃO	122
4	PARTE III: <i>CARAMURU, SEGUNDO JOÃO: A FANFIC NO ENSINO</i> INTERDISCIPLINAR DE HISTÓRIA E LITERATURA/ LÍNGUA PORTUGUESA	125
4.1	INTRODUÇÃO	126
4.2	<i>CARAMURU, SEGUNDO JOÃO</i> E O CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR.....	128
4.2.1	Conceitos: entre o pensamento teórico e o ambiente escolar.....	132
4.3	A CONCEPÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM <i>CARAMURU,</i> <i>SEGUNDO JOÃO</i>	134
4.4	<i>FANFIC</i> : ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO	138
4.5	<i>CARAMURU, SEGUNDO JOÃO</i> NA SALA DE AULA.....	140
4.6	CONCLUSÃO	143
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	145

REFERÊNCIAS.....	150
-------------------------	------------

1 APRESENTAÇÃO

Pode-se dizer que é complexo o trabalho docente sobre o gênero textual epopeia¹ na Educação Básica. Mesmo assim, esse gênero pode apresentar aspectos interessantes para o ensino, numa perspectiva interdisciplinar: História, Literatura e Língua Portuguesa (produção de leitura e de textos), como a apresentada nesta pesquisa, seja nos anos finais do Ensino Fundamental, seja no Ensino Médio (com as devidas adaptações pelo professor).

Um dos motivos para a utilização do gênero epopeia em sala de aula é por seu valor histórico e literário. Em aulas de Literatura, a epopeia é citada apenas como exemplo do gênero literário épico, o qual tem sido “considerado envelhecido, morto e incompatível com a modernidade por alguns teóricos” (Oliveira, 2014, p. 58) e professores da Educação Básica, levando-o ao esquecimento. Em aulas de História, é incomum o uso desse gênero como possibilidade para o desenvolvimento de uma consciência histórica, ou melhor dizendo, para uma literacia histórica, conforme reflexão de Barca (2006, p. 95):

Entenda-se a literacia não como um conceito restrito apenas às competências de leitura e compreensão linguísticas: numa acepção abrangente, poderá falar-se de literacia histórica, tal como de literacia científica, de literacia matemática ou outras. E, no quadro da discussão actual em torno da necessidade de desenvolvimento da consciência histórica, a ideia de literacia surge-lhe associada, enquanto vertente indispensável para que tal desenvolvimento ocorra (LEE, 2004 a). Realce-se, porém, que o conceito de consciência histórica ultrapassa a ideia de relação estreita com o conceito de identidade (nacional ou qualquer outra que seja também restritiva e perpassada, sobretudo, por fortes elementos emocionais) – sem que tal signifique que não se deva explorar com os jovens, sobretudo com crianças, ideias sobre um passado familiar ou geograficamente próximo (SCHMIDT e GARCIA, 2005). A orientação temporal de cada um de nós exige identificações múltiplas, a várias escalas (do local ao global): competências avançadas para saber “ler” o mundo que nos rodeia e também perspectivar de alguma forma o futuro, à luz de experiências humanas no passado.

Paralelamente, o letramento literário pode ser entendido como “processo de apropriação da literatura enquanto linguagem” (Cosson, 2014, verbete *online*). Segundo esse autor, esse tipo de letramento exige

a ampliação do repertório literário, cabendo ao professor acolher no espaço escolar as mais diversas manifestações culturais, reconhecendo que a literatura se faz presente não apenas nos textos escritos, mas também em outros tantos suportes e meios (...) [e] é atingido quando se oferecem atividades sistematizadas e contínuas

¹ Epopeia: “poema épico em que são narradas ações grandiosas e heroicas e façanhas de guerra, e que também se caracteriza pela presença do maravilhoso, isto é, pelo impacto que as forças naturais exercem sobre o herói” (Michaelis, 2024, verbete *online*).

direcionadas para o desenvolvimento da competência literária, cumprindo-se, assim, o papel da escola de formar o leitor literário. (Cosson, 2014, verbete *online*)

É no entrecruzar desses dois tipos de letramentos e nesse contexto que o poema *Caramuru. Poema épico do Descobrimento da Bahia*, escrito pelo frei Santa Rita Durão em 1781, torna-se relevante e objeto de estudo nesta pesquisa. Essa epopeia se liga à história da colonização do Brasil, com a eternização do mito de Caramuru. Este é o apelido de Diogo Álvares Correia, um português que teria chegado, ainda no século XVI, às terras que futuramente seriam o Brasil.

O valor histórico da epopeia *Caramuru* se mostrou não só no contexto de produção, por sua defesa da colonização do Brasil, mas também pela contradição de sua recepção no Romantismo brasileiro no século XIX (Ribeiro, 2007). Apesar de a obra não ter tido uma recepção calorosa no momento de sua publicação, mas apenas no século posterior, é interessante analisar o contexto e as motivações relacionadas ao momento de sua escrita no século XVIII e de sua leitura no século XIX para, então, pensar numa proposta de trabalho interdisciplinar na Educação Básica.

O frei escreveu a epopeia para exaltar os valores religiosos da colonização, mas os românticos enxergaram a obra como uma defesa do nacionalismo brasileiro. Esse possível anacronismo se apresentou como um caminho possível para a utilização dessa epopeia em sala de aula. O percurso percebido foi a possibilidade de trabalhar a relação do mito Caramuru e a identidade nacional em sala de aula a partir da leitura dessa epopeia e de uma *fanfic*² produzida para esse fim. Para atender a essa proposta, foi construído o Objeto de Aprendizagem (doravante, OA): *Caramuru, segundo João*.

Contudo, não há como propor um OA, sem antes haver o contato, estudo e pesquisas sobre o tema. Assim sendo, para buscar entender a complexidade da proposta, foi necessário refletir sobre algumas questões que se mostraram centrais para a pesquisa e produção do OA: (a) Como o mito de Caramuru foi aproveitado por Durão e quais são as consequências do olhar do poeta para a construção das personagens? (b) Como uma epopeia, feita para louvar a colonização e o Império de Portugal, foi lida no século XIX como obra exemplar para a literatura brasileira que estava se formando após a Independência do Brasil? (c) Como Moema, uma personagem inventada pelo poeta, pôde ser vista, posteriormente, como um símbolo da nação brasileira? (d) Como é possível trabalhar a epopeia *Caramuru* de Santa

² *Fanfic* ou *fanfiction*: ficção de fã, ou seja, é a reescrita de uma obra por parte de um fã.

Rita Durão nas aulas de História, de forma interdisciplinar com a Literatura e Língua Portuguesa, na Educação Básica?

Além dessas questões, a opção pela produção de uma *fanfic*, que integra o OA, produto final desta pesquisa, decorreu dos seguintes motivos:

- a) a *fanfic* pode ser reproduzida em meio digital ou impresso conforme a realidade da escola e opção do professor;
- b) a produção de *fanfic* envolve um retorno à história original, no caso, tanto a epopeia *Caramuru*, quanto a *fanfic Caramuru, segundo João*;
- c) a produção de *fanfic* pode se dar com o uso de tecnologias, em especial, com plataformas digitais disponíveis na *web*, sendo muitas delas gratuitas e
- d) a circulação e a leitura das *fanfics* produzidas podem se dar no meio digital, alcançando leitores da comunidade escolar ou não, mais familiarizados com esse tipo de produção, em sala de aula, por meio do texto impresso ou ainda projetado na lousa por meio de um *Datashow*.

Tendo em vista esse contexto, o objetivo geral da pesquisa é refletir sobre a relação entre o mito *Caramuru* e a identidade nacional por meio da percepção do anacronismo presente na leitura da epopeia de Durão, no Romantismo brasileiro do século XIX, almejando a construção de um Objeto de Aprendizagem, uma *fanfic* com um suplemento contendo orientações didáticas ao professor, para aulas de História e Literatura/Língua Portuguesa na Educação Básica.

Para atender ao objetivo geral e às perguntas da pesquisa, os objetivos específicos foram:

- a) Refletir sobre o contexto de produção da epopeia *Caramuru* relacionado ao momento histórico vivido por Durão;
- b) Analisar o anacronismo na leitura da epopeia *Caramuru* no Romantismo brasileiro no século XIX;
- c) Perceber o destaque que a personagem Moema recebeu no Romantismo e refletir sobre a possibilidade da utilização da epopeia *Caramuru* na Educação Básica.

Esta pesquisa, de abordagem qualitativa, pode ser separada em três procedimentos:

- a) Análise da epopeia *Caramuru*, tendo em vista o seu discurso colonialista, para escolher partes que poderiam ser atrativas para o tema escolhido;

- b) Reflexão sobre a recepção da epopeia no século XIX, observada na atenção à obra *Resumo da História Literária do Brasil* (1978) de Ferdinand Denis e da pintura *Moema* (1866) de Victor Meirelles.
- c) Concretização da elaboração do Objeto de Aprendizagem *Caramuru, segundo João* tendo em vista o ambiente escolar e o conhecimento histórico.

Esta pesquisa foi dividida em três partes que podem se ligar, indiretamente, aos procedimentos já citados. Os dois primeiros procedimentos se apresentam na Parte II: *Caramuru e a identidade nacional*. Já o terceiro pode ser observado tanto na Parte I: *Caramuru, segundo João*, que é a apresentação do OA em si, quanto na Parte III: *Caramuru, segundo João: a fanfic no ensino interdisciplinar de História e Literatura/Língua Portuguesa*, na qual foram apresentadas as reflexões sobre a elaboração do OA em função de sua aplicação na Educação Básica e a sua ligação ao conhecimento histórico.

Na Parte I, *Caramuru, segundo João*, é apresentado o OA desenvolvido nesta pesquisa. Trata-se de um *e-book* que será disponibilizado em repositórios *online* para os professores utilizarem-no em sala de aula. A proposta é que o OA seja trabalhado em um projeto interdisciplinar das disciplinas de História e Literatura/Língua Portuguesa. No *e-book* é apresentada uma *fanfic*, produzida pelo pesquisador, da epopeia *Caramuru*. Tanto a narrativa quanto a atividade foram pensadas, preferencialmente, para alunos do 8º ano do Ensino Fundamental. Contudo, podem ser utilizadas no 9º ano do Ensino Fundamental ou mesmo no Ensino Médio, cabendo ao professor fazer as adaptações que julgar necessárias.

Na *fanfic*, é apresentada a personagem João, um adolescente negro, que tem a sua vida transtornada ao encontrar a epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, na praia. A partir desse momento, ele passa por experiências fantásticas³, desde conhecer o poeta português no interior de um peixe, até mesmo a conhecer a personificação do Brasil que é apresentada por meio de uma criança. Na narrativa, é feito um diálogo entre a identidade de João e a primeira identidade nacional criada no século XIX.

Ainda que as experiências fantásticas presentes em *Caramuru, segundo João* possam ser pensadas como um conto fantástico, sem grande valor literário no campo da crítica literária, não é pretensão deste pesquisador ou mesmo de futuros professores da Educação Básica, a formação precípua de futuros escritores/contistas. Busca-se, sim, o desenvolvimento de bons leitores e produtores de texto, capazes de dialogar com textos

³ “O fantástico ocupa o tempo [da] incerteza. Assim que se escolhe uma das duas respostas, deixa-se o terreno do fantástico para entrar em um gênero vizinho: o estranho ou o maravilhoso. O fantástico é a vacilação experimentada por um ser que não conhece mais que as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural.” (Todorov, 2010, p. 31).

históricos e com uma realidade fantástica, pensando que muitos adolescentes gostam de heróis, da luta entre o bem e o mal, de grandes feitos dos seres humanos, aspectos que podem ser encontrados tanto na epopeia quanto em contos fantásticos. No nosso caso, numa *fanfic* que pode (ou não) conter elementos do fantástico, incentiva-se o aluno a valer-se da imaginação nesse processo de escrita.

Na Parte II, Caramuru e a identidade nacional, é estudada a relação entre o mito Caramuru e o Brasil por meio da análise do contexto de escrita da epopeia *Caramuru*, no século XVIII, pelo frei Santa Rita Durão e de sua leitura no século XIX, especificamente, pelo estudioso Ferdinand Denis. Também é estudado o destaque que a personagem Moema, inventada pelo frei, recebe no Romantismo. Um dos exemplos disso pode ser visto na pintura Moema (1866), de Victor Meirelles.

A história do mito Caramuru foi observada e refletida por meio da leitura do artigo *Diogo, o Caramuru e a fundação mítica do Brasil* da historiadora Janaína Amado (2000). Já a relação entre o momento histórico da escrita da epopeia no século XVIII e de sua leitura no século XIX foi analisada por meio da tese *Deus e o diabo na terra do sol: Caramuru como representação épica da colonização*, de Elzimar Ribeiro (2007). O destaque que a personagem Moema recebeu no Romantismo foi refletida com o auxílio da tese *Moema é morta* de Alexander Gaiotto Miyoshi (2010).

Já na Parte III, foi feito um estudo sobre a relação entre o *Caramuru, segundo João* e o ensino de História. Para isso são analisados alguns aspectos do ensino de História: o distanciamento do passado, o uso de fonte histórica em sala de aula e a narratividade do saber histórico. Para tanto, foi utilizado o *Dicionário de ensino de História* (2019), coordenado por Marieta de Moraes Ferreira, Margarida Maria Dias de Oliveira. Também foi feita uma reflexão sobre as características dos Objetos de Aprendizagem por meio de conceitos do livro *Objetos de Aprendizagem: teoria e prática* (2014), organizado por Liane Tarouco, Bárbara Ávila, Edson dos Santos, Maria Bez e Valéria Costa. Essas reflexões remetem à discussão sobre a elaboração e a aplicação do OA tendo em vista o conhecimento histórico e o ambiente escolar.

Como já foi dito, o OA *Caramuru, segundo João* é uma *fanfic*. Este gênero foi escolhido como uma possibilidade para o desenvolvimento da imaginação histórica, respeitando, obviamente, os limites que o ensino de História permite. A *fanfic* é um gênero ligado ao mundo digital. Geralmente, são escritas por adolescentes aspirantes a escritores e postadas em plataformas, como a *Wattpad*. Para entender sobre esse gênero, foi necessário

buscar informações no livro *Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo* (2017) da escritora Anne Jamilson.

Segundo Alexandre Barbosa (2016, p. 38), em sua dissertação, *A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si*, a consciência histórica é formada por símbolos, narrativas e imagens que as pessoas mobilizam quando lembram de uma determinada época. Assim, pode-se afirmar que *Caramuru, segundo João* pode ser utilizado como um recurso para expandir o repertório cultural do aluno sobre a formação da identidade nacional, assim colaborando para a configuração de uma consciência histórica crítica (a literacia histórica) e o letramento literário.

Tendo em vista as questões apresentadas, já é possível perceber que o tema escolhido para esta pesquisa se liga diretamente à linha de pesquisa do Mestrado Profissional em História Ibérica: Cultura, Poder e Religião. Esses três conceitos se apresentam tanto na análise do projeto colonizador pregado na epopeia, quanto nas percepções da permanência da visão excludente após a Independência do Brasil. Já a Área de Concentração, Ensino e Pesquisa de História Ibérica, permite o foco da pesquisa sobre a relação entre a epopeia *Caramuru*, a colonização portuguesa e a presença de elementos ibéricos na formação da identidade nacional brasileira.

Portanto, o OA *Caramuru, segundo João* desenvolvido nesta pesquisa pode ser utilizado na Educação Básica para trabalhar questões relacionadas à identidade nacional e colonização do Brasil, numa perspectiva interdisciplinar entre História e Literatura/Língua Portuguesa, pensando que o trabalho de produção de leitura e de textos deve (ou deveria) ser realizado por professores de todas as áreas.

PARTE I: CARAMURU, SEGUNDO JOÃO

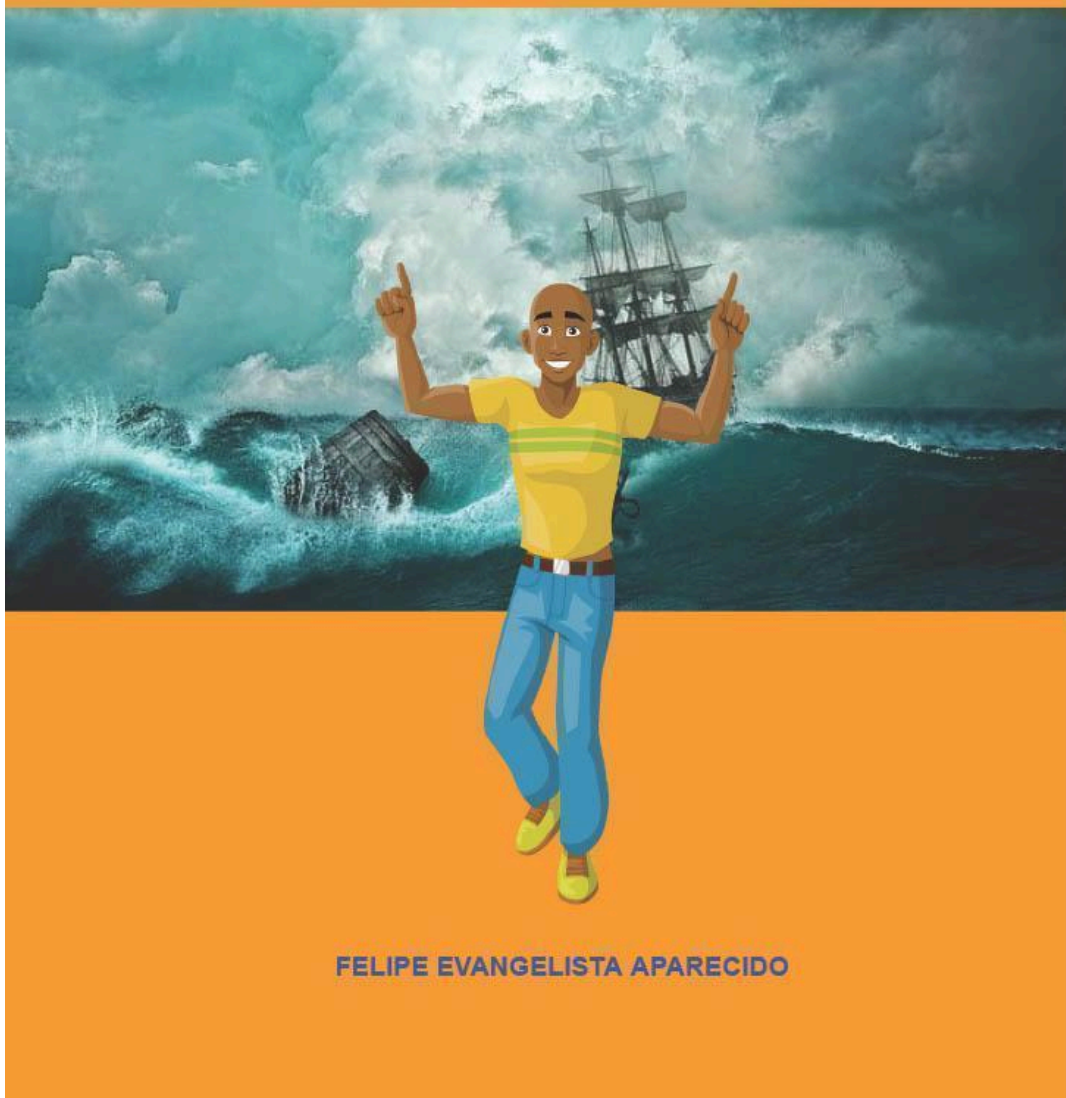
2.1 APRESENTAÇÃO DA PARTE I

Nesta parte da dissertação, é apresentado o Objeto de Aprendizagem desenvolvido nesta pesquisa. É uma *fanfic* chamada de *Caramuru, segundo João*. Não é necessário fazer uma apresentação de cada parte do OA neste momento, pois ele é autoexplicativo e fácil de ser compreendido, além da explicação ser feita nas próximas seções, especialmente na Parte III. Se o leitor desejar conhecer os detalhes sobre a pesquisa antes de ler a *fanfic*, é possível ler a Parte II e a Parte III e apenas depois voltar para esta seção. O OA será postado em diversas plataformas virtuais e disponibilizado para os professores interessados em utilizá-lo em sala de aula. Para acessá-lo é necessário clicar no seguinte *link*: https://drive.google.com/file/d/1CC5yN7C58vSvj4PFS4xNL_xDAE8xR-3I/view?usp=sharing

Nas próximas páginas serão apresentadas apenas as imagens ilustrativas do *e-book*. Para ter acesso aos links constantes no *e-book*, é necessário fazer o *download* do arquivo.

2.2 OBJETO DE APRENDIZAGEM: *CARAMURU, SEGUNDO JOÃO*

CARAMURU, SEGUNDO JOÃO



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
UMA EPOPEIA???	8
EU NÃO SOU BRASILEIRO?	10
MOEMA SEGUNDO DANDARA	12
UM GRANDE PEIXE	17
UM PEIXE QUE CORRE NA PRAIA?	21
UM MISTÉRIO PARA JOÃO	26
A OBSESSÃO DO PROFESSOR CARLOS	31
ME LEVE AO SÉCULO XVIII, POR FAVOR	34
UM ENIGMA CHAMADO BRASIL	37
E OUTRA VEZ, O PEIXE GRANDE	40
A CRIANÇA QUE NÃO CONSEGUIA DORMIR	43
E AGORA, JOÃO?	51
CARAMURU, SEGUNDO JOÃO	56
CARAMURU, SEGUNDO VOCÊ	58
PRIMEIRO PRESENTE	61
SEGUNDO PRESENTE	68
TERCEIRO PRESENTE	69
GUIA DO PROFESSOR	71
REFERÊNCIAS	81

Todas as imagens que não apresentam a fonte e o nome do autor são do *Pixabay* ou do *Pexels*.



APRESENTAÇÃO

Como vai? Sim, eu sei que é estranho começar a apresentação de um livro perguntando como você está, pois, afinal, não nos conhecemos. Para você, sou apenas um punhado de letras que provavelmente pensou em ignorar, pois não está conseguindo conter a pressa para começar a leitura do *e-book* e está pensando que poderia fazer isso sem essa enrolação chamada “apresentação”.

Prazer, meu nome é Felipe e eu não entendo a sua pressa: o texto não sairá do lugar e ainda estará te esperando assim que terminarmos esta nossa conversinha. Lembra-se dos conselhos que os seus pais, responsáveis ou professores já estão cansados de repetir? Pois é, eu também me lembro de um bom conselho: “a pressa é inimiga da

¹ Imagem do autor.

perfeição”. Então, seja uma boa pessoa e leia com atenção esta parte introdutória para que possa ter uma prazerosa leitura depois.

Vou fingir que você disse que está tudo bem contigo e que ainda foi simpático me perguntando como estou. Estou bem, bem mesmo, obrigado! Estou alegre porque você está fazendo parte de um dos meus sonhos que era escrever um livrinho e ter, pelo menos, um leitor. Por isso, estou contente por você dedicar parte do seu tempo lendo este *e-book*.

Como estou satisfeito, prometo retribuir o seu esforço e te entregar uns presentinhos, contar alguns segredos para auxiliar na sua leitura e torná-la ainda mais proveitosa. Antes disso, gostaria de contar como realizei o meu sonho. Este *e-book* foi desenvolvido na minha dissertação “*Caramuru, segundo João: da epopeia à fanfic*”, no Mestrado Profissional em História Ibérica, da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG).

Ei, leitor ou leitora, VOLTE AQUI! Para onde você estava indo? Nada de fugir da leitura da apresentação, ok? Desculpe a minha inquietação, é que você começou a pensar em outras coisas e fiquei com medo de você me deixar aqui falando sozinho e já começar a ler a história.

Agora vamos abrir a caixa de presentes que eu prometi.

O que você pensou quando leu o título “*Caramuru, segundo João*”? Você sabe quem foi Caramuru? Bem, eu vou te contar. Mas, para isso, preciso que volte no tempo por quinhentos anos. Quem vivia aqui nestas terras que hoje chamamos de Brasil? Sim, acertou! A resposta são os *povos originários*, que são mais conhecidos como *indígenas*. Sim, eles já moravam nestas terras antes de os portugueses chegarem aqui após atravessarem o oceano em 1500.

Mas os navegadores voltaram para as suas viagens. Não vieram para morarem aqui. Um dos primeiros portugueses a morarem no Brasil foi

Diogo Álvares Correia, o Caramuru. Ele chegou aproximadamente uma ou duas décadas depois de Pedro Álvares Cabral. Mas a diferença é que Caramuru chegou como sobrevivente de naufrágio e não tinha como voltar.

Pense na situação do Caramuru. Após uma tempestade, um homem se encontra em uma terra diferente. Para sobreviver, ele precisa interagir com os povos de outra cultura e com uma visão de mundo totalmente diferente. Como você acha que isso aconteceu? O que ele fez?

Caramuru não escreveu um livro para contar como foi a sua história, mas existe uma carta de um informante lá na primeira metade do século XVI que conta algumas coisas interessantes. A carta foi escrita pelo padre Manuel da Nóbrega que chegou em 1549 ao Brasil para liderar a primeira tentativa de catequizar os povos que aqui já moravam. Nela, ele conta que Caramuru era o principal responsável pela relação entre os portugueses e os nativos e que era considerado como o “pai dos indígenas convertidos”.

Estranho, não? Sabe de uma outra coisa curiosa? Segundo o padre, Caramuru teria até mesmo uma esposa que era conhecida como Caramurua. Mas há boatos de que Caramuru teve várias outras amantes, mas o padre ocultou isso em suas cartas.

A verdade é que Caramuru e Paraguaçu (o nome que a esposa de Caramuru ganhou posteriormente) se tornaram um mito importante na história do nosso país. Em alguns momentos específicos, os dois chegaram a ser considerados os pais do Brasil, acredita? Para com isso!!! Apenas porque você não sabia disso, não quer dizer que eu esteja mentindo.

Desde o século XVI, já havia pessoas curiosas sobre o mito do naufrago que conviveu com os povos indígenas (você se lembra do padre

informante? Bem, ele não foi o único a se interessar pela história). Mas foi no século XIX que esse mito chamou a atenção dos escritores românticos que, após a Independência do Brasil, queriam criar uma identidade nacional para nós. Em outras palavras, queriam inventar o Brasil. Aliás, foram eles que começaram com essa história maluca de chamar esse casal de papai e mamãe...

Mas como uma história se manteve viva por tanto tempo? Quais seriam as relações entre um naufrago do século XVI e a identidade nacional? Sabe como tudo isso aconteceu? Tudo se liga ao século XVIII, especificamente a uma epopeia que foi elaborada pelo frei José de Santa Rita Durão.

Você já ouviu alguém falar que “quem conta um conto aumenta um ponto”? Bem, o frei José de Santa Rita Durão pegou todos os contos e os pontos do mito e colocou em uma obra e ainda colocou reticências ao escrever a sua epopeia. Uma das características que esse gênero apresenta é a de louvar grandes momentos de um povo por meio da exaltação dos feitos de um herói. Durão escolheu Caramuru como o herói da sua epopeia que visava enaltecer a história de Portugal.

Essa obra misteriosa apresenta o título *Caramuru. Poema épico do descobrimento da Bahia*. Apesar de o frei ter demorado anos para compor o poema, a recepção do público e da crítica de sua época parecia demonstrar que seus esforços teriam sido em vão. O próprio autor morreu não sabendo que a sua obra ganharia notoriedade posteriormente.

Mas, no século XXI, essa epopeia misteriosa ainda é pouco conhecida. Curiosamente, por uma ação do acaso (ou não), a obra foi encontrada por um adolescente corajoso chamado João. Neste *e-book*, você vai conhecer esse menino que teve a sua vida transtornada e

precisou enfrentar os fantasmas do passado e decifrar os mistérios que assombram a epopeia.

Este *e-book* apresenta uma *fanfic* chamada *Caramuru, segundo João*. Você sabe o que é *fanfic*? Bem, de qualquer modo, vou te contar: *fanfic* é uma abreviação da expressão em inglês *fanfiction* que significa *ficção de fã*. Geralmente, é uma história baseada em livros ou filmes famosos, mas pode ser feita em relação a qualquer obra de ficção. Existem *sites* especializados para a postagem de *fanfics*, por exemplo *Wattpad* e *Spirit: Fanfics e Histórias*, assim os fãs de determinada obra podem compartilhar experiências e ler as *fanfics* que os outros escreveram e publicaram.

Você deve estar pensando que eu menti, pois o texto da apresentação está terminando e parece que não entreguei nenhum presente. Peço apenas que reconsidere: os presentes que prometi são as Caixas Verdes de Informações que deixei no final de alguns capítulos para te ajudar durante a leitura. Eu sei que você deve estar um pouco descontente, mas me agradeça do mesmo jeito que agradeceria a sua avó ou sua tia quando você esperava ganhar um *smartphone* no seu aniversário e recebeu apenas uma camisa listrada. De nada! Eu sei que gostaria de ter recebido outra coisa, mas você precisava desses presentes para ter uma prazerosa leitura da intrigante jornada de João.

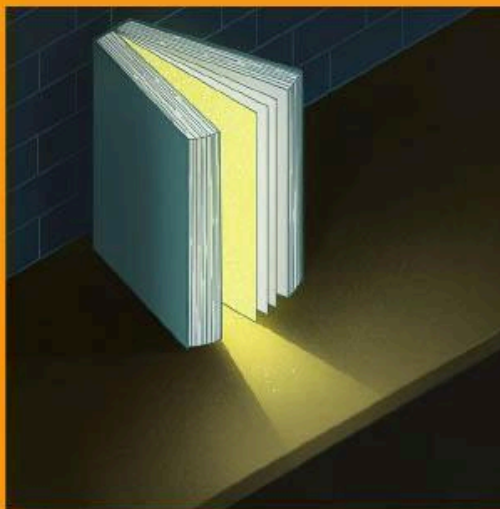
Boa leitura!

Felipe Evangelista Aparecido

PRIMEIRO PRESENTE

(clique na imagem para acessar o primeiro presente)





UMA EPOPEIA???

Era dia 7 de setembro. O sol mal tinha aparecido no horizonte para anunciar a data de comemoração da Independência do Brasil, mas João, um garoto de dezesseis anos, já percebeu que estava atrasado para o seu serviço. Não que tivesse uma hora marcada para começar a trabalhar, mas a presença das pessoas na praia demonstrava que ele estava perdendo dinheiro. Enquanto montava a sua barraca quebrada para vender bijuterias, João se culpava por ter passado a noite lendo a epopeia Caramuru.

Vendo que não adiantaria ficar reclamando sozinho, ele riu, pois, pela primeira vez, tinha estudado fora da escola. Mas será que aquilo era estudar? Nunca tinha visto um livro daquele jeito. Geralmente os poemas que a professora apresentava na aula de literatura eram pequenos e apenas sobre o amor romântico. Agora aquele calhamaço que

ele achou no lixo na noite anterior era sobre algo diferente... João continuou a se perguntar sobre o livro, pois, apesar de ter lido o primeiro canto duas vezes, ainda tinha dúvida sobre a temática da epopeia.

O subtítulo sugeria que o livro era sobre o descobrimento da Bahia, mas se era para escrever a história da formação da Bahia, não seria melhor se o autor tivesse feito um livro igual ao da aula de História? Qual seria o sentido de escrever um poema sobre a história de algum lugar? Essas perguntas passavam tão rapidamente pela mente de João que ele mal conseguia fazer uma formulação adequada.

João hipotetizou que talvez fosse um livro publicado depois de ele ter abandonado a escola, mas ignorou a ideia quando viu a data de publicação: 1781. Enquanto um senhor espiava as bijuterias que João estava vendendo, a saudade da escola o amargurava. Dois anos sem frequentar a escola para cuidar da sua mãe que ficou doente. Dois anos sem encontrar os seus amigos. Dois anos sem ver seu pai que foi assassinato.

João trabalhava durante o dia e, quando voltava para a sua casa, apenas lhe sobrava ânimo para conversar com a sua mãe e brincar com as coisas interessantes que ele achava no lixo da praia. No dia anterior, João tinha achado apenas aquele livro estranho que ele tinha embrulhado em um plástico e colocado em seu embornal. Será que conseguiria vender por alguns trocados?

NOTAS:

***Dia da Independência:** Apesar de a Independência do Brasil ter sido um processo complexo, o dia Sete de Setembro foi escolhido como um marco para o início da nação brasileira. Nesse dia é comemorado o Grito de Independência, proclamado por D. Pedro I, no Rio Ipiranga, em 1822.*



EU NÃO SOU BRASILEIRO?

Olhando para as pessoas que assistiam animadas a uma apresentação sobre a Independência do Brasil, João pensou “Bem, o Brasil já está com a sua vida feita, agora eu ainda preciso buscar a minha liberdade”. Logo depois, João refletiu que isso não fazia sentido, pois se o Brasil era independente, logo, ele, por ser brasileiro, também deveria ser livre. Pensando nisso, João hipotetizou que talvez não fosse brasileiro.

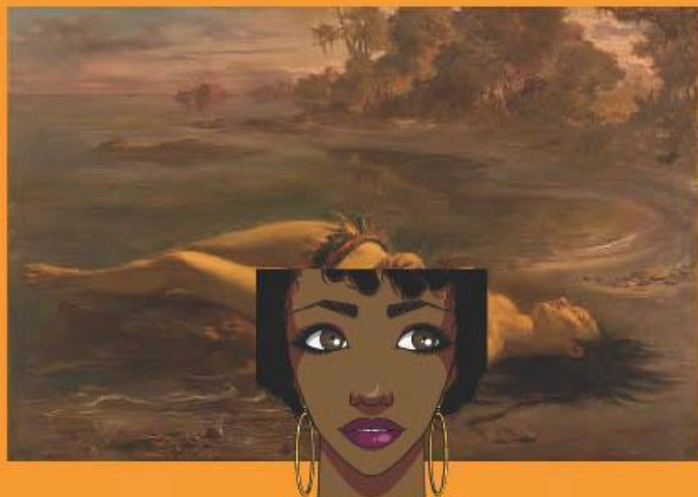
Mas por qual motivo não se sentia livre? João não sabia responder. Mas era um sentimento constante. Fazia dois anos que João não sentia que era livre. Desde que foi expulso da escola onde estudava, ele se sentia assim.

Bem, João não foi expulso. Primeiramente, ele apenas não conseguiu continuar a pagar as mensalidades da escola particular após o assassinato do seu pai. João ainda se lembrava do desconcerto do diretor ao comunicar que, infelizmente, ele deveria procurar outra escola.

Mas João também se lembrava do seu professor de História, Carlos, que insistiu para que ele aceitasse a sua ajuda financeira e continuasse na mesma escola. João resistiu inicialmente, depois aceitou por alguns meses, mas um outro problema surgiu... Bem, não era exatamente outro problema, mas um agravamento da situação. O professor também não tinha condições para continuar a pagar as mensalidades. Aceitando esses acontecimentos como se fossem destino, João deixou a escola. Mesmo se tivesse continuado a receber ajuda do professor, alguns meses depois João teria que abandonar os estudos, já que por um outro triste motivo iria precisar começar a trabalhar.

João ainda se lembrava, com emoção, do seu desespero para arranjar um emprego. Era urgente, pois, após Rafael, o pai de João, ter sido assassinado, Marta, a mãe de João, continuou a sustentar a família, mas logo depois ela começou a apresentar alguns sintomas que o médico julgava, possivelmente, ser de Alzheimer. Por isso, ela precisou se demitir do serviço em uma empresa de reciclagem de lixo para se cuidar.

Lembrando-se do seu passado e olhando para a apresentação sobre a Independência do Brasil, João pensou que, além de querer ser livre, ele também queria não ser esquecido. Mas João mesmo concluiu que os seus dois desejos eram apenas um, pois parte de ser livre, era ser lembrado.



MOEMA SEGUNDO DANDARA

_ João? Sim, é o João! _ enquanto caminhava distraído pela praia, João ouviu uma voz feminina falando o seu nome.

Ele olhou para tentar reconhecer a pessoa entre as outras centenas que estavam na praia. Quando já estava cansado de procurar, João ouviu os passos da pessoa chegando por trás e sentiu as mãos pequenas tapando os seus olhos.

_ Adivinha quem é? _ a pessoa perguntou.

_ Dandara.

João sentiu as mãos da moça liberando a sua visão. Dandara, uma jovem negra de aproximadamente quinze anos, estava olhando surpresa para ele.

_ Como assim? Você deve mesmo gostar de mim, ainda se lembra da minha voz. Faz dois anos que você não aparece na escola. Sumido! _ ela disse.

_ Como esquecer a voz da filha do professor Carlos? _ João falou baixinho, pois estava intimidado diante da moça.

_ Filha do professor Carlos? Esse é meu título? Desculpe, estou brincando, não precisa ficar bravo. E aí? O que o João, o filho da dona Marta, está fazendo na praia? Não parece que você veio para a comemoração do dia da Independência do Brasil.

_ Eu trabalho aqui _ João respondeu apontando para a sua barraca quebrada.

Dandara sorriu.

_ Não fique metido só porque tem uma barraca, eu também tenho uma barraca. Quer ver?

Ela puxou João até uma tenda que estava com várias obras de artes para a exposição do Dia da Independência.

_ Você pintou todos esses quadros? _ João perguntou, impressionado.

_ Sim, lembra que na escola eu ficava sempre escondida na hora do intervalo? Pois é, eu estava praticando. Por isso que me tornei a nova Picasso _ ela deu uma piscada.

Enquanto olhava para as pinturas, João percebeu que uma das pinturas era diferente das outras. A pintura mostrava uma multidão de pessoas mortas sendo levadas pelo rio. Essa obra distinta chamada “As Moemas da Silva” estava um pouco afastada das outras pinturas.

_ O que você está olhando? _ Dandara perguntou.

_ É diferente!

Dandara mostrou uma imagem no *smartphone* para João. A pintura mostrava uma mulher aparentemente morta sendo levada pelo rio para a praia. Embaixo da pintura estava escrito o nome do artista e a data da obra, Victor Meirelles, 1886.

_ Fiz minha pintura inspirada na obra de Victor Meirelles. Ele pintou a personagem Moema morta perto da praia. Essa pintura ficou famosa por ser vista como a representação do Brasil após a Independência, assim representando a identidade nacional. Então, eu pintei uma diversidade de pessoas de diferentes etnias e culturas, todas mortas, sendo levadas pelo rio, assim como Moema. É assim que eu vejo a identidade nacional brasileira. _ Dandara ficou séria após a explicação.

_ Você é mesmo uma *nerd*! Mas quem é Moema?

_ Moema é uma personagem do livro *Caramuru* do poeta Santa Rita Durão. Ela apaixonou-se por Diogo, que foi um dos primeiros portugueses a morar neste lado do mundo. Mas Diogo apaixonou-se por Paraguaçu, pois ela, ao contrário de Moema, deixou a sua própria cultura para se unir a ele na Europa. Assim, quando Diogo e Paraguaçu estavam indo para Europa, Moema tentou alcançar o navio, mas afogou-se.

_ Que história triste! _ João disse.

_ O que é isso em sua mão? É um livro? Depois, você ainda fala que eu é que sou *nerd*, injustiça. _ Dandara disse ao pegar o livro da mão de João.

Ela ficou surpresa.

_ Acredita que eu tinha um livro parecido com este até semana passada? Pera aí, este é o meu livro. Tem o meu nome. Você achou o meu livro? Eu fiquei desesperada quando percebi que tinha perdido o livro. Ainda bem que você achou. É deste livro que eu estava falando. É aqui que estão os versos sobre a morte de Moema. Deixa eu ler. Primeiro vou declamar os versos do ódio de Moema. É a parte que eu mais gosto. Finja que você é o Diogo, um português que partiu o meu coração. Eu sou Moema, cheia de fúria.

_ Pode ser _ João disse envergonhado.

_ Estrofe XXXVII _ disse Dandara. Depois, apontou o seu dedo indicador para o rosto de João e começou a ler os versos:

*Bárbaro (a bela diz) Tigre, e não homem...
 Porém o Tigre por cruel que brame,
 Acha forças amor, que enfim o domem;
 Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
 Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
 Como não consumis aquele infame?
 Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
 Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.*

Algumas pessoas começaram a olhar para João e Dandara. Ele ficou envergonhado e começou a se afastar. Ela o segurou e continuou a ler os versos, pois ficou feliz pela atenção do público.

_ Estrofe XXXIX _ disse Dandara, antes de recomeçar a ler os versos em voz alta. _

*Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,
 Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:
 Porém deixando o coração cativo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?*

João saiu da tenda, pois estava com vergonha. Mas Dandara deitou-se no chão como se estivesse nadando e continuou a leitura:

_ Estrofe XLII:

*Perde o lume dos olhos, pasma, e treme,
Pálida a cor, o aspecto moribundo,
Com mão já sem vigor, soltando o leme,
Entre as falsas escumas desce ao fundo:
Mas na onda do mar, que irado freme,
Tornando a aparecer desde o profundo;
Ah Diogo cruel! disse com mágoa,
E sem mais vista ser, sorveu-se n'água.*

João já estava longe, quase chegando a sua barraca quebrada quando Dandara o alcançou.

_ Você sumiu _ ela disse.

_ Tenho que trabalhar.

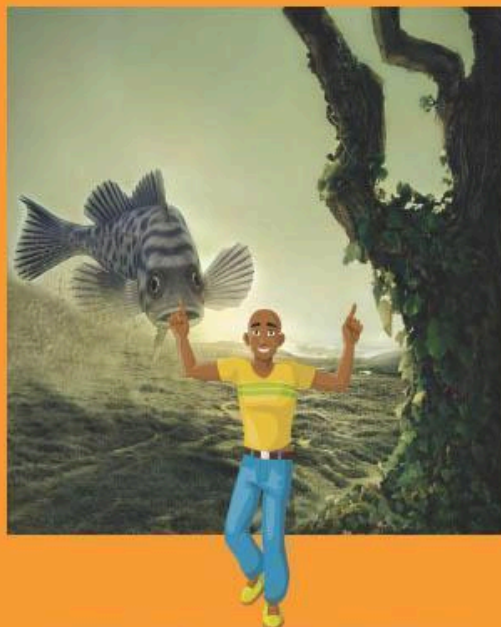
_ Está bem, eu só vim para devolver o seu livro. Pode ficar com ele. É o meu presente _ Dandara disse isso e antes que João respondesse qualquer coisa, ela já estava voltando para a sua tenda que estava na exposição de arte do dia da Independência do Brasil.

NOTAS:

1: *Pintura de Victor Meirelles, 1886. Você pode acessar a pintura pelo seguinte link:*

<https://artsandculture.google.com/asset/moema/XAGkidat7Mlmg?hl=pt-BR>

Acesso em: 20 ago. 2023.



UM GRANDE PEIXE

João não conseguiu vender uma única bijuteria naquele dia, pois estava distraído. Ao anoitecer, ele viu alguma coisa na água, deixando os seus materiais na beira da praia, ele seguiu para o mar com apenas o seu embornal na mão esquerda, talvez acharia alguma coisa valiosa para vender no outro dia.

Seria apenas mais uma noite normal se João não tivesse sido devorado por um grande peixe. O cheiro horrível e a escuridão dentro do peixe iriam deixar João inconsciente, se não fosse a fumaça quente e a luz de um pequeno fogo que estava aceso no interior do monstruoso animal. Estranhando que ainda estivesse vivo e que houvesse fogo dentro do peixe, João se aproximou da chama. Foi nesse momento que ele percebeu que não estava sozinho naquele lugar inesperado.

Um homem com roupas estranhas se aquecia perto das lenhas que sustentavam a única esperança de continuar vivo.

_ Que lugar é este? _ João perguntou, mesmo sabendo exatamente o lugar em que estava, mas ainda não conseguia racionalizar como aquilo tinha acontecido e principalmente o motivo de isso ter acontecido.

_ Você é negro? _ o homem perguntou.

_ Sim _ João respondeu sem entender qual era a importância dessa pergunta. _ Qual é o seu nome? _ João perguntou sem saber o que poderia falar em uma situação tão incomum.

_ Sou o Frei José de Santa Rita Durão _ disse o homem estranho.

João olhou para todos os lados antes de perguntar:

_ Então, José, o que está acontecendo? Não parece algo real! Estou sonhando?

_ Eu também não sei o que está acontecendo. Deve ser punição de Deus. Na verdade, não importa, a comida irá acabar em breve e nós dois iremos morrer. Apenas Deus é capaz de me perdoar. Você também cometeu algum erro?

_ Erro?

_ Estou aqui por ter agido por ambição. Traí meus companheiros padres e confiei em pessoas ingratas. Tudo por ambição _ o frei confessou.

_ Sinto muito.

_ Eu queria que o Marquês de Pombal me oferecesse um cargo específico na Universidade de Coimbra. Como eu sabia que ele estava precisando de apoio contra os padres jesuítas, escrevi um texto para justificar a perseguição contra eles. No final, os jesuítas foram expulsos

de Portugal, o meu superior recebeu a recompensa que deveria ser minha e eu estou aqui sendo punido.

_ Punido?

_ Sim, já pedi perdão ao papa, já escrevi a epopeia Caramuru para louvar a missão catequética dos jesuítas, mas, mesmo assim, não fui perdoado.

O frei olhou atentamente para o João: _ Você ainda não me contou o que fez para estar aqui.

_ Bem, eu não fiz nada além de trabalhar _ João respondeu tentando se lembrar de possíveis erros.

_ Então, você não estava fugindo do seu senhor? Você não é um escravo?

_ Senhor? Como assim? Eu não tenho senhor! Sou livre! _ João se indignou _ eu estava na praia quando um peixe enorme se aproximou de mim e antes que eu pudesse fugir, ele me engoliu. Espera. Você disse que tem comida neste peixe maluco? Cadê a comida?

Santa Rita Durão, um pouco confuso, acenou mostrando um pequeno peixe que estava em um espeto perto do fogo, antes de concluir a sua opinião sobre João:

_ Você fugiu do seu senhor e é um garoto soberbo.

João se alimentou e dormiu, esquecendo-se do homem estranho que o acompanhava naquele pesadelo. Durante o sono atormentado, ele se sentiu como se estivesse viajando, com enjoos, numa movimentação incomodante do seu condutor.

Os dois tripulantes acordaram ao perceberem que estavam se afogando. Pensaram que iriam morrer, pois uma enxurrada entrava pela boca do peixe, mas, ao se levantarem, perceberam que a água não chegava até às suas cabeças. Iriam sobreviver, João sentiu um alívio, pois

poderia voltar para a sua casa e cuidar da sua mãe, já o seu companheiro também se aliviou, pois ainda queria se livrar da culpa que sentia antes de encontrar o seu criador.

Ambos pressentiram o que estava acontecendo, o peixe os lançou para fora de si, em um grande vômito. Temendo cair na água, se sentiram ainda mais esperançosos quando caíram na areia da praia.

Mesmo estando atordoado, João se levantou rapidamente. Olhou em volta, ficou surpreso, não estava na mesma praia que conhecia. Até poderia ser, mas, em vez da vista de pessoas e prédios, ele apenas enxergou uma enorme floresta.

_ Deus me perdoou. Estou no paraíso - disse Santa Rita Durão. Depois, olhou para João e disse: _ Um negro nas terras celestiais!

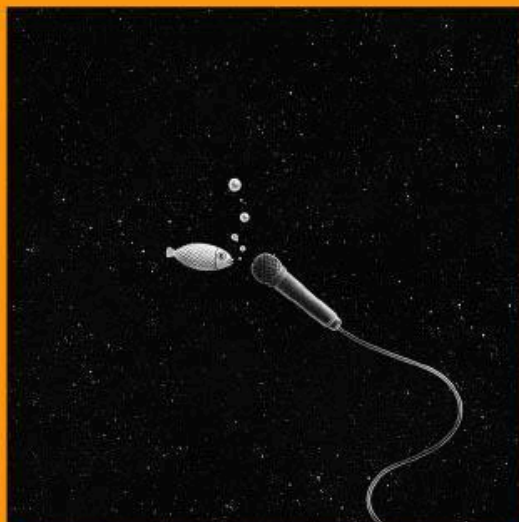
João ignorou a fala do frei, apenas respondeu:

_ Adeus, frei. Tenho um longo caminho até chegar à minha casa

João caminhou por horas pensando que iria chegar até ao lugar da praia em que trabalhava. Mas não encontrou. Quando o sol estava nascendo, o garoto desistiu de caminhar. Pegou o seu embornal molhado, procurando alguma coisa para comer. Não encontrou alimento, apenas o livro velho “Caramuru”. No entanto, algo chamou a sua atenção: na capa estava o nome do autor, que era o mesmo que o do seu companheiro na tribulação dentro do peixe: José de Santa Rita Durão.



SEGUNDO PRESENTE (clique na imagem para acessar o segundo presente)



UM PEIXE QUE CORRE NA PRAIA?

João acordou no hospital. A sua cabeça estava sonolenta e dolorida. Uma enfermeira estava no quarto, olhando para ele.

_ Como se sente? _ ela perguntou.

_ Que lugar é este?

_ Você ficou desacordado por algum tempo. Ainda bem que foi encontrado, pois era madrugada e a praia estava quase vazia. Como se sente? Está bem?

_ Não estou me sentindo bem, mas considerando que fui engolido e vomitado por um peixe, devo agradecer por estar vivo.

_ Oi? _ ela disse surpresa. _ Tudo bem. _ ela se recompôs. _ Em breve, você vai ficar bem. Tem um senhor que quer vê-lo. Foi ele que te trouxe para o hospital. Disse que tem algo importante para conversar

com você. Mas você se sente pronto para conversar com alguém agora? Tudo bem, se não estiver.

_ Pode deixar entrar. _ João respondeu, curioso para saber quem seria a pessoa que iria entrar na sala.

Alguns minutos depois que a enfermeira saiu, ela voltou acompanhada de um homem alto e sério, que João o reconheceu como Carlos, o seu antigo professor de História.

“Ele quer que eu volte para a escola” João pensou.

_ Como vai?_ Carlos perguntou. _ Acho que isto é seu. _ ele disse entregando o saco plástico molhado com o livro Caramuru dentro. _ Não sabia que você gostava de ler epopeias.

_ Não gosto, é chato, e o autor é pior ainda, um pouco grosseiro.

O professor riu.

_ O autor já morreu. Você leu alguma biografia dele?

_ Apenas as poucas linhas, atrás do livro, sobre o autor, mas pessoalmente ele não é um cara legal _ João disse, ignorando que o seu professor tinha dito que o poeta já era falecido.

_ Ah, sim. A enfermeira me disse que você está um pouco desorientado. Como é que é? Ah, sim, que tinha sido engolido e vomitado por um peixe.

João riu, e a sua cabeça doeu ainda mais.

_ Eu sei que é difícil acreditar, mas é verdade.

_ Tudo bem. Como vai a sua mãe? _ o professor perguntou.

_ Doente. Se ainda se lembrasse de mim, estaria preocupada por eu não ter retornado para casa ontem. Estou preocupado com ela..

_ Fique tranquilo. Vou até a sua casa ver como ela está.

_ Obrigado! Posso fazer uma pergunta? Já leu o livro Caramuru?

_ Não sou tão corajoso quanto você. É bom?

_ Não entendi quase nada. Olha a primeira estrofe. _ João abriu o livro e apontou para os seguintes versos que ele leu em voz alta, apesar de estar quase sem forças:

Canto I

I

*De um varão em mil casos agitado,
Que as praias discorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.*

O professor ouviu atentamente a leitura de João. Apesar da voz fraca e amedrontada, era possível perceber que alguma coisa naquele livro incomodava o seu antigo aluno.

João perguntou:

_ E então? Quem é o cara que corria na praia e por que ele é o filho do trovão?

Carlos pegou o livro e apontou para o título, mas o menino não pareceu satisfeito.

_ Caramuru. _ o professor disse em voz alta.

_ Mas um peixe corre na praia?

O professor riu, antes de responder.

_ Ah, entendi, João. Eu tinha me esquecido de que Caramuru também é um nome de peixe. Mas o Caramuru do título não se

refere ao peixe, mas ao Diogo Álvares Correia, um português que chegou náufrago ao que chamamos hoje de Brasil, especificamente à Bahia.

João ficou curioso.

_ Então, ele se chama Caramuru por ter saído da água igual a um peixe?

_ Possivelmente, segundo algumas vertentes da lenda.

_ E por que o poema fala que ele domou fera gente? Pensei que fera era fera, e gente era gente. Fera gente é complexo.

O professor Carlos olhou para o relógio.

_ Bem, é realmente complicado falar disso em tão pouco tempo. Eu soube que a escola irá oferecer bolsas de estudo e ainda um valor mensal para auxiliar estudantes de baixa renda. Creio que você consiga uma vaga e a ajuda financeira. Que tal você voltar para a escola e montarmos um grupo de pesquisa para os alunos que se interessarem pela obra? Assim, teremos muito tempo para conversar sobre o livro e as suas dúvidas.

João pareceu contrariado.

_ Não sei. Acho que o autor não iria gostar, ele é sistemático.

_ Bem, então é melhor ele não ficar sabendo _ o professor brincou, mas depois voltou a ficar sério _ Melhoras. Fique tranquilo que irei visitar a sua mãe e ver se ela está bem.

_ Apenas mais uma pergunta. Santa Rita Durão morreu engolido por um peixe? _ João gritou para que Carlos pudesse ouvi-lo, pois já estava perto da porta.

_ Provavelmente, não. Na verdade, não sei como ele morreu, mas essa pode ser uma das questões que poderemos discutir no nosso grupo de estudos. Dandara iria adorar participar das discussões _ Carlos disse sorrindo, esperando que João confirmasse que voltaria para escola.

Após o professor sair, João passou horas tentando saber se tinha realmente sido engolido e vomitado por um peixe ou se seria apenas um sonho.



UM MISTÉRIO PARA JOÃO

João dormiu por vários dias após retornar para a sua casa. O cansaço acumulado nos últimos dois anos o segurou por quase uma semana na cama. Estava estressado e precisava descansar, foi o diagnóstico médico. Aliás, segundo a médica, o seu professor, a sua amiga Dandara e qualquer pessoa consultada sobre o assunto, foi por isso João que teve a alucinação sobre o peixe gigante e de ter visto o poeta já falecido há séculos. João não ligava se era uma alucinação ou não, ele até chegou a dizer que se isso não fizesse mal até poderia repetir outras vezes. Era uma história para contar.

Foi exatamente isso que João começou a fazer após se recuperar quase uma semana depois. Começou a escrever os acontecimentos fantásticos que ele lembrava como se ainda estivesse os vivenciando. Era

isso que ele estava fazendo quando ouviu uma batida na janela. Pensou que era apenas sua imaginação, mas as batidas se multiplicaram.

Ao abrir a janela, João viu Dandara.

_ O que está acontecendo? _ ele perguntou várias vezes enquanto ela pulou através da janela.

_ Preciso da sua ajuda. Na verdade, eu precisava da ajuda de Sherlock Holmes, mas vou me contentar com o detetive João. _ Dandara disse após se sentar na cama.

João ainda estava perto da janela tentando entender o que estava acontecendo.

_ Aconteceu um mistério, João. Acredita? Pensei que eu iria morrer sem ter a experiência de vivenciar um mistério. Olha como sou sua amiga, eu vou deixar você participar do meu mistério. Senta aqui para eu explicar tudinho _ Dandara disse batendo a sua mão sobre a cama.

_ Então, o que aconteceu? _ João perguntou impaciente.

_ Lembra que você me viu na exposição de comemoração do dia da Independência?

_ Claro.

_ Então, naquele dia, à noite, aconteceu uma coisa estranha. Quando o meu pai te encontrou na praia inconsciente, ele te levou ao hospital. Enquanto o meu pai estava fora, eu estava terminando de guardar as minhas pinturas e os materiais que levamos para a exposição. A praia estava quase deserta. As únicas pessoas que restavam eram as que também estavam trabalhando. Até que apareceram duas criaturas estranhas na minha barraca.

_ Criaturas? _ João perguntou.

_ No começo, pensei que fossem pessoas fantasiadas para comemorar a data, mas agora tenho sérias dúvidas quanto a isso. Era uma criança e um homem estranho. A criança era alegre e parecia ser inofensiva, mas o homem era sério, amedrontador e tinha uma movimentação estranha, como se fosse um fantasma. Mas o mais terrível é que ambos tinham os olhos coloridos como se fossem a bandeira do Brasil _ Dandara falou como se estivesse duvidando do que ela mesmo estava contando. Sabe o que é pior? Quando eles foram falar comigo, a voz dos dois, em alguns momentos, era uníssona, como se, de vez em quando, os dois tivessem apenas uma única voz.

_ O que eles queriam? _ João perguntou.

_ A minha pintura. Lembra-se do quadro “As Moemas da Silva”? Eles ofereceram duzentos mil por ele.

_ Que legal. Meus parabéns _ João disse animado.

_ Eu não vendi, obviamente. Todas as minhas pinturas juntas não valem dez mil. Então, quais seriam os motivos de uma pintura específica ser vendida por esse absurdo?

_ Quem liga para os motivos? _ João perguntou tentando entender a decisão da amiga.

_ Eu _ disse Dandara.

_ Esse é o mistério? Você quer que eu descubra um motivo lógico para a sua decisão?

_ Quem dera. Quando eu disse que não iria vender, a criança ficou triste e o homem não teve medo demonstrar a sua fúria. Eles queriam a pintura para comemorar o aniversário de duzentos anos da criança. Com muita raiva, o homem cuspiu na pintura e ela simplesmente pegou fogo. Em alguns segundos, “As Moemas da Silva” eram apenas um amontoado de cinza no chão. Então, eu comecei a chorar, e o homem dava risadas

debochadas. _ Dandara começou a chorar ao lembrar dos acontecimentos.

_ Sinto muito _ disse João.

_ Isso não foi tudo. Quando o meu pai voltou do hospital, as duas criaturas ainda estavam lá na tenda, a criança triste e o homem rindo de mim. Assim que o papai chegou, o homem parou de rir. Parecia que estavam esperando por ele, pois logo perguntou: “O senhor é o professor Carlos?” Quando o meu pai respondeu que sim... o homem cuspiu fogo no seu rosto.

_ O professor Carlos pegou fogo? _ João perguntou assustado.

_ Eu também pensei que o meu papai iria ter o mesmo destino que a minha pintura. Mas não aconteceu nada. O meu pai ficou bravo, e eles saíram pela praia em silêncio. Nada de fogo.

_ Ainda bem _ João disse.

_ Eu também fiquei aliviada. Mas desde aquele dia o meu pai está estranho. Não saía do quarto. Eu tenho que levar comida e água para ele no quarto. Ele fez um painel. Colocou várias imagens antigas pregadas na parede. Fica gritando os versos da epopeia Caramuru. Espalhou os livros de História pelo chão. Ou seja, ele está quase louco _ ela disse insinuando algo com o rosto e as mãos.

_ Você acha que isso foi provocado pela cuspida do homem? _ João perguntou.

_ Certamente _ Dandara confirmou, antes de pegar o celular e mostrar as fotos do painel do professor Carlos.

_ Ele me colocou no painel _ João gritou.

_ Não apenas você, ele também colocou o seu pai e a sua mãe no painel, João _ Dandara disse ao ampliar a fotografia.

João começou a tremer ao ver o que ela estava mostrando. Eram duas folhas pregadas no centro do painel. A primeira era um pedaço de uma manchete de jornal noticiando o assassinato do seu pai e a outra folha era o diagnóstico médico sobre a perda de memória da sua mãe.

_ O que meus pais têm a ver com isso tudo? _ João perguntou em lágrimas.

_ Eu não sei _ Dandara disse ao abraçá-lo.



A OBSESSÃO DO PROFESSOR CARLOS

Dandara não precisou de muitos argumentos para convencer João a ir até a sua casa. Ela queria que ele visse o professor Carlos. Ela precisava que alguém sentisse o seu desespero. O táxi demorou uma hora para levá-los.

Apesar de João ter ficado apenas duas semanas dentro de casa, ele sentia um certo estranhamento ao ver o mundo novamente. Os prédios, as pessoas e a praia pareciam diferentes. Tudo parecia novidade. Mas tinha algo que João realmente nunca tinha visto e estava curioso para ver: a casa do professor Carlos e da Dandara.

Eles moravam em uma casa afastada da cidade. Entre as várias árvores estava uma casa enorme e antiga. Ao descer do táxi e caminhar pelo gramado até a porta da casa, João pensou que parecia que ele estava sonhando e que estava em algum castelo abandonado. Ao subir pelas escadas, acompanhando Dandara, João sentiu como se estivesse subindo em uma torre.

_ Segure o corrimão para não cair _ Dandara disse.

Os dois subiram em silêncio até chegar ao último andar.

Ao chegarem ao quarto de Carlos, João percebeu que a situação era mais grave do que imaginava. O professor Carlos estava escrevendo nas paredes com um pincel atômico a seguinte estrofe:

VII

Nem podereis temer, que ao santo intento

Não se nutram Heróis no Luso Povo,

Que o antigo Portugal vos apresento

No Brasil renascido, como em novo.

Vereis do domador do Índico assento

Nas guerras do Brasil alto renovo,

E que os seguem nas bélicas idéias

Os Vieiras, Barretos, e os Correias. (VII)

Carlos demorou para perceber a presença de João, mas quando o viu, alegrou-se.

_ João, não acredito que você está aqui _ Carlos abraçou João e começou a chorar _ Me desculpe. Eu errei. Você estava certo. Você realmente foi engolido por um peixe e viu o poeta Santa Rita Durão.

Antes, João pensava que queria que outras pessoas acreditassem em sua história, mas ao ouvir o professor Carlos fazer isso, ele sentiu pena. Carlos realmente não estava bem. Afinal, qual pessoa em perfeito juízo acreditaria que uma pessoa teria sido engolida por um peixe e que teria visto um poeta já falecido?

Mas Dandara também tinha falado coisas absurdas. Uma criança de duzentos anos e um homem cuspidor de fogo e loucura? Os dois com os

olhos da cor da bandeira do Brasil? Pensando nisso, João concluiu que, naquela sala, ou todo mundo estava louco, ou ninguém estava louco.

Ambas as hipóteses assustavam João.



ME LEVE AO SÉCULO XVIII, POR FAVOR

Com muito esforço, Dandara e João conseguiram convencer o professor Carlos a descansar e depois a tomar sopa. Os três se alimentaram da sopa ali mesmo no quarto. Eles levavam a colher à boca ao mesmo tempo em que olhavam distraidamente para as imagens e rabiscos na parede.

Após terminarem a sopa, João perguntou:

_ Carlos, qual é a relação entre os meus pais e essas coisas misteriosas que aconteceram?

_ Não sei, infelizmente. Falta um ponto para unir todos os eventos misteriosos.

_ O que já sabemos? _ João perguntou.

_ É melhor não focarmos nisso, João _ Dandara interrompeu, preocupada com o bem-estar do seu pai.

_ Não se preocupe, querida _ Carlos disse _ acho que conversar sobre essas coisas irá me ajudar.

Os três ficaram em silêncio por alguns instantes antes de Carlos se levantar e começar a tentar desvendar as questões misteriosas que os assombravam.

_ João, eu pensei muito sobre o que você me contou no hospital. No começo, eu pensei que você tinha tido um sonho, mas depois aquela história sobre o peixe e Santa Rita Durão me deixou intrigado _ Carlos desviou o olhar para a sua filha _ Dandara, tem três coisas que unem a história de vocês dois.

_ Três? _ Dandara e João perguntaram uníssonos, mas se entreolharam assustados ao se lembrarem do homem e da criança que também falavam assim.

_ Primeiro, o dia em que aconteceu. Tanto a história sobre o peixe quanto a da dupla misteriosa aconteceram na comemoração do Dia da Independência do Brasil. Segundo, o lugar, ambos os eventos aconteceram na praia. Terceiro, os dois mistérios apresentam ligações com a epopeia Caramuru do frei José de Santa Rita Durão.

_ Essas coisas são óbvias _ João disse decepcionado._ Quero saber de soluções.

_ Tanto o peixe quanto a dupla misteriosa estavam à procura de arte. O peixe engoliu o poeta Santa Rita Durão e o João que estava com o livro do poeta. Já a criança e o homem queriam a pintura “Moemas da Silva”. Os dois seres misteriosos estavam interessados, direta ou indiretamente, na epopeia Caramuru _ Carlos continuou.

_ Interessados neste livro _ João disse mostrando o livro que estava com ele.

_ Interessados nesse livro e na Independência do Brasil _ Dandara completou.

_ O que vamos fazer? _ Carlos perguntou _ parece que ainda tem uma ponta solta _ disse se sentindo culpado.

_ Espere. Descobri _ João disse antes de tomar o celular da mão de Dandara.

João ficou pesquisando por algum tempo até que encontrou algo que brilhou o seu olhar.

_ O que é? _ Dandara perguntou curiosa e impaciente.

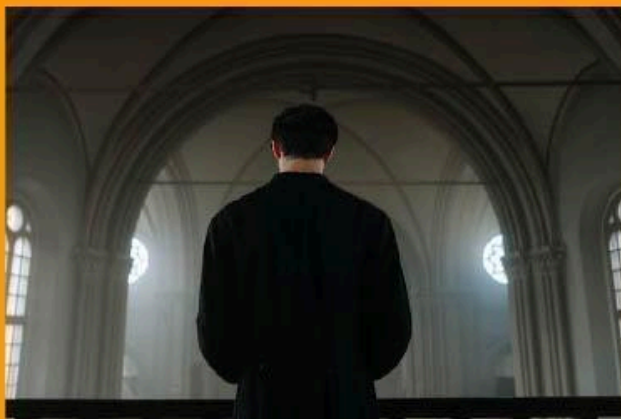
_ Eu também estava sentindo que tinha uma ponta solta que poderia trazer uma solução para esses mistérios. Mas não sabia o que era. Então, descobri algo. Lembra que o poeta Durão e eu fomos vomitados pelo peixe? _ João perguntou como se estivesse revelando o mistério.

_ Não entendi _ Carlos disse.

_ Vomitados no presente. Eu voltei ao meu tempo normal, mas o poeta é do século XVIII. Logo, ele foi deixado fora do seu século, no presente. Então, pesquisei na internet notícias sobre pessoas que apresentaram surtos mentais nas últimas duas semanas. E aqui está o nosso poeta. Olha a manchete: ME LEVE AO SÉCULO XVIII, POR FAVOR. A notícia é sobre um homem que mora na rodoviária e tem afirmado que é o poeta Santa Rita Durão e que deseja voltar ao século XVIII _ João disse orgulhoso de ter contribuído com a investigação.

_ Você acha que essa pessoa é o próprio frei José de Santa Rita Durão? _ Dandara perguntou.

_ Tenho certeza! _ João respondeu olhando para a fotografia presente na notícia.



UM ENIGMA CHAMADO BRASIL

Não foi difícil achar o frei Santa Rita Durão, pois, na reportagem, tinha várias informações, então bastou uma ou duas ligações e a localização já estava disponível. O táxi demorou quase uma hora para chegar até à rodoviária. Carlos, Dandara e João foram em silêncio, pois o que eles queriam conversar, provavelmente, seria considerado loucura pelo taxista, e, além disso, eles ainda tinham que aproveitar o tempo para desvendar ainda mais o mistério. Parecia surreal, eles estavam indo encontrar um poeta do século XVIII.

O frei José de Santa Rita Durão estava sentado em um banco sozinho, pois as outras pessoas o evitavam, já que seu comportamento era estranho. Quando o trio chegou, o poeta simplesmente continuou a falar sozinho:

_ Brasil, acredita? Isso é o Brasil. Eu nasci aqui. Escrevi uma epopeia sobre este lugar, mas não conheço nada sobre o Brasil.

_ Com licença, queremos fazer algumas perguntas _ João disse para chamar a atenção do poeta.

Quando Santa Rita Durão viu João, começou a bater palmas e depois disse:

_ Eu te conheço. Eu te conheço. Você é a única prova de que eu não estou louco, você me viu dentro do peixe. Eu achei que estava estranho dentro do peixe, mas o mundo está mais fantasioso aqui fora. Que loucura! _ disse o frei que ora olhava para João, ora já estava falando sozinho novamente.

Santa Rita Durão apontou para os ônibus e reclamou:

_ Essas carroças gigantes são péssimas. Um peixe foi capaz de me trazer para este século, mas me disseram que essas carroças não são capazes de viajar no tempo. Talvez, com a ajuda de um cavalo gigante, seria possível ...

_ Fala mais sobre o peixe _ João interrompeu.

_ Escrevi uma epopeia. Demorei anos para terminar. Mas ninguém gostou. Um dia eu cheguei em casa triste e decepcionado. Peguei um dos exemplares da epopeia Caramuru e joguei contra a parede. Apenas lembro que o livro quebrou a parede e do outro lado era o oceano. Isso era estranho, já que um livro não tem tanto impacto e o que realmente deveria existir do outro lado da parede era um outro quarto, não o oceano.

_ O que aconteceu? _ João perguntou.

_ Pensei que eu iria morrer afogado, mas um peixe se aproximou de mim e me devorou. _ o frei falava como se ainda estivesse vivenciando o passado.

_ Então, eu cheguei e fomos vomitados _ João tentou finalizar a história.

_ Não, antes tinha um homem lá. Ele estava sentado perto da fogueira e estava lendo o meu livro Caramuru. Eu fiquei ainda mais

assustado. Alguém estava lendo a minha epopeia e parecia estar gostando. Então, me aproximei e disse que eu era o autor da obra. O moço ficou emocionado. Perguntei o seu nome. Ele disse que se chamava Ferdinand Denis. Era francês, mas era apaixonado pelo Brasil. Então, Denis começou a falar sobre o Brasil. Eu achei estranho, pois ele falava como se o Brasil fosse independente de Portugal. Sabe o que era pior? Ferdinand Denis achava que eu era a favor dessa rebeldia. Ele disse que eu ajudei a criar a identidade nacional, que o meu livro Caramuru era um exemplo para os novos poetas brasileiros. Não aguentei tanta provocação. Se fosse para ter leitores assim, eu preferiria que a minha obra nunca tivesse sido lida.

_ Ferdinand Denis viveu no século XIX, foi um dos idealizadores da literatura brasileira _ Carlos comentou.

_ Estou faminto _ Santa Rita Durão falou antes de começar a cochilar.

Carlos comprou um lanche para o frei. Após a refeição, os três convenceram o poeta amargurado a ir com eles para a casa de Carlos e Dandara. Dentro do carro, Santa Rita Durão olhava atentamente para a cidade em silêncio, maravilhado. Quando já estavam chegando perto da casa de Carlos, o frei disse:

_ É uma pena que Portugal tenha perdido o Brasil. Apesar de ser um enigma, o Brasil ainda precisa de Portugal, assim como uma criança precisa de seu pai _ o frei Santa Rita Durão disse isso em tom triste provocando a gargalhada geral.

Até o taxista riu, pensando que se tratava de uma piada.



TERCEIRO PRESENTE

(clique na imagem para acessar o terceiro presente)



E OUTRA VEZ, O PEIXE GRANDE

Os quatro estavam no quarto de Carlos, todos olhavam o painel e os rabiscos na parede. Queriam descobrir a chave para solucionar os mistérios. Não sabiam o que fazer. Carlos estava lendo um documento histórico do século XIX. Dandara observava os rabiscos que o seu pai tinha feito, esperando que tivesse alguma lógica, pois, ao primeiro olhar, pareciam aleatórios.

João não piscava os olhos ao ler repetidamente os fragmentos de papéis sobre os seus pais. O pedaço de papel com a notícia sobre o assassinato do seu pai contava as mesmas coisas que ele já sabia: seu pai tinha feito um boletim de ocorrência contando que um homem o estava perseguindo por vários dias. Alguns dias depois, o seu pai foi assassinado. Já o diagnóstico da sua mãe era surpreendente: o médico

tinha dúvidas de que realmente fosse Alzheimer, pois a sua mãe apresentava outros sintomas que não se relacionavam com esse possível diagnóstico.

O frei José de Santa Rita Durão estava observando uma pintura que estava pregada na parede. Depois se virou para o João e perguntou:

_ João, essa pintura “Moemas da Silva” tem alguma relação com a minha personagem Moema do meu livro Caramuru?

_ Sim, na verdade, Dandara que pintou para fazer uma crítica... Espera, não é possível! _ João começou a explicar, mas depois parou, pois lembrou-se de que Dandara havia falado que a pintura tinha sido queimada pelo homem misterioso.

João iria chamar Dandara para perguntar por que ela tinha dois exemplares da mesma pintura, mas ao olhar para a sua amiga, percebeu que não se tratava disso, já que ela estava olhando para a pintura surpresa e amedrontada.

_ Como é possível? Tenho certeza de que essa pintura foi destruída pela criatura da praia _ Dandara disse quase chorando, sem saber se aquilo era uma surpresa boa ou ruim.

_ Não chegue perto _ Carlos disse ao perceber que Dandara estava querendo pegar a pintura.

Os quatro foram para o outro lado do quarto.

_ Ótima pintura _ Santa Rita Durão disse _ como é que você fez para parecer que as ondas estão se movimentando?

Dandara não respondeu, apenas começou a chorar.

_ A parede está molhada _ João disse confirmando a suspeita de todos.

A água da pintura estava se movimentando. Alguns segundos depois não restavam dúvidas quanto a isso: o oceano pintado escorria

como uma onda pelo quarto. Eles tentaram sair pela porta, mas ela estava fechada. Não tinha saída. João tentou pegar o quadro para jogar pela janela, mas não conseguiu se aproximar, pois a água descia com muita pressão.

Um minuto depois, o quarto estava inundado. Eles flutuavam pelo oceano. Pensaram que iriam se afogar, mas logo o grande peixe se aproximou e os engoliu. João e Santa Rita Durão se lembraram da primeira experiência naquele peixe, mas para Carlos e Dandara aquilo era algo totalmente novo. O cheiro era horrível. Eles eram guiados pela água que escorria para dentro do peixe.



A CRIANÇA QUE NÃO CONSEGUIA DORMIR

Finalmente, os quatro chegaram à fogueira.

O homem e a criança que Dandara viu na praia estavam se aquecendo e conversando perto da fogueira. Os olhos em formatos da bandeira do Brasil pareciam brilhar no escuro. Ao ver os quatro chegarem, eles riram, depois ficaram sérios e disseram em voz uníssona:

_ Estávamos esperando vocês. Temos assuntos pendentes. Venham, se aqueçam conosco.

Carlos segurou Dandara com medo de que ela se aproximasse da dupla misteriosa. Santa Rita Durão estava em dúvidas se iria ou não sentar-se perto da fogueira. João sentiu arrepios ao ver as criaturas, mas percebeu que teria que tomar a iniciativa, então ele se aproximou da dupla e sentou-se perto da fogueira.

_ Eu também estava esperando por vocês _ João disse _ temos assuntos urgentes para resolver.

_ Blefe _ as criaturas disseram _ você não sabe quem somos e também não sabe por que está aqui _ depois começaram a rir.

_ Irrelevante _ João disse _ vocês querem algo de nós e eu também quero algo de vocês.

_ Se você soubesse quem somos, não ousaria cometer esse desrespeito _ os dois falaram.

_ Bem, você, a criança, fez aniversário no dia da comemoração Independência do Brasil, suponho que seja a nação brasileira. Vou chamá-la de Criança-Nação. Já, você, o homem, deve ser a colonização. Vou chamá-lo de Homem-Colonização _ João disse se surpreendendo com o que tinha acabado de falar.

As criaturas pararam de rir. O homem olhou para a criança, ambos não sabiam o que falar. Depois olharam novamente para João e disseram:

_ Já que se acha esperto, diga também o que queremos!

_ Isso eu não sei, mas sei muito bem o que eu quero: uma explicação _ João disse.

_ Nós também queremos isso _ eles disseram.

_ Querem que eu explique alguma coisa?

O Homem-Colonização ficou calado, e pela primeira vez, João viu a Criança-Nação falar por si mesma, sem o acompanhamento da voz do homem:

_ Na verdade, apenas quero dormir e descansar, mas não consigo. Assim que me deito na minha cama, começo a pensar sobre a minha vida e fico com muitas dúvidas sobre quem eu sou. Tenho pesadelos e acordo no mesmo instante que adormeço. Todas as vezes que acordo assustado, grito pedindo ajuda, e o homem vem me contar casos para eu dormir.

Mas ele sabe apenas a história da trajetória de Caramuru. De vez em quando, essa história me faz lembrar quem eu sou e consigo dormir por algum tempo. Mas sempre provoca pesadelos horríveis. Todas as vezes em que ouço a história contada pelo Homem-Colonização, perco a minha identidade, assim perco também a minha voz. Quero uma história que me faça lembrar quem eu sou, que me faça dormir e que restaure a minha voz. Apenas assim poderei acordar para um novo dia.

_ Eu não sou escritor _ João disse. _ Não posso ajudar.

_ Por isso mesmo te escolhi neste momento. Sempre tento ouvir as pessoas quando elas estão sem ter o que dizer. Apesar do... como é que você o chamou? Ah sim! Lembrei. Apesar de o Homem-Colonização estar determinado a ler apenas Caramuru para mim, eu já li tudo que existe, por conta própria, mas nada me fez ficar tranquilo e dormir. Não me identifico mais com os velhos contos. Por esse motivo, quero ler histórias que ainda não foram contadas. Quero que você escreva uma nova história _ a criança disse.

_ Uma história sobre o Brasil?

_ Quero uma narrativa que me explique _ ele olhou para o frei Durão._ Já estou cansado de Caramuru. Aquela velha história de civilização, dominação e futuro grandioso. Que tédio. Sabemos que não é bonito como tudo termina...

_ Não escrevi Caramuru para você, criança mimada _ Santa Rita Durão gritou._ Escrevi a epopeia para defender o Império de Portugal e a colonização. Você não tem identidade exatamente por não reconhecer o modo como foi formada. Está negando a realidade _ ele se dirigiu ao Homem-Colonização: _ Você não deveria realizar os caprichos da criança. Parece que está sentado sem fazer nada. Bem, a criança já é independente! O que mais ela quer?

O Homem-Colonização sorriu tristemente, olhou para a Criança-Nação, depois olhou para Santa Rita Durão e disse:

_ É o meu destino. Já estou cansado de tentar educar a criança. Ela não é mais uma extensão de mim. Não vou impedir que a criança se desenvolva sozinha, pois eu sempre estarei ao seu lado, igual a uma sombra, semelhante a um fantasma. Ela não pode apagar o passado. Por onde ela for, eu lá estarei. Por isso, estou ajudando a criança a encontrar uma história, a qual ela se identifique. Afinal, fui eu quem queria comprar a pintura Moemas da Silva para presentear a criança e também coloquei a obsessão no professor Carlos, para ele auxiliar João na escrita da nova história _ o homem disse, sua voz estava esperançosa.

O professor Carlos resolveu entrar na conversa:

_ Desculpe interromper. Mas esse negócio de escrever histórias que a Criança-Nação se identifique, ou seja, histórias que geram a identidade da nação, já não aconteceu no passado? Pelo que eu sei, no Romantismo, essa foi uma das principais tarefas!

_ Deveria ter acontecido _ a criança gritou. Mas eu era apenas um bebê naquela época, talvez eu não tenha conseguido me expressar corretamente.

A criança parecia estar quase chorando, enxugou os olhos, olhou para o João, e disse:

_ Até contratamos uma pessoa para ajudar na criação da identidade da nação. Qual era o nome dele? Ah, sim. Ferdinand Denis, um francês. Nós mandamos o nosso peixe devorá-lo. Ele se sentou perto dessa fogueira. Pedimos a ele para ajudar na criação de narrativas que auxiliassem na criação da identidade nacional. Acho que ele não entendeu. Ele tinha boas ideias, defendia que as histórias de todos deveriam ser contadas. Mas cometeu um erro. Ferdinand Denis sugeriu

que a epopeia Caramuru fosse tomada como uma obra exemplar para a literatura do novo mundo.

Depois, o Homem-Colonização gargalhar, conteve o riso e disse:

_ Caramuru, acredita? Denis queria que eu entregasse a minha história favorita para a criança. Eu aceitei. Mas a criança foi ingrata. Sempre que ela precisou, eu ofereci a minha história. Mas agora ela quer uma narrativa nova.

_ Entendi. Mas o que eu tenho a ver com isso? _ João perguntou.

_ Agora é o momento em que as nossas vontades se encontram _ a Criança-Nação respondeu, animada _ Há dois anos nós pedimos ao seu pai que criasse uma narrativa nova. Mas aconteceu algo inesperado. No dia em que o seu pai iria nos entregar a encomenda, descobrimos que aconteceu uma tragédia: ele foi assassinado. Depois, com a investigação, descobrimos que o assassino é Caramuru, o Diogo Álvares, pois ele não quer aceitar que não será mais o herói do novo mundo.

O coração de João batia aceleradamente. Enfim, sabia o motivo e o nome do assassino do seu pai.

_ E a minha mãe? _ João perguntou.

_ Bem, a sua mãe, a dona Marta disse ao nosso investigador que se lembrava do conteúdo dos manuscritos do marido. O nosso peixe a devorou para uma reunião conosco, mas quando chegamos, já era tarde demais. Ela não se lembrava de mais nada. Também queríamos que ela escrevesse a sua própria história, mas ela começou a perder a memória. Não sabemos como isso aconteceu. Mas infelizmente aconteceu. E sobrou apenas você. E agora, João?

_ Eu não vi a narrativa nova _ João disse.

_ Não queremos isso. Como já disse, quero que você escreva uma nova história _ a Criança-Nação disse.

_ O que eu ganho com isso? _ João perguntou _ O meu pai foi assassinado e a minha mãe perdeu a memória. Ambas as tragédias aconteceram por causa de vocês. Querem a minha morte também?

_ Pelo contrário, posso te ajudar, se você entregar uma narrativa com que eu me identifique, que me separe da história do Homem-Colonização e que me permita dormir tranquilamente. Se você conseguir isso, o Homem-Colonização e eu vamos trazer o seu pai do reino dos mortos e devolver a memória da sua mãe _ a criança disse, confiante.

João olhou para Dandara e Carlos, eles estavam assustados. O frei Durão ainda estava procurando uma forma de sair do peixe.

_ Mas como você pode trazer o meu pai do reino dos mortos e restaurar a memória da minha mãe? _ João perguntou, incrédulo.

_ Na verdade, me expressei errado, pois não sou eu quem irá realizar essas coisas. É você mesmo que irá fazer isso. Você sabia que as palavras são mágicas, que elas criam histórias que vencem até mesmo a morte e restauram as memórias esquecidas? Ao escrever a história, mostre a sua visão sobre mim, ou seja, mostre a sua vivência no Brasil. Mas ao fazer isso, não escreva sobre um Brasil que você não viu, não ouviu. Em vez disso, comece por suas lembranças sobre o seu pai e a sua mãe... Assim, você irá eternizá-los.

_ Eu aceito _ João disse _ mas preciso da ajuda deles _ ele apontou para os seus colegas.

_ Sabia que iria aceitar, mas sobre o seu pedido, tenho duas considerações: o Homem-Colonização e eu iremos devolver Santa Rita Durão ao século XVIII e apagaremos qualquer lembrança sobre esses últimos acontecimentos da mente de Carlos e Dandara. Ou seja, se você falar sobre o peixe, Santa Rita Durão, a pintura, nós ou qualquer coisa

sobre esses últimos dias, os seus amigos não acreditarão. Dirão que você está alucinando. Mas Carlos e Dandara poderão te ajudar mesmo não acreditando que se trata de algo real.

_ Como posso saber se posso confiar em você? Não sei se você é bom... _ João perguntou.

_ Não sou bom. Não sou mau. Sou a soma de toda bondade e de toda maldade que correm pelas veias de cada brasileiro _ a Criança-Nação respondeu.

_ Apenas mais uma pergunta _ João disse _ existem mais de duzentos milhões de brasileiros. Logo, não seria injusto apenas eu escrever uma narrativa para você?

A Criança-Nação respondeu:

_ Para cada brasileiro, eu me apresento de uma forma diferente. Para você, sou uma criança e estou pedindo uma história, mas para outras pessoas, sou outra pessoa e estou pedindo coisas diferentes. Sempre peço o que elas estão querendo me oferecer. Para a professora, sou o aluno. Para o aluno, sou o professor. Para um, peço um poema, para outro um teorema, um gol, um serviço, uma plantação, uma colheita, um abraço. Enfim, peço o que cada um pode me oferecer. Por exemplo, para a sua amiga Dandara pedi a pintura Moemas da Silva.

_ Mas Dandara não queria vender a pintura Moemas da Silva _ João disse.

_ Foi um erro meu. Eu não me apresentei. Ela havia dito que era um presente para o Brasil. Fui buscar o presente e não disse quem eu era. Eu devia ter ido sozinho. Estava mal acompanhado. O Homem-Colonização roubou a pintura para me impressionar, mas eu a devolvi... _ a Criança-Nação respondeu.

_ Devolveu? _ Dandara e João perguntaram em voz uníssonas.

_ Não se lembram da maneira como vieram para dentro deste peixe? A pintura estava no quarto!_ a Criança-Nação respondeu.

João pensou em falar alguma coisa, mas sentiu que estava escorregando. Dandara e Carlos também estavam deslizando. Uma onda de água tinha adentrado no peixe e os estava puxando para fora. João sabia muito bem o que estava acontecendo: eles estavam sendo vomitados.



E AGORA, JOÃO?

João acordou assustado como se estivesse se afogando. Estava em um quarto ensolarado. Ele se levantou apressado, pois estava com vontade de ir ao banheiro. Mas onde era o banheiro? João saiu correndo pela escada.

_ João? O que você está fazendo? _ Dandara perguntou.

_ Dandara? O que aconteceu? Onde estamos? Esquece! Em qual lugar fica o banheiro?

_ No seu quarto mesmo, João.

João subiu as escadas mais rápido do que tinha descido.

_ Cuidado para não cair _ Dandara gritou.

Assim que João saiu do banheiro, percebeu que Dandara estava esperando por ele assustada.

_ Você está bem, João?

_ Tenho que escrever uma história o mais rápido possível.

_ Como assim?

João se lembrou do que as criaturas tinham dito que Dandara e Carlos não iriam lembrar.

_ Tenho que escrever uma narrativa para a Criança-Nação. Ela precisa dormir, mas não quer ouvir sobre Caramuru novamente, porque não quer perder a identidade e a sua própria voz _ João tentou explicar.

_ João, para com isso. Está me assustando. Tomou o seu remédio? _ Dandara perguntou preocupada.

_ Que remédio? Eu não tomo remédios. Afinal, por que estou em sua casa?

_ Você toma remédio sim, João _ Dandara apontou para uma caixa de remédios que estava na escrivaninha perto da cama _ já faz quase um mês que você está aqui, você está doente. Estava passando por muito estresse após a morte do seu pai e do diagnóstico da sua mãe. Meu pai contratou uma pessoa para cuidar da sua mãe e trouxe você para passar algum tempo conosco até se recuperar.

_ Meu pai vai voltar e irei restaurar as memórias de minha mãe _ João disse confiante e sorrindo. É tudo culpa do Caramuru.

_ Oi?

_ É uma longa história, mas preciso da sua ajuda. Chame o seu pai. Preciso da ajuda dele também para eu escrever uma história com que a Criança-Nação se identifique.

_ Acalme, João. O meu pai está trabalhando. Mas, pensando bem, talvez escrever uma história ajude você a lidar com seus sentimentos. Espere, vou buscar o meu *notebook*.

Depois de alguns minutos, Dandara voltou com o seu *notebook* aberto em uma página em branco.

_ Escreva. Coloque tudo para fora _ ela disse.

João escreveu pelo resto do dia.

Ao anoitecer, Carlos apareceu na porta para perguntar como ele estava.

_ Carlos, preciso da sua ajuda _ João pediu.

_ O que é? Você está bem?

_ Sim, apenas estou escrevendo uma história e quero fazer uma pergunta. Você é branco?

_ Não entendi _ disse Carlos _ qual é a relevância dessa pergunta para a sua história?

_ Não sei. Apenas estou pensando sobre os diferentes povos que formam o Brasil e perguntei isso sem querer. Desculpe _ João disse constrangido.

_ Não se desculpe, João. Bem, assim, como a maioria dos brasileiros, sou mestiço. Sou neto de um português e uma indígena.

_ Então, Dandara é descendente de indígenas, portugueses e negros? _ João perguntou.

_ Sim, a mãe dela é negra. Mas, provavelmente, tanto Dandara e eu, quanto você somos descendentes de mais povos, João. Apenas isso que você queria saber? _ Carlos perguntou.

_ Não. Você já leu isso aqui? _ João mostrou a epopeia Caramuru.

_ Não, João. Toda vez que você acorda, me pergunta isso. A primeira vez foi no hospital. Enfim, teve outra alucinação com esse livro?

_ Parece que você está bravo _ João comentou.

_ Desculpe, o que você quer, João?

_ Você disse que não leu o livro, mas poderia me contar alguma coisa sobre o mito Caramuru? _ João implorou.

Carlos entrou no quarto e se sentou na cama de João.

_ Bem, não era o que eu queria fazer após um dia de trabalho, mas vamos lá. Eu apenas sei que quando os primeiros padres jesuítas chegaram por estas terras, encontraram um português que já vivia por aqui. Isso se tornou um mito. Você sabe o que é um mito, João?

_ Mais ou menos.

_ Um mito é como uma bola de neve. Quando mais ele é contado, mais força ele ganha. Então, Caramuru se tornou um mito. Primeiro, um mito da colonização e depois serviu como base para um mito sobre a fundação da nação do Brasil.

_ Disso eu sei _ João disse _ mas a Criança-Nação não está gostando dessa história, pois quer ser livre das amarras dos mitos que glorificam a colonização. Quer se separar do Homem-Colonização.

_ Como se isso fosse possível _ Carlos comentou cansado _ mais alguma coisa, João?

_ O que o mito conta?

_ Resumindo: Depois de uma tempestade destruir o seu navio, Diogo teria chegado à terra que futuramente iria pertencer ao que chamamos hoje de Brasil. De acordo com mito, ele seria morto pelos integrantes da comunidade Tupinambás em um ritual antropofágico.

_ O que é ritual antropofágico? João perguntou.

_ Bem, uma prática cultural de alguns povos, na qual a carne de um indivíduo é servida em um ritual aos integrantes da comunidade.

_ Você disse que Caramuru “seria” morto, isso quer dizer que ele se livrou?

_ De acordo com a lenda, por ter atirado em um pássaro utilizando a espingarda que tinha resgatado do navio naufragado, ele foi considerado como dominador do fogo. Por isso, Diogo foi chamado de Caramuru. Assim se livrou da morte, assumindo uma posição de

destaque na comunidade. Por ajudar os tupinambás a vencer as guerras contra outras comunidades utilizando a sua arma, Caramuru casou-se com Paraguaçu, a filha de um cacique. Mas uma outra moça estava apaixonada por ele...

_ Moema, não é? Dandara me falou sobre Moema, ela morreu afogada tentando alcançar o navio que levava Caramuru e Paraguaçu para se casarem na Europa _ João disse.

_ É isso mesmo, você está correto. Boa noite, João.

_ Boa noite, professor.

João continuou a escrever.



CARAMURU, SEGUNDO JOÃO

Após uma semana, João já não acreditava mais na missão de escrever uma narrativa para separar a voz da Criança-Nação e do Homem-Colonização. Dandara e Carlos o convenceram de que isso era uma fuga da realidade, pois era difícil lidar com o assassinato do seu pai e o diagnóstico da sua mãe. Mas João continuou a escrever, pois, além de fazer bem para a sua mente, também por um outro motivo: Carlos disse que tinha conversado com um editor que prometera avaliar o livro escrito por João e talvez publicar.

“Então, as minhas alucinações serão lucrativas” João pensou, esperançoso para poder ajudar financeiramente a sua mãe.

Era um dia ensolarado. Dandara e Carlos estavam tomando o café da manhã. João passou a noite escrevendo e estava prestes a descer para

comer alguma coisa, pois estava faminto. Mas antes tinha que fazer algo. O livro estava pronto, mas precisava de um título.

João pensou em dezenas de possíveis títulos até que finalmente conseguiu pensar em um título que sintetizaria toda a sua história: Caramuru, segundo João. Assim que escreveu o título, João pensou em algumas ideias para a capa do livro. Ainda pensando nisso, João saiu do seu quarto, que ficava no último andar. Ele estava ansioso para contar para os seus amigos que o livro estava pronto.

Ele começou a descer as escadas segurando pelo corrimão. Antes que pudesse descer uma dezena de degraus, sentiu um vento frio e, ao olhar para trás, viu Caramuru. Este estava segurando uma espingarda e descia devagarinho pela escada atrás de João. A cada degrau que João descia, Caramuru avançava. Sem saber o que fazer, João começou a correr pela escada, mas, ao olhar para trás, perdeu o equilíbrio e caiu para o outro lado do corrimão. João caiu do quarto andar até o primeiro andar no qual estavam Carlos e Dandara. Estes correram assustados para ver o que estava acontecendo, mas antes que pudessem chegar perto do corpo já falecido tiveram que correr. Pela primeira vez, Carlos e Dandara acreditaram em João: Caramuru descia pela escada com uma espingarda em suas mãos.



CARAMURU, SEGUNDO VOCÊ

Lembra-se da nossa conversa lá no capítulo inicial? Então, aqui estamos novamente. Por que está com esse rosto bravo? Ah, sim, eu entendo. Você está triste e decepcionado com o final desta história. Mas eu tenho uma notícia e uma solução para você lidar com essa situação.

A notícia é que esse não é o final da história. A solução é a seguinte: você está convidado a continuar a escrever o conto. Use a sua criatividade. Dandara e Carlos estão esperando por você. É possível reescrever o destino de João. Juntos vocês podem fazer o que quiserem, voltar no tempo, mudar o futuro e, principalmente, salvar a vida de João. Existem várias maneiras de “ressuscitar” João. Como devem se lembrar, a Criança-Nação disse que as palavras têm o poder mágico de eternizar as pessoas e restaurar as memórias.

Então, escolha o modo como quer honrar o João.

Lembra-se do que conversamos sobre *fanfic*? Bem, agora vou repetir e você vai lembrar... Como já disse, literalmente, na introdução, *fanfic* é uma abreviação da expressão em inglês *fanfiction* que significa *ficção de fã*. Geralmente, é uma história baseada em livros ou filmes

famosos, mas pode ser feita em relação a qualquer obra de ficção. Existem *sites* especializados para a postagem de *fanfics*, por exemplo *Wattpad* e *Spirit: Fanfics e Histórias*, assim os fãs de determinada obra podem compartilhar experiências e ler as *fanfics* que os outros escreveram e publicaram.

Esta história que você acabou de ler é uma *fanfic*. Você gostou da história *Caramuru, segundo João*? Tem alguma crítica? Gostou de qual personagem? Neste capítulo *Caramuru, segundo você*, eu convido você a escrever o último capítulo deste livro. O que aconteceu após Dandara e Carlos encontrarem o corpo de João caído perto da escada e Caramuru descendo pelos degraus? Caramuru conseguirá impedir que a história que João escreveu possa chegar até a Criança-Nação e o Homem-Colonização?

Para essa missão, é interessante que utilize algumas partes da epopeia *Caramuru*, pois é preciso que o seu capítulo e o estilo do livro seja o mesmo. Ou seja, espero que você acesse o *link* abaixo, do *site* Domínio público e baixe a obra *Caramuru*: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2111

Escolha algumas estrofes, no mínimo duas. Essas partes que você irá escolher deverão aparecer durante o texto que você irá elaborar. Uma dica: no leitor de PDF, é possível pesquisar trechos na obra, então, aconselho que você digite palavras pelas quais se interesse. Por exemplo, se você se interessou pela personagem Moema, então digite a palavra Moema no pesquisador dentro do PDF e leia apenas os versos e estrofes em que a personagem aparecer. Isso vale para outras palavras, como: Caramuru, Paraguaçu, entre outras.

Agradeço pela leitura da *fanfic*, por seu empenho em continuar a escrever a história e principalmente por se importar com os personagens. Espero que você tente por meio das suas palavras “ressuscitar” e “eternizar” João, assim como ele fez com seu pai Rafael. Também espero que, assim como João restaurou a memória de sua mãe Marta, você também possa “eternizar” e “restaurar memórias” de algumas pessoas que você identifica como importantes para a identidade nacional e que foram esquecidas na história do nosso país.

É possível escrever ou reescrever uma nova história para a nação brasileira, uma narrativa que não seja a glorificação do passado colonialista e a exclusão de povos. Escrever uma narrativa para o Brasil, ou seja, para Criança-Nação é um direito fundamental de cada brasileiro, pois a identidade nacional não se trata de uma visão homogênea. Uma história única seria se render ao Homem-Colonização, pois ele sabe apenas uma única história: a da epopeia *Caramuru*.

Existe um Brasil para cada brasileiro. Por isso, ao terminar o seu conto, não foque apenas na história deste *ebook*, traga também às suas experiências e vivências e o modo como você enxerga o Brasil. No título, não escreva *Caramuru, segundo João*, escreva *Caramuru, segundo você* (o seu nome), pois você também faz parte da identidade do nosso país. É possível escrever um futuro que pregue a diversidade e, para isso, conto com você.

Bom trabalho!

Lembre-se: divirta-se com a escrita!

Atenciosamente,
Felipe Evangelista Aparecido.



PRIMEIRO PRESENTE

Você sabe o que é uma epopeia? Entenda mais sobre o gênero épico.

HISTÓRIA E PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

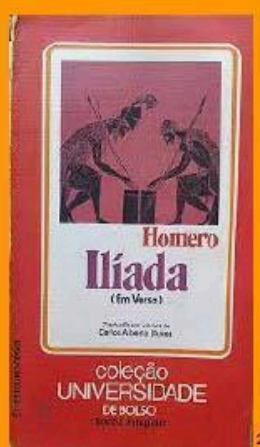
A epopeia é um poema longo que narra grandes feitos de um herói que remete a momentos gloriosos de um povo. O herói representa as virtudes exaltadas pela sociedade. As primeiras epopeias surgiram há milhares de anos.

Mas nos séculos XVIII e, principalmente, no século XIX, a epopeia foi, de certa forma, substituída por um novo gênero: o romance. Assim, com a popularização do romance, as epopeias foram, aos poucos, perdendo o seu lugar na literatura.

Mas o valor histórico das epopeias ainda pode ser visto como uma oportunidade de conhecer um pouco mais sobre as épocas passadas. Este *e-book* serve para você se aprofundar na epopeia *Caramuru* de José de Santa Rita Durão. Porém, a seguir, apresento outras epopeias para que você possa se familiarizar ainda mais com esse gênero que parece ter ficado no passado.

AS SEIS PRINCIPAIS EPOPEIAS

Primeira epopeia:

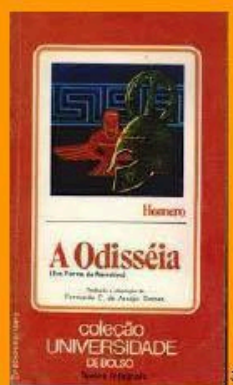


ILÍADA, DE HOMERO

Esta epopeia, escrita há milhares de anos, é atribuída ao poeta Homero. Provavelmente, é uma das obras mais antigas da civilização ocidental. É dividida em vinte e quatro cantos e narra a Guerra de Troia, apresentando o herói Aquiles e várias outras personagens, que variam entre humanos e deuses.

² Iliada. Coleção Universidade de bolso.

Segunda epopeia:

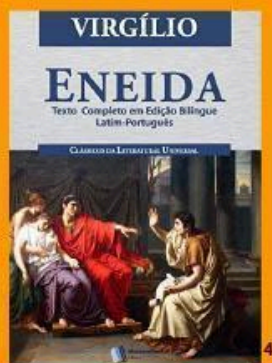


ODISSEIA, DE HOMERO

Também é atribuída ao poeta Homero, sendo considerada uma continuação da *Ilíada*. É dividida em vinte e quatro cantos e narra o regresso de Ulisses (Odisseu) para Ítaca, após a Guerra de Troia. Na jornada, o herói encontra ajuda e resistência da parte dos deuses.

³ Odisséia. Coleção Universidade de bolso.

Terceira epopeia:

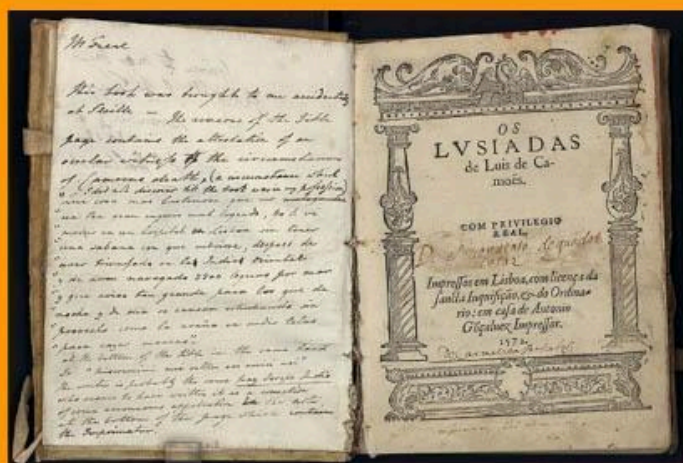


ENEIDA, DE VIRGÍLIO

Este poema épico também foi escrito há milhares de anos, mas foi composto pelo poeta Virgílio. A obra apresenta doze cantos que narram a trajetória de Enéias após o fim da Guerra de Troia. O poeta escreveu a epopeia para exaltar o Império Romano por meio de uma narrativa sobre o surgimento da cidade de Roma.

⁴ Eneida, de Virgílio. Editora Montecristo.

Quarta epopeia:



Os LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES

Esta obra foi escrita por Luís Vaz de Camões e publicada em 1572, em Portugal. O poema exalta a Expansão Marítima de Portugal por meio da narrativa sobre a viagem de Vasco da Gama e a sua chegada à Índia. São apresentados deuses e elementos da mitologia grega e romana, mas também apresenta forte presença da fé católica.

⁵ In: <https://www.publico.pt/2013/11/27/culturaipsilon/noticia/a-edicao-texana-de-os-lusíadas-1614026>

Quinta epopeia:



O URAGUAI, DE JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Este poema foi publicado em 1769 e serviu para exaltar o Marquês de Pombal em sua empreitada de expulsar os jesuítas e implantar a mentalidade ilustrada no Império de Portugal. A narrativa trata da disputa entre os povos originários indígenas, os europeus e os jesuítas. Estes últimos, os padres, praticamente, são vistos como “os vilões”.

⁶ Capa do livro Uruguai. In: <https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?id=144397>

Sexta epopeia:



CARAMURU, DE JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO

Em 1781, foi publicada em Portugal, a epopeia *Caramuru: Poema Épico do Descobrimento da Bahia*, pelo poeta José de Santa Rita Durão. O poema exalta o Império de Portugal e a colonização do Brasil, por meio da narrativa sobre a trajetória de Diogo, o Caramuru. Este foi um português que viveu entre os povos originários indígenas brasileiros antes mesmo da chegada dos jesuítas.

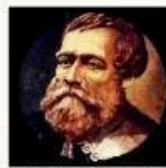
[CLIQUE AQUI PARA VOLTAR AO TEXTO](#)

⁷ Capa de Caramuru. In <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4723>



2º PRESENTE

VOCÊ CONHECE JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO?



<https://www.azmbr.org/jos%C3%A9-de-santa-rita-dur%C3%A3o>

Conheça a vida do poeta da
epopeia Caramuru:

- 1722 ● NASCEU O MENINO JOSÉ LUÍS MORAIS EM MINAS GERAIS
- 1731 ● FOI ESTUDAR EM PORTUGAL
- 1738 ● ENTROU PARA A ORDEM DE SANTO AGOSTINHO E MUDOU O SEU PRÓPRIO NOME PARA JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO
- 1756 ● ALCANÇOU O GRAU DE DOUTOR EM TEOLOGIA PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
- 1759 ● ESCREVEU A PASTORAL CONTRA OS JESUITAS. ESPERAVA SER RECOMPENSADO PELO MARQUÊS DE POMBAL
- 1761 ● APÓS PERCEBER QUE NÃO SERIA RECOMPENSADO, O FREI SAIU DE PORTUGAL PARA SE TORNAR UM PEREGRINO PELA EUROPA
- 1778 ● APÓS A QUEDA DE MARQUÊS DE POMBAL, O FREI ASSUMIU O CARGO DE PROFESSOR NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM PORTUGAL
- 1781 ● PUBLICOU A EPOPEIA *CARAMURU: POEMA ÉPICO DO DESCOBRIMENTO DA BAHIA*. MAS A OBRA NÃO FOI BEM RECEBIDA
- 1784 ● FALECEU EM PORTUGAL

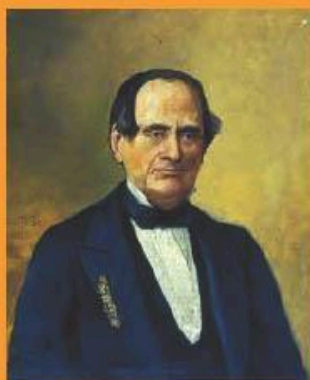
LIVRO: CARAMURU SEGUNDO JOÃO.
AUTOR: FELIPE EVANGELISTA APARECIDO

[CLIQUE AQUI PARA VOLTAR AO TEXTO](#)



TERCEIRO PRESENTE

Você conhece Ferdinand Denis?



Fonte da imagem: <https://artsandculture.google.com/asset/retrato-de-ferdinando-denis/CAE0grhIXGphYg>

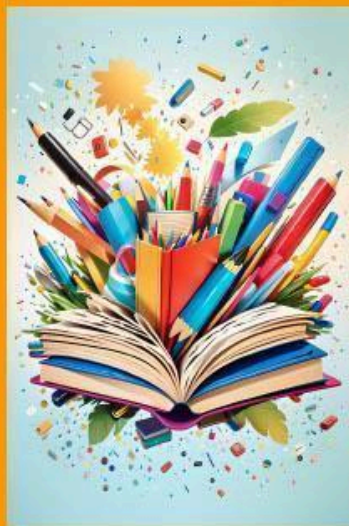
Ferdinand Denis nasceu em Paris, na França, em 1798. Aproximadamente aos vinte anos, ele chegou ao Brasil e parece ter se apaixonado pela recém-formada nação e se tornou um dos primeiros idealizadores da literatura nacional brasileira. Era uma situação delicada para o Brasil, pois apesar de já ter sido declarada a sua própria independência, a nação ainda carecia de uma identidade nacional. Por

isso, era importante o desenvolvimento da literatura nacional que fosse diferente da que era produzida em Portugal e demais países da Europa.

Para resolver essa questão, Denis propôs que a natureza e os povos diferentes que aqui moravam seriam o principal diferencial da literatura brasileira. Além disso, ele afirmou que a epopeia *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão, era uma obra exemplar para os novos escritores que se empenharia na criação da literatura nacional.

Denis morreu em 1890 e deixou como legado a sua influência no surgimento da literatura do Brasil.

[CLIQUE AQUI PARA VOLTAR AO TEXTO](#)



GUIA DO PROFESSOR

Este livro é um Objeto de Aprendizagem que foi desenvolvido na minha pesquisa *Caramuru, segundo João: da epopeia à fanfic*, no Mestrado Profissional em História Ibérica, da Universidade Federal de Alfenas (Unifal-MG). Na pesquisa, estudei a relação entre a epopeia *Caramuru: Poema épico do Descobrimento da Bahia* do frei José de Santa Rita Durão e a identidade nacional brasileira, com a intenção de elaborar um Objeto de Aprendizagem para ser trabalhado na Educação Básica.

Objetos de Aprendizagens são recursos digitais que podem ser utilizados e reutilizados no ensino (Ver: Aguiar; Flôres, 2014, p. 51). O ponto de partida da minha pesquisa foi a epopeia referida, mas o caminho chegou até à criação de uma *fanfic*. Este gênero trata da reescrita de uma outra obra, utilizando-se das mesmas personagens,

inventando outras, e indo além da narrativa supostamente original, tocando em temas *tabus*.

A *fanfic Caramuru, segundo João* conta a história de João, um adolescente negro que encontra a epopeia *Caramuru* na praia e, junto da sua amiga Dandara e do seu antigo professor Carlos, embarcam em uma jornada que os leva até a Criança-Nação (Brasil) e o Homem-Colonização (a própria colonização). Na história também aparece o poeta José de Santa Rita Durão que escreveu a epopeia *Caramuru*.

A obra do religioso foi escrita no século XVIII, em Portugal, para louvar e defender a importância da religião na colonização do Brasil. O frei possivelmente escreveu a epopeia para se redimir da culpa por ter escrito um sermão a favor da perseguição dos jesuítas pelo Marquês de Pombal. Provavelmente, ele esperava receber alguma recompensa, mas apenas o seu superior recebeu os benefícios almejados.

O frei morreu sem ver a sua obra ser reconhecida. No século XIX, pela primeira vez, a epopeia recebeu atenção. Após a Independência do Brasil, a pátria carecia de uma identidade nacional. Uma das formas de criar a identidade nacional foi por meio da criação de narrativas que apresentassem elementos importantes para a diferenciação da recém-formada nação.

Tendo isso em vista, podemos entender como a epopeia *Caramuru*, escrita no século XVIII, se apresentou como uma oportunidade para os idealizadores da pátria no século XIX. A epopeia ofereceu uma narrativa para o Brasil. O casamento entre Caramuru e Paraguaçu se mostrou como o início da nação. Os dois foram vistos semelhantes aos personagens bíblicos Adão e Eva. Caramuru representando Portugal e Paraguaçu representando os povos originários indígenas, logo os seus descendentes seriam o povo brasileiro.

Mas Paraguaçu foi apresentada semelhante a uma portuguesa: branca, já falava português antes de Caramuru chegar e nas primeiras conversas com ele já ansiava em se converter ao catolicismo. Ou seja, é possível perceber que Paraguaçu era uma simbolização dos indígenas segundo o imaginário português, não como realmente eram, mas como os catequizadores esperavam que se tornassem.

Por outro lado, na epopeia também é apresentada a personagem Moema. Esta é representada como resistente ao Caramuru e à cultura portuguesa. Mas ela se afogou ao tentar seguir o navio que estava levando Caramuru e Paraguaçu para se casarem na Europa. Moema pode ser vista como um paralelo de Paraguaçu: se por um lado, aquela é a representação dos indígenas que seriam vencidos por meio da guerra, essa é a representação dos indígenas que seriam colonizados por meio da palavra e dominação dos jesuítas.

Após a Independência do Brasil, a representação simbólica da nação brasileira foi mostrada tanto pela união de Caramuru e Paraguaçu, como pode ser visto na obra *Resumo da história literária do Brasil* (1825) do francês Ferdinand Denis, quanto pela Moema, como pode ser notada pela famosa pintura de Victor Meirelles que apresenta o nome dessa personagem.

Mas já se passaram mais de duzentos anos desde a Independência do Brasil. Por muito tempo, a epopeia foi lida seguindo a leitura romântica, mas essa posição foi revisada e a obra já é vista por seu discurso colonial. A leitura romântica da epopeia *Caramuru* pode ser vista como um exemplo da influência cultural da colonização. Mesmo tendo a intenção de criar algo novo, os românticos tiveram que voltar ao que estavam rejeitando. Para criar o mito nacional, voltaram-se para a epopeia que pregava o mito da colonização.

A epopeia *Caramuru* prega a colonização do Brasil, louvando os portugueses e exaltando a catequização e dominação dos indígenas. A epopeia não serve para simbolizar o Brasil do século XXI, se pensarmos que a *Constituição Federal do Brasil* de 1988 fala de igualdade racial, do estado laico (logo, o estado não deve ser catequizador) e da aceitação da pluralidade de ideias.

Também não tem como criar uma outra narrativa para representar a identidade nacional, pois são inúmeros fatores que compõem a nação e qualquer tentativa de sistematizá-los corre o risco de se esquecer de algumas questões importantes. Tendo isso em vista, é preciso afirmar que a *fanfic*, *Caramuru, segundo João*, aqui apresentada não é uma tentativa de substituir o mito *Caramuru* e muito menos de criar uma narrativa para a nação brasileira. Seria algo impossível.

A minha proposta foi escrever uma história para levantar questionamentos sobre a relação entre a epopeia *Caramuru* e a identidade nacional. Não tive a intenção de criar algo que fosse uma caracterização da cultura nacional. Dizer que faltou isso ou aquilo é dizer o óbvio, já que não é possível alguém ser capaz de “dar a voz” e representar o ponto de vista dos mais de duzentos milhões de brasileiros, de origens, etnias, faixas etárias, religiões e culturas diferentes. Aliás, por isso deixei o último capítulo da *fanfic*, “*Caramuru, segundo você*”, destinado à produção textual feita pelos leitores, pois *Caramuru, segundo João* é uma história inacabada.

A *fanfic* “*Caramuru, segundo João*” foca na representação das personagens negras, pois historicamente os negros foram excluídos da formação da primeira identidade nacional, mesmo sendo grande parte da população. Além de excluídos, permaneceram escravizados mesmo após a Independência do Brasil. Tendo em vista que os negros não foram os

únicos excluídos na formação da identidade nacional e que representar a visão de nacionalidade pode ser visto como um direito, há a possibilidade de cada leitor se apresentar e compartilhar a sua própria história no capítulo “Caramuru, segundo você”.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas de 2022 (IBGE 2022), as pessoas que se autodeclaram pardas ou negras somam cinquenta e seis por cento da população brasileira. No início do Romantismo, século XIX, os negros foram excluídos da formação da identidade nacional e ainda continuaram sendo escravizados. Tendo em vista essas questões, pergunta-se: qual é a relação entre a epopeia *Caramuru* e a identidade cultural do Brasil do século XXI?

Este *e-book* pode ser trabalhado na Educação Básica em diversos contextos, mas foi elaborado para ser estudado no Ensino Fundamental, especificamente, no 8º ano. O tema a ser trabalhado por meio do *e-book* é a construção da primeira identidade nacional no Romantismo e a sua relação com o olhar colonizador e excludente.

Pensando que é dever de todos os professores, independentemente da disciplina que ministra e área de formação, o ensino de produção de leitura e de texto, apresenta-se, a seguir, um *breve roteiro*⁸ que pode auxiliar o professor nesse processo:

1ª etapa: Os gêneros textuais epopeia e *fanfic*

O professor poderá falar das características de cada gênero textual e função social procurando incentivar a participação dos alunos, motivando-os a procurarem em *sites* e na biblioteca outras obras que contemplem esses gêneros. É importante que o professor apresente

⁸ Este OA poderá ser utilizado por um único professor - de História ou de Língua Portuguesa/Literatura, propondo um trabalho interdisciplinar entre essas áreas/conteúdos. Poderá também ser usado por mais de um professor, num trabalho conjunto e articulado: o professor de História, o professor de Língua Portuguesa/Literatura, o professor de Arte, os quais poderão definir com quais atividades cada um trabalhará em um determinada turma.

outros exemplos desses gêneros procurando identificar aspectos semelhantes para que o aluno compreenda as características e a função social de cada gênero textual.

2ª etapa: Narrativa ficcional e conto fantástico

O professor poderá apresentar exemplos de narrativa ficcional pedindo, por exemplo, que o aluno faça uma narrativa breve e pessoal de algum fato que tenha sido noticiado num jornal local, regional ou nacional. Também é interessante a utilização do livro didático da área de História na realização da atividade, pois o professor poderá pedir que o aluno escreva/ou fale brevemente sobre como uma narrativa histórica poderia ser reutilizada em um conto fantástico. A partir daí, poderá incentivar os alunos a fazerem comparações para que compreendam as características de uma narrativa jornalística, uma narrativa histórica e uma ficcional.

Posteriormente, o professor poderá apresentar exemplos de contos fantásticos (ou mesmo fragmentos) e também textos do livro didático de História, incentivando os alunos a perceberem a diferença entre narrativa jornalística, narrativa histórica e narrativa ficcional do gênero fantástico.

3ª parte: *Caramuru*, de Santa Rita Durão

O professor poderá apresentar a obra, fazer a leitura de trechos dela, falar sobre o autor e o contexto histórico na época de sua produção e, posteriormente, do contexto histórico de quando as personagens centrais da obra passaram a ser vistas como formadoras da nacionalidade brasileira. Também poderá incentivar os alunos a perceberem por que Santa Rita Durão a escreveu e qual a relação da obra com o Romantismo do século XIX. Assim, o aluno conhecerá algumas das motivações que

fizeram com que negros e pardos não fossem inseridos no processo de construção da identidade nacional por autores românticos, dentre outros aspectos.

4ª parte: Caramuru, segundo João

O objetivo é que o OA faça parte de um percurso didático interdisciplinar, tendo em vista a disciplina de História e a de Língua Portuguesa/Literatura. Primeiramente, o professor poderá criar um mural *online*, que poderá ser feito no *Google Classroom*, *Moodle*, ou em outra plataforma *online* que seja possível criar uma página privada para a turma. Depois de adicionar os alunos, o professor já poderá postar e apresentar brevemente a *fanfic Caramuru, segundo João*, incentivando os alunos a fazerem a sua leitura. Durante a leitura, é interessante que o professor converse com a turma sobre a narrativa, pois será importante para avaliar a realização do percurso didático.

Preferencialmente, a leitura poderá ser feita em dispositivos digitais (*notebook*, computador ou celulares) uma vez que há *links* e a indicação de fontes de consultas disponíveis na *web*. Alternativamente, a leitura poderá ser realizada em suporte impresso (o professor poderá imprimir o *e-book*). Manuseando o *e-book*, o aluno encontrará, nas últimas páginas, as páginas indicadas nos *links*.

O professor também poderá expor o *e-book* em uma tela branca por meio de um *data show* e pedir que os alunos façam a leitura em conjunto.

Assim, os *links* (ou as páginas) poderão ser acessados contribuindo para que compreendam o processo de uma leitura hipertextual e como é interessante fazer pausas na leitura para buscar outras informações que auxiliem na compreensão de um texto.

5ª parte: Atividades com foco na oralidade

O professor poderá incentivar os alunos a fazerem um paralelo entre *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e *Caramuru, segundo João*, procurando destacar o modo como cada narrativa é contada, o modo como João dialoga com as personagens, por exemplo.

Poderá, ainda, solicitar que os alunos apresentem comentários sobre a obra, que se ponham como autores ou como personagens das obras, procurando incentivar que tenham comentários sobre a obra e sobre a escrita de um texto.

Poderá solicitar que os alunos reproduzam, à maneira deles, um breve diálogo sobre o trecho de que mais gostaram.

6ª parte: As obras de arte

O professor poderá apresentar as obras de arte sobre Moema, de Victor Meirelles (1866) e Pedro Américo (1859), falar sobre os artistas, a função social dessas obras e o contexto de sua produção. Também é interessante que o professor conte a história de Moema e a sua relação com a representação da nacionalidade brasileira. Também poderá incentivar os alunos a perceberem como Moema é representada e quais são as possíveis razões da atenção que a personagem recebeu após a Independência do Brasil.

7ª parte: A produção textual

Depois do primeiro passo, chegou a hora da realização da atividade proposta no capítulo “Caramuru, segundo você”. É importante que a turma possa se sentir confortável para escrever a *fanfic* sobre o final da narrativa. Após a atividade ser feita, cada estudante poderá postar a sua *fanfic* no mural para que o restante da turma possa ler e comentar. Assim, os alunos terão uma experiência no universo das *fanfics*, além do

desenvolvimento de um olhar histórico sobre a construção da primeira identidade nacional.

O professor poderá explicar a proposta de produção da atividade escrita: escrever um novo final para a *fanfic* (Caramuru, segundo você). O professor poderá incentivar os alunos a escreverem o novo final pensando na própria realidade, na comunidade em que vivem, ou ainda, pensando que a narrativa poderá ocorrer em outros tempos e espaços: um novo salto para o futuro ou para o passado.

O professor poderá incentivar os alunos a fazerem o planejamento da escrita pensando em elementos básicos: personagens já presentes na *fanfic*, novos personagens, novos fatos, onde e quando os fatos irão acontecer, quais fatos serão narrados, como será o novo final da *fanfic*...

Após o planejamento da escrita, o professor poderá propor que os alunos façam a escrita do texto em papel ou suporte digital.

Após a escrita, o professor poderá incentivar que os alunos troquem o texto para que cada um faça uma leitura crítica do texto do colega, procurando ver se há coerência, se há ligação entre os capítulos anteriores de *Caramuru, segundo João* e diálogo com *Caramuru*, de Santa Rita Durão, dentre outros aspectos que o professor julgar necessários.

O professor poderá fazer uma primeira leitura do texto e apontar sugestões para a melhoria do texto.

A partir da leitura dos colegas e do professor, o aluno será convidado a reescrever o novo final da *fanfic*, cabendo ao professor fazer uma nova leitura do texto e, se necessário, apontar novas sugestões.

8ª parte: Culminância da atividade

O professor poderá construir com os alunos tanto um mural virtual quanto um mural físico para que os textos sejam expostos e para que as outras pessoas possam lê-los. Além de postarem no mural *online*, é

interessante que os alunos tenham a oportunidade de realizarem um mural dentro da própria sala de aula ou nos corredores ou no pátio da escola. Também poderá incentivar os alunos a trocarem os textos entre si, motivando-os a conversarem sobre a produção dos colegas. Isso pode ser feito ao pedir para que eles coloquem as suas *fanfics*, impressas ou manuscritas, sobre uma mesa para que cada um possa ler as histórias dos outros.

Por fim, o professor pode realizar uma roda de conversa pedindo para os estudantes discutirem sobre a experiência tanto da leitura deste *e-book* e das *fanfics* dos colegas, quanto de escreverem as suas próprias *fanfics*. É importante que cada estudante tenha a oportunidade de apresentar a sua contribuição para a discussão.

Caso o professor tenha alguma dúvida ou interesse, poderá acessar e ler a dissertação, *Caramuru, segundo João: da epopeia à fanfic*, que é a pesquisa que originou este *e-book*. Ela está disponível no repositório de teses e dissertações da Universidade Federal de Alfenas, que você pode acessar por este *link*: <https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/>

Agradeço por terem escolhido este Objeto de Aprendizagem para ser trabalhado em sua sala de aula.

Bom trabalho. Obrigado.
Felipe Evangelista Aparecido

Referências

AGUIAR, Eliane; FLÔRES, Maria. Objeto de Aprendizagem: conceitos básicos. In: TAROUCO, Liane. ÁVILA, Bárbara; SANTOS, Edson dos; BEZ, Maria; COSTA, Valéria (Orgs) *Objetos de Aprendizagem: teoria e prática*. Porto Alegre: Evangraf, 2014

DENIS, Ferdinand. Resumo da História Literária do Brasil. In: CÉSAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1978.

DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru: poema épico do descobrimento da Bahia*. Domínio Público: Fundação Biblioteca Nacional. 20-. Disponível em:
http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2111. Acesso em: 23 ago. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *PNAD Contínua - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua: características gerais dos domicílios e dos moradores, 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022

MEIRELLES, Victor. *Moema*. 1866. Pintura: óleo sobre a tela. 130 x 196,5x3cm. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP. Online. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/moema>. Acesso em: 23 ago. 2023.

PARTE II
CARAMURU E A IDENTIDADE NACIONAL

3.1 INTRODUÇÃO

É evidente a relevância de Caramuru para a cultura brasileira. Tal importância é tão presente e duradoura que, em alguns momentos, a personagem histórica foi imortalizada como o Pai do Brasil, seja como colônia, seja como nação. Já no século XVI foi chamado por Manuel da Nóbrega de *Pai dos indígenas convertidos*. A partir daí, Diogo Álvares Correia deixou de ser apenas uma pessoa e tornou-se um símbolo. No século XVIII, o mito do naufrago português, Diogo, que conviveu com os povos indígenas na primeira metade do século XVI, tendo sobrevivido a um ritual de antropofagia, casado com uma nativa e se tornado o líder da comunidade Tupinambás, foi cantado na epopeia *Caramuru. Poema épico do Descobrimento da Bahia* (1781), pelo frei José de Santa Rita Durão. Apesar de não ter sido bem recebida ou mesmo notada adequadamente pela crítica literária de seu tempo, a epopeia foi crucial para a entrada da narrativa mítica do “primeiro português que viveu no Brasil” no contexto da construção da nacionalidade brasileira no século XIX, no Romantismo.

Pode-se observar que a caracterização de Caramuru mudou constantemente em suas reescritas ao longo do tempo. Com sua epopeia, Durão pretendia defender os jesuítas diante do contexto de perseguição orquestrado por Marquês de Pombal. Tendo em vista a mentalidade ilustrada de sua época, o poeta religioso tentou mostrar, por meio da sua obra mais famosa, que a catequização dos indígenas era um alicerce para o Império de Portugal. Para tanto, apropriou-se do *Pai dos indígenas convertidos*, ou seja, de Caramuru.

Ironicamente, no século XIX, a partir da leitura crítica de Denis (1978), que chamou a epopeia *Caramuru* de obra exemplar para literatura brasileira, o poema foi apropriado pelos românticos como nacionalista. É nítido que a miscigenação simbolizada pela união do português Diogo e a indígena Paraguaçu ficou marcada como a origem do Brasil. Mas a atenção romântica supostamente se voltou para outra personagem da epopeia para representar a nação. Moema, inventada por Durão para nomear uma das indígenas que foram rejeitadas amorosamente pelo Caramuru. Tal preferência pela personagem pode ser vista nas pinturas *Moema*, de Pedro Américo (1859) e de Victor Meirelles (1866) e, posteriormente, pela escultura *Moema*, de Rodolpho Bernardelli (1894-1895).

Considerando essas questões, um breve estudo sobre a relação entre a epopeia *Caramuru*, de Durão, e a sua relação com a formação da identidade brasileira torna-se interessante para refletir sobre um dos nossos mitos de origem. Para tanto, retomamos as seguintes questões:

- a) Como a história de Caramuru foi apropriada por Durão e quais são as consequências do olhar do poeta para a construção das personagens?
- b) Como foi possível que uma epopeia feita para louvar a colonização e o Império de Portugal fosse lida como exemplar para a literatura brasileira que estava se formando após a Independência do Brasil?
- c) Como Moema, uma personagem inventada pelo poeta, pôde ser vista, posteriormente, como um símbolo da nação brasileira?

Primeiramente, foi feita uma análise geral do tema aqui estudado, no capítulo *Caramuru e a identidade nacional*, no qual é discutida, de um modo geral, a relação entre Diogo e a nacionalidade brasileira. Em seguida, foi realizado um estudo sobre a epopeia do frei agostiniano no capítulo *Caramuru, de Santa Rita Durão*, que foi dividido em duas partes: 1ª “A epopeia” e 2ª “Caramuru e os jesuítas”. No quarto capítulo, o foco foi *Caramuru no Romantismo* e no quinto capítulo, a *Análise das personagens da epopeia*. Depois de todo esse estudo, apresenta-se como as perguntas propostas nesta pesquisa puderam ser desenvolvidas ao longo da análise e quais as conclusões possíveis.

No referencial teórico que ancora este estudo, destacam-se três trabalhos acadêmicos. O primeiro é o artigo *Diogo, o Caramuru e a fundação mítica do Brasil*, de Amado (2000), que mostra o percurso histórico do mito Caramuru. O segundo é a tese de doutorado, *Deus e o diabo na terra do sol: Caramuru como representação épica da colonização*, de Ribeiro (2007), na qual a autora critica a leitura romântica da epopeia e mostra como a obra de Durão é uma defesa da colonização. Já o terceiro é a tese de doutorado em História da Arte, *Moema é morta*, de Miyoshi (2010), que mostra a trajetória da personagem Moema desde a poesia épica até a escultura de Rodolpho Bernardelli e a pintura de Victor Meirelles.

3.2 CARAMURU E A IDENTIDADE NACIONAL

Quem nós somos? De onde viemos? Para onde vamos? Essas perguntas nos inquietam, nos unem, nos fazem nos identificar uns com os outros e nos fazem pensar sobre a condição humana. Mas elas não se limitam apenas no nível universal, pois podem se especificar em alguns contextos nos quais os “nós” das perguntas não abarcam toda a humanidade. Por exemplo, qual é a dimensão da complexidade dessas perguntas quando se pensa nos múltiplos “nós” a que uma pessoa pertence? Em um “eu”, existem muitos “nós” que se diferem entre si, pois o indivíduo constitui a sua identidade se relacionando com outros indivíduos, assim se tornando pertencente a uma família, a um grupo específico, a

uma cidade, a um Estado e, por fim e antes de se pensar como parte da humanidade como um todo, a pessoa pode se ver como pertencente a uma nação.

Nação, obviamente, não é um conceito universal e inato ao ser humano, pois assim como todos os processos históricos, é também parte de um conjunto de fatores que em determinados contextos temporais culminaram na elaboração da sua existência. As nações, como as conhecemos hoje, foram articuladas na Modernidade para o fortalecimento dos Estados-nacionais recém-formados. Para criar uma identidade ligada à nação, foi preciso recorrer ao passado, inventar mitos e buscar uma unificação da comunidade.

Mas o que é uma nação? Segundo Marilena Chauí, a palavra *nação* vem de “um verbo latino, *nascor*, e de um substantivo derivado desse verbo, *natio* ou *nação*, que significa o parto de animais, o parto de uma ninhada” (Chauí, 2000, p. 11-12). A palavra *nação* mudou o seu significado ao longo do tempo e de locais diferentes, pois, inicialmente, trazia uma conotação biológica para classificar “os indivíduos nascidos ao mesmo tempo de uma mesma mãe, e, depois, os indivíduos nascidos num mesmo lugar” (Chauí, 2000, p. 12). Por muito tempo a palavra foi usada nesse sentido para se referir aos grupos estrangeiros de uma origem em comum em contraposição à palavra *povo* que significava uma unidade institucionalizada. Exemplo do uso do substantivo *nação* no sentido biológico é o modo como os colonizadores nomearam os povos que foram dominados, ou seja, as *nações indígenas* referidas pelos portugueses no processo de colonização, “isto é, àqueles que eram descritos por eles como “sem fê, sem rei e sem lei” (Chauí, 2000, p. 12).

Mas tendo essas questões em vista, como podemos afirmar que pertencemos à nação brasileira, se não temos uma origem em comum? Isso pode ser explicado pelo processo histórico das formações dos Estados nacionais e da necessidade de se criar uma origem para legitimar essas separações. A nacionalidade brasileira, em parte, foi uma criação do Romantismo, pois esse movimento tentou louvar uma suposta identidade nacional brasileira após a Independência do Brasil. Isso se deu em várias áreas, principalmente na criação de símbolos e na procura de elementos que diferenciasssem o Brasil de Portugal.

Assim, é possível afirmar que a nacionalidade brasileira assim como todas as outras foram construídas em um determinado momento histórico e teve de ser preservada ao longo da história:

A construção da nacionalidade, em sua artificialidade, frequentemente recorre a elementos da tradição, em que o passado é mitificado, criando heróis e momentos épicos que são apresentados como definitivos na formação do povo e da nação. Obras de Literatura e Música, e a construção de uma “História nacional”, são algumas das formas de se construir uma nacionalidade (Silva; Silva; 2009, p. 310).

Como já foi dito, no Brasil, o Romantismo foi um movimento importante para a criação de elementos que formassem uma suposta identidade nacional. O francês Ferdinand Denis foi um dos idealizadores do Romantismo, chegando a publicar *Resumo da história literária do Brasil*, em que consta um capítulo chamado *Comentário geral sobre o caráter que a cultura deve assumir no novo mundo*. Em tal obra, o idealizador do romantismo afirma que a poesia brasileira deveria deixar a cultura dos padrões literários estrangeiros e partir para a criação de uma literatura nova, pois “a América, estuante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma” (Denis, 1978, p. 36.). Assim, a originalidade da literatura brasileira deveria ser pautada nos temas caros à nova nação “enfim, a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo” (Denis, 1978, p. 36).

Denis apresenta um dos temas para a nova poesia que deveria ser cultivada no Brasil, além da exaltação das culturas indígenas, a heroicização dos próprios exploradores no Brasil que poderiam ser comparados aos cavaleiros da Idade Média. Esse autor, contudo, pondera que

Por outro lado, todo o heroísmo da Idade Média, todo o espírito ardente e aventureiro dos tempos da cavalaria, não se insinua com um colorido particular nessas viagens dos primeiros exploradores, corajosamente penetrando no âmago das florestas virgens, enfrentando audaciosamente animais desconhecidos, visitando nações que poderiam destruí-los? Não ambicionavam senão o ouro; mas alguma glória irrecusavelmente lhes cabe; a poesia pode senhorear-se de suas correrias distantes. (Denis, 1978, p. 37).

Com essa carga de mudança de perspectiva em prol da criação da nacionalidade, um dos recursos foi buscar heróis no passado que permitissem afirmar o surgimento glorioso e premeditado da nação. Assim é possível perceber que os românticos não idealizavam apenas o indígena e a natureza, mas também os primeiros exploradores. Assim, os feitos de Diogo Álvares, pregados no mito Caramuru, podem ter servido como uma personificação dessa idealização dos primeiros portugueses aqui chegados.

Além da capacidade de criar símbolos e heróis, essa busca por nacionalidade pode ter moldado a leitura e a percepção de uma obra específica. Uma das formas que Denis tentou fortalecer o nacionalismo literário foi por meio do resgate da epopeia *Caramuru. Poema épico do Descobrimento da Bahia*, publicado um século antes por Durão. A epopeia foi apontada pelo francês como uma obra exemplar para os escritores românticos, sendo

elogiada pelo próprio Denis, que a viu “como o poema fundador da literatura brasileira” (Ribeiro, 2009, p. 5).

É nítido que o poeta Durão tenha dedicado a sua obra para glorificar os feitos da colonização portuguesa como uma missão divina. Isso pode ser visto ao apresentar uma visão utópica do passado, da esperança de um grande império português que se realizaria na conversão dos indígenas e na dominação da natureza. Mas a sua intenção serviu para atender à demanda do Romantismo brasileiro que necessitava exatamente dessas representações para pregar, curiosamente, o oposto, ou seja, o nacionalismo do Brasil, desvinculado de Portugal.

Durão, obviamente, não inventou o mito de Caramuru, mas dele se apropriou para servir ao seu propósito. Para analisar o mito Caramuru e a sua adaptação para uma epopeia pelo frei, o texto *Diogo Álvares, o Caramuru e a fundação mítica do Brasil*, de Amado (2000), é extremamente útil, pois faz uma longa descrição do percurso das atualizações do mito por escritores e historiadores, dentre eles, Durão. O poeta religioso se diferencia em sua epopeia por, principalmente, conseguir aproximar o leitor das personagens do mito, pois foi “a primeira vez, desde que a narrativa começou a ser contada, que Caramuru e Paraguaçu deixam de ser referências ou descrições para tornarem-se seres humanos, com direito a características físicas próprias, sentimentos, vida interior” (Amado, 2000, p. 13).

Com esse diferencial, a epopeia se torna uma excelente ponte para estudar o mito Caramuru em relação ao paralelo de símbolo da colonização na escrita e, ao mesmo tempo, de nacionalismo na leitura de Denis. Assim, o estudo das personagens é crucial para analisar a visão, apresentada na epopeia, dos indígenas, da natureza e do Brasil. Para essa tarefa, em um caminho que se abre para a interdisciplinaridade com os estudos literários, a tese *Deus e o diabo na terra do sol: Caramuru como representação épica da colonização* (2007), de Ribeiro, é fundamental para refletir sobre essas representações.

Para análise do objeto de estudo, escolhi fazer um paralelo entre algumas personagens que se opõem: Diogo, o Caramuru em relação ao Jararaca; Paraguaçu, a Catarina, em relação à Moema. E, por fim, novamente, Caramuru, como simbolização da cultura portuguesa, em relação ao Gupeva, como uma falsa simbolização da cultura indígena. Essa reflexão se justifica ao problematizar as representações e questionar a brasilidade da epopeia em oposição ao ideal colonizador, ou seja, questionar a relação das representações com a identidade nacional.

O reconhecimento da influência romântica na nossa leitura da obra *Caramuru* já foi investigado academicamente por Ribeiro (2007, 2009) e por outros, mas o tema ainda se manifesta como uma oportunidade para o fazer didático na Educação Básica. A questão

abordada pode ser trabalhada nas aulas de História e Literatura/Língua Portuguesa, pois a obra literária, tomada como fonte histórica, não se limita apenas como uma análise fria e metódica, já que a subjetividade do conhecimento histórico se relaciona perfeitamente com a literatura.

Pensando nisso, a proposta aqui apresentada não é apenas olhar para a epopeia *Caramuru* e refletir sobre as condições de sua produção em 1781 e sobre a sua leitura no século XIX, mas também, e principalmente, pensar e elaborar questionamentos e caminhos para se refletir sobre a identidade nacional em sala aula. É discutir com os alunos sobre a influência da colonização no nosso olhar sobre nós mesmos. É analisar as consequências de se pensar na identidade nacional por meio de um mito, percebendo a construção das personagens como simbolização da colonização e da submissão dos indígenas aos portugueses.

Essa leitura romântica da obra influenciada por Denis (1978) pode se relacionar com uma percepção mítica dessa história de Caramuru que perdurou na cultura brasileira. Ou seja, um mito de origem, pois a história do casamento de Caramuru e de Paraguaçu foi apresentada em muitas obras artísticas e no imaginário popular. A memória de Caramuru na história do Brasil começa antes mesmo de sermos uma nação, saindo das breves descrições sobre o Caramuru histórico das *Cartas Jesuíticas*, de Nóbrega (2021). Na Europa, em 1587, Gabriel Soares de Souza já descrevia Caramuru brevemente na sua publicação *Notícias do Brasil*. O enredo base do mito foi narrado em 1663 pelo padre Simão de Vasconcello em *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*.

Segundo Amado (2000, p. 11), a primeira aparição da palavra Caramuru na literatura foi em um poema satírico, *Aos principais da Bahia chamados de Caramurus*, de Gregório de Matos (1969), no século XVII. Mas o poeta não focou no mito, voltando-se para outro significado que esse nome tinha recebido em sua época. Já com Sebastião da Rocha Pitta, o mito recebeu certa legitimidade devido à “autoridade do historiador, legitimando-a frente às audiências” (Amado, 2000, p. 14). Caramuru também foi o apelido do Partido Restaurador que defendia o retorno de D. Pedro I ao trono do Brasil. Tanto o poema de Gregório de Matos quanto o apelido do partido mostram o significado que “a palavra Caramuru assumira já no século XVII: a de sinônimo de ‘europeu residente no Brasil’” (Amado, 2000, p. 16).

Posteriormente à Independência do Brasil, já no Romantismo, Moema, personagem inventada por Durão, foi retratada em pinturas pelas mãos de Pedro Américo (1859) e Victor Meirelles (1866), e esculpida por Rodolpho Bernardelli (1894-1895). É claro que também a história foi reescrita por outros autores, por exemplo em *O Caramuru - Aventuras*

prodigiosas de um português colonizador do Brasil (1935), do português João de Barros, que assim como o poeta Durão, tentou louvar os feitos de Caramuru na colonização do Brasil.

Abrangendo leituras e reescritas que defendem, ora o nacionalismo, ora a colonização, a narrativa de Caramuru permaneceu até os nossos dias, seja na Literatura, seja na História. Um dos marcos de sua popularidade pode ser visto na virada do milênio. Para relembrar os quinhentos anos da chegada dos portugueses, a Rede Globo lançou, primeiramente em minissérie e, no ano seguinte, em filme, *Caramuru: a invenção do Brasil* (2001), dirigido por Guel Arraes e estrelado por Selton Mello e Camila Pitanga. Outro momento importante foi na marchinha de carnaval, na voz de Aracy de Almeida, em meados do século passado.

Mas uma das características que realmente mostram a influência da história de Caramuru na sociedade brasileira são as frequentes afirmações de que milhões de brasileiros são descendentes de Diogo Álvares Correia. Isso pode ser visto, por exemplo, na reportagem da *TV Brasil*, na qual o físico e engenheiro químico Francisco Antonio Doria (2009) afirma sobre Diogo Álvares Correia: “a coisa mais importante é: ele foi, é, um dos pais biológicos do Brasil” (Dória, 2009). Para explicar essa afirmação, ele argumenta que é possível que cinquenta milhões de brasileiros descendam de Caramuru (Dória, 2009). Essas afirmações não são “provas” em si mesmas, mas são uma evidência da relevância que Caramuru ainda apresenta atualmente. O costume de chamar Caramuru de um dos pais biológicos do Brasil ironicamente se liga ao significado inicial de nação, ou seja, a de uma mesma origem biológica. Assim, a união de Caramuru e Paraguaçu pode ser vista simbolicamente, na percepção popular e artística, como a origem da nação brasileira, ou seja, a de que os brasileiros seriam a “ninhada” dessa união.

Em vista dessa contextualização, como questionar a relevância de se estudar a epopeia *Caramuru* na Educação Básica, visto que foi, no poema, que o mito, possivelmente, um dos mais antigos do Brasil, ficou imortalizado? Não é possível desconsiderar que foi por meio dos versos de Durão que as personagens ganharam desenvolvimento pela primeira vez. É evidente que o tema oferece caminhos para se estudarem aspectos de diversos momentos da história do Brasil. Obviamente, é possível estudar o momento da sua escrita em 1781. Também é interessante, contudo, realizar estudos por meio de paralelos com outras fontes ligadas ao mito em outros momentos históricos e assim criar uma ponte, ou seja, um caminho para estudar a construção da identidade do Brasil por meio do mito fundacional ainda tão presente na cultura brasileira.

3.3 CARAMURU, DE SANTA RITA DURÃO

Em uma era de grandes questionamentos pós-modernos, não raro se ouve, em alguns ambientes de debates intelectuais, que a Literatura e a História, entre outros campos de saberes, de algum modo, “morreram”. Não é pertinente discutir sobre isso, mas é possível focar em um gênero literário que, sim, praticamente, morreu. Esse gênero é a epopeia, que, aliás, não faleceu há pouco tempo: jaz desde meados da Modernidade. A intenção aqui não é a de fazer um longo e detalhado relato da sua existência milenar, mas apenas focar em um dos seus últimos momentos, em 1781, com a publicação de *Caramuru: Poema épico do Descobrimento da Bahia* por Durão. Segundo Hallyson F. Dias Santos (2009, p. 16), “o Caramuru é, sem sombra de dúvidas, um dos últimos suspiros da epopeia em sua existência efetiva, antes do seu desaparecimento como gênero poético regrado”.

Mas antes de escrever sobre esse curioso suspiro enlutado do gênero, é interessante discorrer brevemente sobre a epopeia e suas principais representações. Para tanto, é importante entender que cada gênero, literário ou não, está inserido em um contexto social e prevalece por um determinado tempo histórico em que lhe é aceitável, ou melhor dizendo, um tempo e um espaço em que o gênero circula entre as pessoas que dele fazem uso. Sendo assim, é possível perceber que a epopeia apenas seria um gênero recorrente em determinado contexto, ou seja, em uma sociedade na qual o gênero teria uma função social. A epopeia tinha como objetivo louvar os grandes feitos de uma ação heroica, para perpetuar as lembranças na memória de tal sociedade. Assim, pode-se entender que existia alguma relação entre a epopeia e o modelo de sociedade no contexto de um projeto português de colonização do Brasil e, posteriormente, no contexto de independência/nacionalização do Brasil.

As epopeias atribuídas a Homero, *Iliada* e *Odisséia*, são consideradas, além de serem as primeiras, as principais referências do gênero. A primeira narra os feitos de Aquiles na Guerra de Troia, a segunda conta a volta de Ulisses da Guerra de Troia para a sua casa em Ítaca. Esses poemas vieram, em partes, da tradição oral dos aedos e se tornaram a base da cultura grega e também da romana.

Mas há outra epopeia que está relacionada diretamente ao surgimento do Império Romano: a *Eneida*, composta por Virgílio. Na obra, ele narra os feitos de Eneias ao sair da destruição da cidade de Troia. O herói seria o ancestral do povo romano, tendo a missão de fundar uma cidade que se equivaleria à cidade troiana destruída.

Já no início do período que costumamos chamar de Modernidade, em 1575, Luiz de Camões, um poeta português, publicou o poema épico *Lusíadas*, que narra a expansão ultramarina portuguesa nas Índias. Aproveitando-se de aspectos das epopeias homéricas, o poeta também utiliza características da cultura portuguesa e da religião católica.

Agora já é possível voltar aos últimos suspiros da epopeia em seus modos tradicionais, mas é bom explicitar que, além da obra aqui analisada, *Caramuru*, houve uma outra epopeia sobre o Brasil que foi escrita por Basílio da Gama. A epopeia *O Uruguai*, publicada em 1769, narra os conflitos entre os indígenas e os jesuítas no Rio Grande do Sul. O poema *Uruguai* pode ser considerado uma obra antípoda à epopeia *Caramuru*, pois ambos apresentam representações diferentes acerca da catequização dos povos originários indígenas. Por um lado, a epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, preza pela exaltação da catequização religiosa, aproveitando-se, de certa forma, da personagem Caramuru para simbolizar os padres jesuítas. Por outro lado, a epopeia *O Uruguai*, de Basílio da Gama, representa os jesuítas como “vilões” na colonização do Brasil.

Sendo assim, pode-se perceber que a epopeia *Caramuru* teria sido escrita para defender a importância da catequização dos indígenas na colonização do Brasil e se opor aos ideais ilustrados de Marquês de Pombal. Já o poema *O Uruguai* foi publicado como uma homenagem ao Marquês de Pombal na sua empreitada contra os jesuítas. Do ponto de vista formal, a epopeia *Caramuru* se aproxima do modelo camoniano ao apresentar versos decassílabos com estrofes de oitava rima e dez cantos. Já o poema *O Uruguai* se distancia ao apresentar versos decassílabos brancos, sem estrofes e apenas cinco cantos.

3.3.1 A epopeia

É evidente que o autor Durão não é um elemento isolado da sua época, pois faz parte de um movimento em Portugal que ficou conhecido como Viradeira. Após o fim da política pombalina de combater a influência religiosa na monarquia portuguesa, devido à morte do rei e à saída do Marquês de Pombal de seu posto, houve uma busca da volta das relações do Antigo Regime em Portugal. Isso pode ser visto na epopeia como o principal definidor social já que “é principalmente um discurso baseado na Viradeira, que visava à restauração das estruturas de poder do Antigo Regime” (Ribeiro, 2007, p. 18).

Tal afirmação é possível, pois, ao contrário das pretensões de Marquês de Pombal para impedir a influência católica na colonização, o frei exaltava exatamente tal relação. Por ser “defensor da civilização catequética, em oposição à civilização laica e iluminista, Durão

teria criado um herói épico que apenas prepara o caminho para os missionários jesuítas” (Ribeiro, 2007, p. 32-33).

Em 1781, Durão entrega ao mundo a epopeia *Caramuru: Poema épico do Descobrimento da Bahia* para exaltar os feitos da catequese dos indígenas pelos jesuítas. O autor nasceu em 1722, em Cata Preta, uma aldeia de Mariana, em Minas Gerais, mas foi para Portugal ainda na infância. Lá ele se tornou frei agostiniano. Desejando ser recompensado pelo Marquês de Pombal com algum posto na Universidade de Coimbra, ele escreveu um discurso contra os jesuítas, em favor das ações da política pombalina para expulsá-los de Portugal.

O frei esperava que essa ação o aproximasse do Marquês de Pombal, mas apenas o seu superior, o bispo, foi agraciado pelo governante. Sentindo-se injustiçado, Durão sai de Portugal, viaja pela Europa, pede perdão ao papa, mas, mesmo assim, decide escrever uma obra para louvar aos jesuítas e assim se redimir do seu ato contra os seus colegas.

Tendo essas questões em vista, é interessante entender que a intenção do poeta ao escrever *Caramuru* era se redimir de ter feito o sermão a favor da expulsão dos jesuítas do reino de Portugal. Ao ler a epopeia, é crucial pensar que o mesmo poeta tinha elaborado anteriormente um discurso que favoreceu a expulsão da Companhia de Jesus pelo Marquês de Pombal. E a sua motivação supostamente surgiu por não ter recebido a recompensa que esperava (uma posição na Universidade de Coimbra), sendo apenas o seu bispo superior beneficiado pelo Marquês Pombal. Segundo a tradição de estudos sobre o autor e a epopeia, acredita-se que Durão escreveu a obra não apenas para louvar os feitos dos jesuítas na catequização dos indígenas e na colonização do Brasil, mas também para se aliviar dos possíveis sentimentos de culpa e ressentimento.

A epopeia *Caramuru* é composta por dez cantos, decassílabos, de oitava rima. Ainda no capítulo introdutório, *Reflexões prévias e argumentos*, Durão afirma que a sua motivação para escrever foi o amor pelo lugar de seu nascimento e que os feitos que ele pretende narrar são tão importantes quanto os cantados na epopeia *Lusíadas* de Luís Camões. “Os sucessos do Brasil não mereciam menos um Poema que os da Índia. Incitou-me a escrever este o amor da Pátria” (Durão, [20--], p. 2).

Ainda nas mesmas reflexões introdutórias, o poeta conta a história de seu herói épico: Diogo Álvares Correia, um português que teria chegado no Brasil, acompanhado de seis outros europeus que naufragaram e depois teriam sido devorados pelos indígenas em um ritual antropofágico, mas Diogo não foi servido como alimento por estar doente. Por isso, ele foi deixado no navio com os pertences. Ao sair do navio com uma espingarda e

atirar em um pássaro, os indígenas o chamaram de *Filho do Trovão* e também o nomearam de *Caramuru*, que, segundo o poeta, significa *Dragão do Mar* e tornando-se um líder guerreiro. Após vencer várias batalhas, Diogo recebeu a filha de Gupeva, o principal deles, como esposa. Foram se casar na França, mas seis indígenas que queriam o lugar da “noiva”, nadaram atrás do navio até que Moema, uma delas, se afogou (Durão, [20--], p. 2).

Durante a viagem, Diogo salvou um navio espanhol. Lá na França, Paraguaçu foi batizada no catolicismo, recebendo o nome de Catarina. Ao voltar para o seu povo, ela foi recebida como a líder por ser filha do principal que morrera, mas Catarina teria entregado o seu poder para D. João II. Este ordenou aos seus governadores que tratassem o casal com respeito. Catarina teve várias visões, uma sobre uma imagem de Nossa Senhora, mas as outras foram usadas para que o poeta pudesse afirmar coisas sobre o futuro. Para escrever o poema, Durão afirma que se aproveitou das obras de Vasconcelos (*História do Brasil*) e Francisco de Brito Freire e Sebastião da Costa Pita (Durão, [20--], p. 3).

Apesar de toda dedicação para escrever uma epopeia, o poeta não teve a sua obra bem recebida no século de publicação. Apenas no século XIX ela começou a se destacar ao ser lida pelos escritores do movimento do Romantismo como uma obra nacionalista. O fato de Durão ter dito que a sua motivação foi o amor pela pátria não justifica que a obra seja nacionalista ou patriótica (no sentido atual), pois a palavra “pátria” era usada para referenciar o lugar de nascimento e não uma nação (Ribeiro, 2007, p. 73). Entre outras características que possibilitaram a leitura romântica da epopeia no século XIX e XX, destaca-se o fato de o frei ter nascido na colônia, pois isso supostamente confirmaria o seu nacionalismo. Segundo Ribeiro (2007, p. 73), “diferentemente do que a leitura romântica do poema consagrou, a ‘pátria’ do Durão não é o Brasil como entidade autônoma, e sim o Brasil como parte do Império de Portugal”. Mas o que mais chamou atenção dos românticos na obra foi a presença da representação de elementos que foram importantes posteriormente para a formação da identidade nacional naquele período, sendo excluídos, como elementos de constituição do brasileiro, da nação brasileira, os negros escravizados trazidos de países do continente africano ou nascidos no Brasil.

Para fortalecer as identidades nacionais, o Romantismo buscou, no passado, narrativas para tentar legitimar as recém-formadas nações. Na Europa, o recurso foi voltar o olhar para a Idade Média, já na América, especificamente, no Brasil, a ideia foi voltar-se para a representação dos indígenas e da natureza como a origem do Brasil. Esses elementos são supostamente oferecidos na epopeia, além de apresentar uma característica que foi

utilizada por escritores românticos: a criação da identidade da recente nação vinda da miscigenação do europeu e do indígena.

Ribeiro, tanto em sua pesquisa de doutoramento, *Deus e o diabo na terra do sol: Caramuru como representação épica da colonização* (2007), quanto no artigo, *A representação do Brasil no poema épico Caramuru* (2009), defende a motivação colonialista da epopeia de Durão. A necessidade de se ressaltar a posição de tal intenção do autor surgiu para corrigir um equívoco que começou no Romantismo e perdura até à atualidade: a relação da obra com o nacionalismo brasileiro. Essa leitura romântica da epopeia foi estudada pelo famoso pesquisador Antonio Candido no seu livro, *Literatura e Sociedade* (2006), especificamente, no capítulo *Estrutura literária e função histórica*. Candido (2006), ao retirar a epopeia dos ideais do Romantismo e enxergá-la na perspectiva do Arcadismo, percebeu o viés colonialista em contrapartida à visão comum que até então punha a epopeia como uma defesa da nacionalidade brasileira. Tendo isso em vista, o estudioso teve como foco estudar o contexto histórico que permitiu tal leitura equivocada.

Em função de sua análise do livro épico, Ribeiro (2007) afirma que sentia a necessidade de textos acadêmicos que observassem a visão colonialista da obra, pois a maioria focava no nacionalismo e na brasilidade. Essa ausência de abordagem, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, justificou a tese que focou essencialmente no aspecto colonial que ficou ignorado por muitas leituras (Ribeiro, 2007, p. 13).

Segundo Ribeiro (2007, p. 15),

A geração nacionalista, preocupada com a construção de um passado literário que legitimasse seu anseio por proclamar a independência da literatura brasileira em relação à portuguesa, interpretou Caramuru de acordo com suas contingências históricas. Assim, o poema de Durão foi visto como um marco decisivo do surgimento da brasilidade poética e patriótica. Tal concepção da obra atravessou praticamente incólume todo século XIX e chegou ao século XX, numa perpetuação que contribuiu para a mecanizar a leitura de Caramuru a ponto de fazer parecer que não haveria mais nada a ser dito sobre o poema, mesmo apesar de que nenhuma das análises a ele dedicadas tratava a sua composição narrativa como um todo. Ainda pior, na medida em que a geração modernista começou a questionar a noção de identidade brasileira elaborada pelos românticos, a leitura de Caramuru como um texto patriótico foi se revelando bastante inadequada, e o poema passou a ser fortemente atacado por não ser tão brasileiro e anticolonial quanto os românticos divulgaram.

A posição política e religiosa do poeta é destacada na tese, visto que a vida do autor, nesse caso, é interessante para avaliar a sua obra. Mesmo que Durão tenha nascido no Brasil,

para escrever sobre a sua terra de um modo detalhado, ele teve que recorrer aos livros disponíveis em sua época, pois mudou-se para Portugal ainda na infância. É possível entender que, de um modo superficial e corrompido, o poeta buscou representar os indígenas e a natureza com algum suposto interesse na cultura local. Mas, em contrapartida, a sua posição na sociedade portuguesa é que rege a epopeia, pois ele direciona a sua visão e representação da terra natal como carente da dominação portuguesa. É notório perceber que tanto o enredo quanto a construção das personagens são um mecanismo para tentar legitimar a catequização dos indígenas. Assim, é possível fazer uma ligação entre a posição social de Durão, um frei católico português, com o mito do suposto “primeiro colonizador” que ele imortaliza em sua epopeia, visto que

tendo a oportunidade de se posicionar perante a instituição da qual desejou, por tanto tempo, fazer parte, Durão expressa sua lusitanidade, seu monarquismo, sua crença na grandeza do destino de Portugal (prenunciando na expulsão dos árabes, que define a existência do reino e da sua existência do reino e da sua identidade cristã), e a sua fé na aliança entre Igreja Católica e estado português (Ribeiro, 2007, p. 18).

Portanto, pode-se perceber que a epopeia *Caramuru* foi, de certa forma, uma defesa da importância da religião na história de Portugal, principalmente, da relevância da catequização dos indígenas para a colonização do Brasil. Tendo isso em vista, na segunda parte deste capítulo, é estudada a relação entre *Caramuru* e os jesuítas.

3.3.2 *Caramuru* e os jesuítas

Uma das fontes em que Durão se baseou para escrever a sua epopeia foram as *Cartas Jesuíticas* (2021) do padre Manuel da Nóbrega. Nessas cartas era relatada a empreitada dos jesuítas na catequização dos indígenas. Curiosamente, uma das primeiras aparições da descrição de *Caramuru* pode ser vista na escrita do padre Inácio. *Caramuru*, Diogo, não apenas ajudou Nóbrega como intérprete na catequização dos indígenas, como também na própria relação entre os padres e os indígenas. A importância de *Caramuru* na catequização dos indígenas pode ser vista na carta de Nóbrega *Ao padre mestre Simão*, em 1552, na qual ele afirma que o bispo nomeou Diogo como o *Pai dos indígenas convertidos*.

Segundo Nóbrega,

O bispo mostra grande fervor de se entender na conversão deste gentio, ordena um pai dos que se converterem, o qual é muito para isto, que é Diogo Álvares, muito acreditado entre este gentio; andará conosco pelas aldeias pregando; favoreça

Vossa Reverendíssima de lá com fazer que el-rei lhe escreva e agradeça, e lhe ordene algum pobre ordenado por isso, pois tão bem empregado será. (Nóbrega, 2021, p. 198).

Sendo assim, é compreensível que Durão tenha escolhido Diogo como um herói para louvar a catequização dos indígenas e defender os jesuítas diante das acusações de Marquês de Pombal. Além de o próprio jesuíta no século XVI reconhecer a importância do naufrago no processo de catequização, Diogo ainda apresentava um outro elemento que os padres jesuítas não tinham, ou seja, o poder do mito.

José Eisenberg (2000), no seu livro, *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: Encontros culturais, aventuras teóricas*, afirma que a criação das Aldeias pelos jesuítas e as justificações de Nóbrega sobre tal empreitada resultaram em mudanças teóricas no pensamento político moderno. Ao defender a necessidade de se construírem as Aldeias, nas quais os indígenas seriam obrigados a obedecer aos jesuítas, o padre recorre a dois argumentos que, segundo Eisenberg (2000), resultaram em mudanças teóricas.

O primeiro argumento é uma tentativa de “justificação da legitimidade do poder político pelo consentimento” (Eisenberg, 2000, p. 18), ou seja, as Aldeias jesuíticas iriam receber apenas indígenas que quisessem se submeter ao governo dos religiosos, sendo assim a autoridade dos jesuítas seria supostamente por consentimento.

Mas, obviamente, sabendo que os indígenas não iriam querer ir para as aldeias por vontade espontânea, o padre pensou em uma estratégia. Para provocar a entrada dos indígenas nas Aldeias, o padre formulou um argumento para tentar justificar a escravidão dos indígenas que não quisessem se submeter aos jesuítas. Assim ele defendeu a escravidão dos nativos pelos colonos por meio de uma guerra justa. Forçou, portanto, a suposta escolha dos indígenas de se submeterem ao poder dos jesuítas para fugir da escravidão. Com isso, criou uma defesa da legitimidade do poder pelo consentimento expresso pelo primeiro argumento.

O segundo argumento de Nóbrega, apontado por Eisenberg (2000), foi para defender a escravidão no contexto apresentado no parágrafo anterior: o padre jesuíta fez uma defesa diante do princípio tomista de que o ser humano possui um direito natural de ser livre, portanto, inalienável. Nóbrega contra-argumentou afirmando que se o ser humano é livre, teria o direito, em sua liberdade, de escolher não ser mais livre. Ou seja, de acordo com ele, os indígenas teriam duas escolhas: ou se submeteriam ao poder dos jesuítas e seriam

“livres”, ou seriam escravizados por meio da guerra justa comandada pelos colonos. Assim, o uso do medo foi posto pelo padre como justificável para a legitimidade das Aldeias.

Houve uma separação entre os indígenas que supostamente “aceitariam” a submissão ao domínio dos jesuítas para a catequização e os indígenas que não aceitariam e que seriam dominados por meio da guerra justa. Assim, perpetuava-se uma separação na visão dos jesuítas dos indígenas: aqueles que seriam cristianizados e “livres”, e aqueles que seriam enfrentados pelas guerras justas e escravizados pelos colonos.

Na história de *Caramuru*, Durão parece adotar essa separação feita pelos jesuítas. Paraguaçu e Gupeva são colocados como os indígenas que poderiam (e queriam) ser catequizados. Jararaca e Moema são representados como resistentes à catequização e morrem no desenrolar dos cantos: o primeiro por meio de uma batalha e a segunda, por afogamento. Assim, como será mostrado no capítulo Análise das personagens, as representações que Durão faz dos indígenas podem se ligar às percepções dos jesuítas do século XVI na construção das Aldeias.

Caramuru, de Durão, assim como a defesa de Nóbrega (2021) sobre criação das Aldeias, pautam pela defesa da catequização dos indígenas por meio dos seguintes argumentos. Primeiro, pode-se perceber a defesa de que os indígenas supostamente queriam ser catequizados e de que os jesuítas (e na epopeia, *Caramuru*) estariam apenas cumprindo a vontade de Deus ao fazer isso. Segundo, a afirmação de que os indígenas que não quisessem ser dominados seriam combatidos.

3.4 CARAMURU NO ROMANTISMO

Para compreender a recepção da epopeia *Caramuru* no Romantismo brasileiro, é interessante focar em alguns aspectos cruciais.

3.4.1 A influência da leitura de Ferdinand Denis

Considerando que escrever uma epopeia é um trabalho dificultoso por requerer esforços gigantescos, é justificável que Durão tenha ficado extremamente decepcionado com a recepção crítica do seu poema em sua época, chegando até mesmo a destruir alguns exemplares de seus manuscritos líricos (Ribeiro, 2007, p. 21). Por ter morrido em 1784, três anos após a publicação, o poeta não soube da futura recepção crítica que a sua obra tomou no novo mundo, no século seguinte, e nem desconfiou quais seriam as características

louvadas da sua obra que influenciariam uma geração de escritores. Esse descompasso da recepção portuguesa e, posteriormente, da brasileira no século XIX, foi notada por um dos mais importantes historiadores românticos, Joaquim Norberto de Sousa Silva (2002, p. 92) ao afirmar que a obra *Caramuru* foi “geralmente apreciada pelos brasileiros e tão friamente recebida pelos nossos irmãos de além-mar” (Silva, 2002, p. 92).

Quarenta e cinco anos após a publicação de *Caramuru*, graças ao francês Denis, a epopeia de Durão saiu da frieza de um quase anonimato no velho mundo para chegar ao caloroso reconhecimento pela geração romântica brasileira. Denis pode ser considerado um dos principais idealizadores do romantismo brasileiro, pois escreveu uma obra crítica sobre a literatura brasileira antes mesmo de ela existir efetivamente em obras literárias.

O escritor francês publicou, em 1826, o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal [suivi du] Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Nesta obra, Denis apresenta um capítulo para tratar dos temas que a literatura brasileira deveria adotar para se diferenciar da literatura europeia que recebeu o seguinte título: *Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve assumir no novo mundo*.

Como o livro foi publicado ao mesmo tempo em que o Brasil, como nação, estava “nascendo” com a sua “independência” de Portugal, Denis exalta a diferença em relação à literatura europeia como o caminho para criar a identidade da literatura nacional, pois, segundo ele, “a América, estuante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma” (Denis, 1978, p. 36). Segundo o escritor francês, rejeitar a literatura europeia seria tão necessário quanto a própria independência política, “enfim, a América deve ser livre tanto na sua poesia como no seu governo”. (Denis, 1978, p. 36).

No seu livro, Denis aponta *Caramuru* como uma das duas primeiras obras da literatura brasileira. Sendo assim, com o surgimento efetivo da nossa literatura:

A literatura brasileira nasce no décimo sétimo século; no décimo oitavo aparecem dois poemas. Durão faz ao conhecer de maneira pitoresca e interessante as usanças dos antigos povos. Basílio da Gama detestado pelos jesuítas, conta as localidades onde eles haviam fundado seu império. (Denis, 1978, p. 45).

Denis afirma que *Caramuru* seria a obra exemplar para a literatura brasileira. Em suas palavras: “julguei-me obrigado a analisar a obra de Durão, porque reveste caráter nacional, apesar de suas imperfeições, e assinala claramente o objetivo que deve dirigir a poesia americana” (Denis, 1978, p. 57). Assim, pode-se perceber que Denis percebeu algumas características na epopeia que a colocaria na posição de exemplo para a

diferenciação da literatura brasileira, provavelmente, por representar os indígenas, a natureza e a heroização dos primeiros europeus na América.

Apesar de Denis ter exaltado a epopeia de Durão, o francês afirmou que o poeta escolheu mal os episódios a serem narrados. Denis (1978) acreditava que Durão deveria ter focado no conflito entre o donatário Francisco Pereira Coutinho e os indígenas, no qual o português donatário teria sido devorado pelos indígenas. Sobre essa preferência de Denis pelo conflito, Candido (2006), no seu artigo *Estrutura literária e função histórica* (2006), afirma que

É interessante mencionar esse ponto de vista como subsídio para conhecer os pendores literários da época, que influiriam decisivamente em nossa literatura. Parece que Denis, talvez inconscientemente, estava puxando o tema de Diogo Álvares para episódios mais consentâneos à ficção novelística pré-romântica e romântica, procurando enquadrá-lo na situação predileta do seu fundador, Chateaubriand. (Candido, 2006, p. 193-194).

Portanto, pode-se perceber que essa crítica de Denis já mostrava a preferência romântica pelo conflito com final trágico. Isso, especificamente, acontece na interação entre portugueses e indígenas, o que seria evidenciado no destaque da personagem Moema no Romantismo, como será discutido no próximo capítulo.

3.4.2 As pinturas de Moema

Apesar dos elogios de Denis, no Romantismo parece que não houve nenhuma reescrita do mito de Caramuru que chamasse a atenção da crítica romântica, mas foi o momento em que uma das personagens do livro de Durão foi eternizada na pintura. Moema foi inventada por Durão. Nas versões anteriores das narrativas de Caramuru, já era contado sobre as várias amantes de Diogo, mas elas não eram nomeadas. Durão, defensor da monogamia, limita Moema como uma amante apaixonada que não teve o seu amor correspondido por Diogo. Quando Diogo e Paraguaçu vão para Europa para se casarem, Moema nada para tentar alcançar o navio, mas afoga-se. Pedro Américo e Victor Meirelles aproveitaram da descrição de Durão para realizar as suas pinturas de Moema, por meio das quais cada um deles mostra, ao seu modo, a imagem da indígena morta nas margens da praia.

Apesar de as personagens principais do poema de Durão serem Diogo e Paraguaçu, a atenção voltou-se para a indígena rejeitada por Caramuru. Na epopeia, Moema é a

personagem que, mesmo apaixonada pelo português, resiste à dominação dele sobre os indígenas. Ela também acusa Paraguaçu de ter abandonado a cultura dos indígenas e de ter se submetido ao português. Mas, ainda sendo contra a catequização feita pelo Diogo, ao ser rejeitada, ela nada perseguindo o navio que estava levando Caramuru e Paraguaçu para se casarem na França. Ela morreu afogada e é dessa forma que ficou marcada no Romantismo.

Aliás, *Moema é morta* (2010) é o nome da tese de Miyoshi (2010), que estudou a pintura *Moema*, de Victor Meirelles (1866), e a escultura de Rodolpho Bernardelli (1894-1895). Ele defende que a pintura de Victor Meirelles (1866) foi importante para a percepção de Moema como representação da nação brasileira. Assim, por meio da pintura e de outros aspectos políticos e culturais exteriores ao livro, a leitura posterior da obra *Caramuru*, especificamente nas partes em que relata a personagem Moema, se tornou uma defesa da nacionalidade brasileira.

O Brasil, como uma nação autônoma, passou a ser representado por meio de Moema, aquela que se opôs ao português. Contrapõe-se à descrição de Durão que a mostra, assim como a personagem Jararaca, como uma simbolização dos indígenas que “*não queriam*” a catequização. Ambas as personagens são fictícias e morreram na epopeia: Jararaca, ao lutar contra Caramuru; já Moema, por consequência de sua paixão não correspondida, ao nadar no oceano perseguindo o navio que estava levando Caramuru e Paraguaçu para se casarem na Europa. Ou seja, do ponto de vista de Durão, o fim dos indígenas que se opusessem ao domínio português seria a morte por escolha própria.

Posteriormente, a personagem Moema se distanciou das suas características originais inventadas por Durão. Ela deixou de ser apenas uma amante magoada e opositora ao propósito catequizador de Diogo para se tornar uma representação da nação brasileira. Isso se deu por um longo processo, inicialmente pela apreciação de *Caramuru* por Denis (1978) como exemplo da nacionalidade e, posteriormente, pelas pinturas de Moema, ao gosto romântico, por Victor Meirelles e Pedro Américo.

Assim, em um processo que se inicia no século XIX e se consolida no século XX, Moema se torna outra, pois, conforme Miyoshi (2010, p. 154),

O sentido era evidentemente metafórico. A morte de Moema tornava-se, em linhas gerais, uma ideia-síntese da nação. Povina transgredia a essência do episódio-épico (no sentido dado por Durão) para ilustrar, talvez de forma precursora na crítica literária, uma alegorização que ocorreria também, e com força maior, com a personagem de Iracema. O modo como Povina entendeu Moema corresponderia, em alguns aspectos, à forma do público leitor entendê-la nas próximas décadas. Sua compreensão da indígena como imagem da terra brasileira, contudo, dificilmente seria extraída apenas do Caramuru. Não há nos versos da “morte de

Moema” alusões nesse sentido. Tampouco o crítico extraiu da epopeia outras passagens que o reforçassem. Foi talvez a confluência com a pintura de Meirelles ou suas derivações que deu a Povina os principais subsídios de formulação.

Portanto, é possível perceber que a leitura romântica não enxergou, na epopeia *Caramuru*, apenas as personagens Diogo e Paraguaçu como interessantes para a criação do nacionalismo. Se por um lado, a união pacífica entre Diogo, um português, e Paraguaçu, uma indígena, foi vista como a origem do Brasil e da miscigenação; por outro lado, a morte da indígena rejeitada Moema serviu de simbolização para a separação do Brasil após a sua independência política.

3.5 ANÁLISE DAS PERSONAGENS DA EPOPEIA

Para compreender e analisar a narrativa, é interessante destacar algumas personagens da epopeia aqui estudada.

3.5.1 Diogo Álvares Correia (Caramuru)

De um varão em mil casos agitado,
Que as praias percorrendo do Ocidente,
Descobriu o Recôncavo afamado
Da capital brasílica potente:
Do Filho do Trovão denominado,
Que o peito domar soube à fera gente;
O valor cantarei na adversa sorte,
Pois só conheço herói quem nela é forte.
(Durão, [20--], p. 1. Canto I. I)

Caramuru é o herói da epopeia, uma síntese do trabalho dos jesuítas, especificamente, na catequização dos indígenas a partir do século XVI. Alguns aspectos da história de Caramuru permitiu que ele pudesse ser escolhido para a epopeia no intuito que o poeta desejava, ou seja, por ter chegado náufrago antes mesmo dos jesuítas, ter se casado com uma indígena que se converteu e ter sido visto por Nóbrega como o principal responsável pela relação dos padres e os indígenas.

Nas palavras de Nóbrega,

Espero de as tirar o melhor que puder com um homem que nesta terra se criou de moço, o qual agora anda muito ocupado no que o governador lhe manda e não está aqui. Este homem com um seu genro é o que mais confirma as pazes com esta gente, por serem eles seus amigos antigos. (Nóbrega, 2021, p. 110).

Ao escolher Diogo como o herói da sua epopeia, Durão conseguiu conciliar a missão dos jesuítas, os quais ele estava defendendo em sua obra, com elementos simbólicos que colocam a personagem principal como predestinada pela vontade de Deus para fortalecer o Império Português que seria ainda maior com a colonização do Brasil. Ou seja, diante da perseguição aos jesuítas no século XVIII, o poeta tenta, por meio da personagem Diogo Correia, mostrar que a catequização dos indígenas era essencial para o Império Português. Assim sendo,

Durão postula a evangelização dos indígenas como meio para que Portugal viesse a se tornar um império maior do que o Grego e o Romano, em outros termos, o ideal do Quinto Império Luso seria o motivo final do trabalho de cristianização do Brasil. (Ribeiro, 2009, p. 4).

De acordo com a epopeia, Caramuru, uma possível síntese dos jesuítas, estava cumprindo a missão divina concedida ao Império Português para levar o cristianismo ao mundo:

Nele vereis Nações desconhecidas,
Que em meio dos Sertões a Fé não doma;
E que puderam ser-vos convertidas
Maior Império, que houve em Grécia, ou Roma:
Gentes vereis, e Terras escondidas,
Onde se um raio da verdade assoma,
Amansando-as, tereis na turba imensa
Outro Reino maior que a Europa extensa.
(Durão, [20--], p. 2-3. Canto I-).

Além de uma continuação de Portugal, o Brasil é visto como parte essencial para a realização do desejo divino de fortalecer o Império Português. Isso é mostrado nos seguintes versos: "Que o antigo Portugal vos apresento / No Brasil renascido, como em novo" (Durão, [20--], p. 4). Para isso acontecer, seria necessária não apenas a chegada dos colonizadores, com armas e em busca da exploração, mas também de religiosos para a conversão dos indígenas. Caramuru é representado pelos dois modos: (i) capaz de liderar guerras por ter a espingarda e (ii) de converter por meio da palavra. Assim, é possível constatar que Caramuru é descrito como o responsável por "domar a fera gente" para tornar o Brasil, em um novo Portugal, como pode ser visto no verso: "Da nova Lusitânia o vasto espaço / Ia a povoar Diogo" (Durão, [20--], p. 5).

3.5.2 Paraguaçu (Catarina) e Gupeva

Paraguaçu é descrita como uma indígena que era branca, falava português, usava roupa e não confessava os costumes e a religião dos indígenas. Apesar de estar no Brasil e ser considerada uma indígena, Paraguaçu é, praticamente, em comportamentos e visão de mundo, uma europeia, especificamente, uma portuguesa. Isso é tão verdade que ela se apaixonou por Diogo assim que o vê pela primeira vez. Ela estava esperando pelo seu futuro marido Caramuru, por isso havia rejeitado o seu pretendente indígena. Assim como ela estava esperando por Caramuru, ela e Gupeva estavam esperando a chegada dos portugueses para trazer a nova fé.

Paraguaçu é um símbolo que Durão usa para tentar mostrar a colonização como algo aceito pelos indígenas. Segundo essa visão, o natural era que esse processo acontecesse pacificamente, pois, segundo ele, os portugueses estavam apenas realizando algo que iria ajudar os indígenas, tirando-os da ignorância por desconhecerem a fé cristã.

Paraguaçu é o produto final pretendido pela catequização dos indígenas, ou seja, ela sabia a língua portuguesa, aceitou converter-se, foi submissa ao Caramuru (português) e no final da epopeia entregou o seu poder de líder dos Tupinambás para Tomé de Souza, o português. Assim, Paraguaçu é colocada como um exemplo da recepção pacífica dos indígenas diante das investidas portuguesas.

3.5.3 Moema e Jararaca

Moema e Jararaca são o oposto de Paraguaçu e Gupeva, pois eles não negam a sua cultura para se submeterem ao português Caramuru. Pelo contrário, lutam contra ele: Moema por meio da palavra e Jararaca por meio da violência. Moema era filha do líder de uma comunidade e foi oferecida como esposa ao Caramuru, que a rejeitou, por estar apaixonado por Paraguaçu e ser monogâmico (na epopeia). Moema se apaixonou pelo Diogo e seu afeto se tornou ódio, pois ela faz discursos contra ele. Jararaca, por sua vez, é apaixonado pela Paraguaçu, que o rejeita por amar Caramuru. Assim, o casal que iria formar o novo Portugal no Brasil rejeita os dois indígenas que não deixaram a própria cultura.

O nome Moema pode significar “mentira” (Rodrigues, 2020, p. 25); por outro lado Jararaca é o nome de uma serpente e um dos seus significados pode ser “traição” e “rebeldia”, além de ser uma possível referência à serpente diabólica no Jardim do Éden (Ribeiro, 2009, p. 7). Os nomes podem ser um dos motivos de Durão ter se permitido

inventar as duas personagens que se opõem ao seu objetivo final além de ainda ter colocado os discursos explícitos de Moema e Jararaca atacando Caramuru e Paraguaçu em sua epopeia. Assim, tudo o que eles falassem já estaria condenado por seus próprios nomes.

Após Jararaca encontrar Paraguaçu dormindo, ele se apaixona. Ao acordar, ela corre e vai até seus pais. Ele a persegue e aproveita a situação para pedir-lhes a filha como esposa, mas ela o rejeita. Então, Jararaca, sendo líder dos Caetés, convoca o seu povo para guerrear contra os Tupinambás para vingar a sua rejeição por Paraguaçu, por ela ter escolhido Caramuru. Já na peleja, Jararaca faz o seguinte discurso:

XXXII

Paiaias generosos, hoje é o dia,
Que aos vindouros devemos mais honrado;
Em que mostreis que a vossa valentia
Não receia o trovão, subjuga o fado:
Sabeis que de Gupeva a cobardia
Por Filho do Trovão tem aclamado,
Um Emboaba, que do mar viera,
Por um pouco de fogo que acendera.

XXXIII

Prostrado o vil aos pés desse Estrangeiro,
Rende as armas com fuga vergonhosa,
E corre voz que o adora lisonjeiro;
E até lhe cede com o cetro a Esposa:
E que pode nascer do erro grosseiro,
Senão que em companhia numerosa
As nossas Gentes o Estrangeiro aterre,
E que a uns nos devore, outros desterre?
(Durão, [20--], p. 76)

No Canto VI, após o Filho do Trovão vencer a guerra contra Jararaca, vários dos líderes das tribos vencidas lhe concedem as suas filhas como esposas. Entre elas, estava Moema, a filha de Xerenimbó. Por ser católico e monogâmico, Caramuru rejeita todas as filhas dos líderes. Diogo e Paraguaçu saem em um navio para Europa para se casarem e Paraguaçu ser batizada. Moema segue o navio e faz o seguinte discurso:

XXXVIII

Bárbaro (a bela diz) Tigre, e não homem...
Porém o Tigre por cruel que breme,
Acha forças amor, que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame:
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas pagar tanto amor com tédio, e asco...
Ah que o corisco és tu... raio... penhasco.

XXXIX

Bem puderas, cruel, ter sido esquivo,

Quando eu a fé rendia ao teu engano;
 Nem me ofenderas a escutar-me altivo,
 Que é favor, dado a tempo, um desengano:
 Porém deixando o coração cativo
 Com fazer-te a meus rogos sempre humano,
 Fugiste-me, traidor, e desta sorte
 Paga meu fino amor tão crua morte?
 (Durão, [20--], p. 117.

Portanto, tendo em vista as personagens apresentadas na epopeia, é possível perceber que, além de Caramuru, Moema é a personagem que mais se destacou na construção da identidade nacional. A importância da personagem Moema pode ser vista na sua antecipação do arquétipo da heroína romântica brasileira que posteriormente ficou eternizado por meio da personagem Iracema, de José de Alencar. Mas essa suposta relação não se deu simplesmente pela leitura da epopeia *Caramuru*, pois as pinturas de Moema de Pedro Américo e Victor Meirelles tiveram influência na relevância da personagem na cultura nacional.

De acordo com o artigo, *Lindoia, Moema... Carolina, Iracema: mitos românticos da literatura brasileira*, da autora Maria da Costa (2008), é possível observar que as epopeias *Caramuru* e *O Uruguai*, apesar das diferenças, tanto formais, quanto pelos ideais políticos dos poetas, podem se unir em uma característica em comum: a ligação à heroína romântica, pois “com Moema e Lindoia a literatura brasileira inicia a grande trilha de personagens femininas, que representam a mulher idealizada. Inicia também o culto feminino da heroína indígena, uma espécie de anúncio de Iracema e do personagem romântico brasileiro” (Costa, 2008, p. 156).

3.6 CONCLUSÃO

Após refletir sobre Caramuru, fica evidente que, apesar de ser um tema que percorreu toda a história do Brasil, antes mesmo de ser uma nação, apenas um único aspecto do mito sempre esteve presente nas reescritas da narrativa mítica. Ou seja, Caramuru é sempre colocado como o primeiro português a viver no Brasil entre os indígenas. Essa característica foi um elemento tão intrínseco ao mito que, praticamente, nem haveria necessidade de torná-la explícita, visto que é, especificamente, por isso que a personagem é interessante. É possível perceber as consequências da apropriação do mito Caramuru por Durão por meio da análise do modo como ele elaborou o enredo para defender os jesuítas e criou personagens como simbolizações. Se os primeiros viajantes viram o Brasil como um paraíso, um Jardim

do Éden, parece que Caramuru se tornou, na epopeia de Durão, um “Adão português”. Obviamente, o poeta não negou a existência de outros seres humanos presentes aqui nesta terra antes da chegada de Diogo, mas é como se, com o naufrágio de Caramuru, um novo mundo se formasse, a Lusitânia brasileira: “Que o antigo Portugal vos apresento / No Brasil renascido, como em novo” (Durão, [20--], p. 4).

Diogo pode ser visto como Adão, pois é possível perceber que a personagem é representada dessa forma, já que a principal característica de Caramuru é o domínio da natureza, o que é simbolizado por sua arma de fogo, que o faz ser conhecido como o Filho do Trovão. Focando na epopeia, há também uma primeira mulher no novo reino que surgia, ou seja, a Eva é Paraguaçu, que, apesar de ser nomeada como indígena, é europeizada. Do ponto de vista de Durão, seguindo a nomeação que o padre Nóbrega cita, Caramuru é o Pai dos indígenas catequizados no Brasil.

Outras personagens do poema, inventadas pelo poeta, Moema e Jararaca, são apenas recursos utilizados pelo frei para expor e rebater as críticas à catequização. Ele faz isso por meio dos nomes que podem significar atributos maléficos, mentira e traição, respectivamente (Rodrigues, 2020, p. 25). Assim, na epopeia ficou perpetuada outra influência de Manuel da Nóbrega: a separação entre os indígenas que seriam convertidos por meio da palavra e os indígenas que seriam perseguidos por meio da “guerra justa”. Segundo Eisenberg (2000), Nóbrega defendeu que os indígenas que rejeitassem morar nas Aldeias jesuíticas estariam escolhendo combater em uma guerra e que poderiam ser escravizados pelos colonos. Ou seja, havia dois tipos de indígenas na visão dos colonizadores: os que se submeteriam por meio de acordos e os que seriam vencidos por meio da violência.

Paraguaçu e Gupeva representam os indígenas que aceitariam ir para as Aldeias jesuítas “por vontade própria” e, obviamente, por medo da arma de fogo (trovão) de Caramuru (símbolo do colonizador português). Já Moema e Jararaca são os indígenas que, mesmo por meio do medo, não se entregaram à catequização. Assim eles “escolheram” a guerra justa e difícil de se vencer, ou seja, usar flechas contra quem tem arma de fogo e nadar perseguindo um navio. Ambos receberam a morte como punição “pela escolha”. Mas Moema, assim como a epopeia como um todo, não teve a recepção que Durão esperava.

Já no século posterior, no Romantismo, a epopeia, por influência de Denis e, obviamente, da necessidade de se criar a literatura nacional após a Independência do Brasil, passou a ser vista como nacionalista e, assim, serviu como exemplo para os artistas românticos. Isso foi possível devido à necessidade romântica de inventar um passado para a recém-formada nação. Caramuru e Paraguaçu não eram mais vistos como os pais dos

indígenas catequizados no Brasil, mas eram Adão e Eva da nação brasileira. Assim, a pregação da epopeia sobre o renascimento de Portugal no Brasil, deixou de ser uma descrição da colônia portuguesa na América e se tornou uma defesa da nação brasileira. Curiosamente, essa união amorosa de portugueses e indígenas continuou a ser utilizada como recurso para a criação do nacionalismo brasileiro, servindo como mito de fundação para representar o surgimento de um estado ou mesmo do país. Os exemplos mais famosos disso podem ser vistos nas obras de José de Alencar, especialmente, nos seus romances *O guarani* e *Iracema*.

Já a personagem Moema assumiu a personificação do Brasil por meio das influências das pinturas de Pedro Américo e Victor Meirelles na leitura da epopeia. Além das pinturas, pode-se pensar que Iracema, apesar de ter seu amor correspondido pelo português e ter tido um filho dele, o seu fim, ou seja, a sua morte é semelhante à de Moema. Talvez, por isso ambas já foram lidas como símbolos da nação brasileira (Miyoshi, 2010).

Portanto, tendo essas questões em vista, é possível perceber que a ligação entre *Caramuru* e a identidade da nação brasileira, por meio do mito de fundação tão presente na cultura nacional, pode ser vista tanto diretamente, quanto indiretamente. De modo direto, ao mostrar Diogo como o pai biológico do Brasil, como pode ser visto na fala de Dória (2009) ao afirmar que milhões de brasileiros possivelmente seriam descendentes de Caramuru e no filme *Caramuru. A invenção do Brasil* (2001). Já de maneira indireta a ligação aconteceu tanto por meio dos romances indianistas de José de Alencar, quanto das pinturas de Moema, por Pedro Américo e Victor Meirelles. Assim, é possível perceber que a ligação entre Caramuru e a identidade nacional é tão rica e, ao mesmo tempo, tênue. Possivelmente, enquanto houver nação brasileira, também haverá lembranças desse mito que se modificou ao longo do tempo para deixar de ser símbolo da colonização e se tornar parte da cultura brasileira.

PARTE III***CARAMURU, SEGUNDO JOÃO: A FANFIC NO ENSINO INTERDISCIPLINAR DE
HISTÓRIA E LITERATURA/LÍNGUA PORTUGUESA***

4.1 INTRODUÇÃO

Não há como negar a influência das tecnologias virtuais na sociedade do século XXI. Tal modulação acontece de modo excessivo e em várias áreas da vida. A educação não escapou da internet, apesar de esforços de alguns professores para controlar o uso de celulares em sala de aula. Tendo em vista essa realidade, torna-se imprescindível que se olhe para os ambientes virtuais por meio de novas lentes. Pensando assim, pode-se observar que a proposta das redes sociais de conectar pessoas e saberes pode ser interessante para a educação. Conectar pode ser visto como sinônimo de “criar pontes”. É por meio dessa expressão que o Objeto de Aprendizagem *Caramuru, segundo João* pode ser apresentado, pois é um entrelaçamento entre a Educação Básica e Superior, História e Literatura/Língua Portuguesa e um estudo das conexões entre *Caramuru* e a identidade nacional. Mas entre esses entrelaçamentos, um outro também se destaca, aquele que emprestou o verbo “conectar” para o início desta apresentação da *fanfic*, no suporte digital *e-book*: o mundo virtual, pois, sem essa “ponte”, a construção do OA, oriundo desta pesquisa, poderia ser diferente.

Uma das distinções do objeto de estudo e de ensino da História em relação às outras disciplinas é o seu distanciamento no tempo. Na sala de aula, os alunos precisam de esforços para conseguir imaginar o passado e dar uma certa importância a ele para que seja possível encontrar significados. Obviamente, tal imaginação deve ser baseada em conhecimentos históricos. Assim, torna-se necessário que o professor tenha acesso a recursos para orientar a sua prática pedagógica e isso pode ser feito de dois modos: pelo uso (i) da fonte histórica em sala de aula e (ii) de outros recursos paradidáticos. O OA aqui proposto, *Caramuru, segundo João*, apresenta as duas características: o trabalho com o uso de fontes históricas, a epopeia e a pintura *Moema* (1866) de Victor Meirelles, mas tais documentos serão apresentados junto a uma narrativa fictícia (a *fanfic*) a qual retoma a epopeia de Santa Rita Durão. Ou seja, um recurso paradidático. Com isso, espera-se que seja um estímulo para que os alunos tenham uma maior aproximação com o conhecimento histórico e com o gênero épico.

Considerando que o objeto de pesquisa se liga à epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, a interdisciplinaridade da História com a Literatura/Língua Portuguesa já era prevista, mas, ao adotar uma narrativa fictícia para o OA, tal ligação se torna ainda mais relevante. Além da Literatura/Língua Portuguesa, é possível a interdisciplinaridade com a Arte, pois o *e-book* também apresenta uma pintura, mas ampliar essa relação não foi um dos objetivos desta pesquisa. A pintura foi apresentada ao mesmo tempo como fonte histórica e

também como material para ampliação do repertório cultural e da imaginação do aluno e para enriquecer a narrativa proposta.

A interdisciplinaridade com a disciplina de Língua Portuguesa é fácil de ser percebida: por meio do desenvolvimento da leitura e da produção textual. Mas a ligação entre o trabalho aqui desenvolvido com a Literatura, é preciso ressaltar que, mesmo constatando que o OA não foca em questões relacionadas ao formalismo da análise literária, é possível perceber a sua contribuição para as aulas de Literatura ao aproximar os alunos a um dos gêneros literários mais distante dos leitores da atualidade.

É comum a afirmação de que o ambiente profissional do professor é o único que não mudou nos últimos séculos. Tal observação ignora a presença da internet e de seus recursos que já estão sendo utilizados em sala de aula. Um dos recursos digitais são os Objetos de Aprendizagem. Estes podem ser vistos “como componentes ou unidades digitais, catalogados e disponibilizados em repositórios na Internet para serem reutilizados para o ensino (Braga, 2014, p 21).

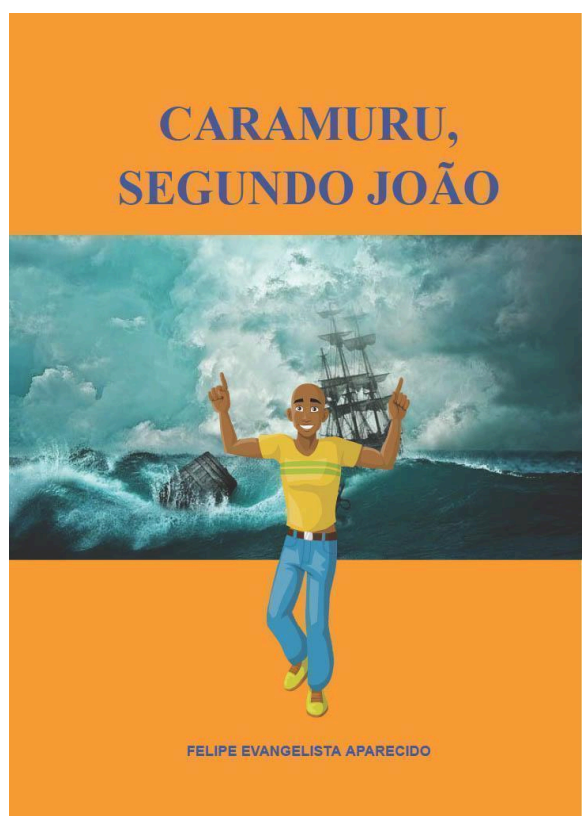
Tendo em vista essas questões, esta parte da dissertação busca responder à quarta pergunta de pesquisa: Como é possível trabalhar a epopeia *Caramuru* de Durão em aulas da Educação Básica, aproveitando-se da interdisciplinaridade entre a História e a Literatura/Língua Portuguesa? Busca-se, dessa forma, atender ao objetivo específico: Refletir sobre a possibilidade da utilização da epopeia *Caramuru* na Educação Básica.

Primeiramente, no capítulo *Caramuru, segundo João e o conhecimento histórico escolar*, foi feita uma reflexão sobre a importância da imaginação histórica para o ensino de História, considerando os recursos que podem aproximar o aluno do objeto de ensino. Um desses recursos é partir de conhecimentos pertinentes do presente para dialogar com o passado, criando, assim, uma ponte entre o que interessa ao aluno aprender e o que interessa ao professor ensinar. Outros recursos são o uso de fontes históricas, a interdisciplinaridade com outras áreas e o mundo digital. Assim, produz-se o OA como um recurso para o desenvolvimento tanto da imaginação histórica, quanto da competência narrativa do aluno.

Depois, no capítulo *A concepção do objeto de aprendizagem Caramuru, segundo João*, foi feita uma abordagem sobre diversos aspectos do OA apresentado em relação às características dos Objetos de Aprendizagem. No terceiro capítulo, *Fanfic: entre a História e a ficção*, foi feita uma reflexão sobre o uso da ficção tanto na *fanfic* do OA quanto na atividade proposta aos alunos. No quarto capítulo, *Caramuru, segundo João na sala de aula*, foram realizadas observações sobre como pode ser utilizado o OA aqui apresentado para a

Educação Básica. Por último, na conclusão, são indicadas as possíveis conclusões sobre os conhecimentos desenvolvidos ao longo deste texto.

4.2 *CARAMURU, SEGUNDO JOÃO* E O CONHECIMENTO HISTÓRICO ESCOLAR



Considerando que o mito de Diogo, o Caramuru, esteve presente na cultura portuguesa e brasileira entrelaçando a História e a Literatura, é interessante que ele seja apresentado na sala de aula atendendo tal interdisciplinaridade. Pensando nisso, o *e-book Caramuru, segundo João* foi elaborado considerando as especificidades dessas duas áreas de conhecimento. Sendo assim, a epopeia *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão, é vista como uma fonte histórica, assim como a pintura de Moema (1866), de Victor Meirelles. Mas o *e-book* não é uma apresentação sistemática dessas fontes; ao contrário, ele apresenta uma narrativa fictícia, por meio da qual esses documentos ganham uma relevância para a história narrada. Portanto, procura mostrar que a interdisciplinaridade do percurso didático apresentado não acontece apenas no uso de fonte literária no ensino de história, mas também

⁴ Capa do OA desenvolvido nesta pesquisa.

no modo como o conhecimento histórico é desenvolvido para a sala de aula, ou seja, por meio de uma narrativa.

Hayden White (2008), que foi um historiador americano, principalmente, no seu livro, *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX*, provocou reflexões importantes na Teoria da História. Ele argumentou que o conhecimento histórico, por ser uma narrativa, apresenta as mesmas características que os textos literários. Assim, colocando em dúvida a cientificidade do pensamento histórico que não reconhecer a sua relação com a narratividade e pretender-se criar uma história encerrada e única:

Diz-se com frequência que a história é uma mescla de ciência e arte. Mas, conquanto recentes filósofos analíticos tenham conseguido aclarar até que ponto é possível considerar a história como uma modalidade de ciência, pouquíssima atenção tem sido dada a seus componentes artísticos (White, 2008, p. 13)

Tendo isso em vista, qual é a função do professor de História, na Educação Básica? Se no ambiente acadêmico científico, a História é escrita por meio de elementos narrativos, como é que o professor deve trabalhar a História na sala de aula? O ensino de História na Educação Básica passou a ser alvo de estudos nas universidades na segunda metade do século passado. Antes, a ideia predominante era que os apenas os historiadores pesquisavam e produziam conhecimentos históricos. Ao professor de História, da Educação Básica, cabia a tarefa de se formar no conhecimento produzido na academia e transmiti-lo no seu ambiente de trabalho por meio de uma linguagem acessível. Posteriormente, o conhecimento histórico escolar, porém, ganhou notoriedade e passou a ser visto como um campo específico. O professor escolar não é mais visto como um simples repetidor e simplificador. Ele é visto como um pesquisador de sua própria atuação no ensino de História, logo também produzindo conhecimento histórico.

Tendo em vista a diferença entre o conhecimento histórico acadêmico e o escolar, é possível perceber que o uso de fontes históricas na sala de aula não é uma equivalência do seu uso nas pesquisas acadêmicas, visto que:

De fato, na prática a transposição dos métodos e procedimentos histórico-científicos de pesquisa implica em alguns transtornos e inconveniências. Em primeiro lugar, porque os métodos científicos de interpretação das fontes históricas são demasiadamente complexos para serem aprendidos por crianças; além do mais, tal aprendizado sozinho não colabora para a formação da consciência histórica. Não cabe à escola a tarefa de formar historiadores mirins (Barbosa, 2016, p. 38).

As abordagens das fontes históricas no ambiente acadêmico e escolar são distintas. As implicações são diferentes. Os alunos não estão se formando para serem historiadores. Eles estão na escola para se tornarem cidadãos críticos, capazes de se situar no tempo e no espaço. Por meio da consciência histórica, os alunos poderão perceber que as características da sociedade atual e o nosso olhar sobre o mundo não são eternos e inatos ao ser humano. Ou seja, os alunos devem desenvolver o pensamento histórico, isto é, perceber que acontecem inúmeras mudanças ao longo do tempo e que as coisas que hoje são percebidas como estáveis, na verdade, são consequências de mudanças que aconteceram no passado e que foram formadas e consolidadas por interesses de grupos específicos.

Pensando no ensino de História na Educação Básica, na qual o professor enfrenta “a distância entre ele próprio e a turma, entre os alunos e a história, entre o estranho e o familiar, e várias outras mais” (Monteiro; Penna, 2011, p. 200), o OA *Caramuru, segundo João* apresenta aproximações, pontes para se relacionar com as fronteiras. Para estudar a formação da primeira identidade da nação brasileira, os alunos, por meio da *fanfic*, acompanharão a trajetória de João. Este é um jovem, de dezesseis anos de idade, que abandonou a escola para trabalhar e ajudar a mãe que está doente. Para que os alunos possam se identificar com João, foi necessário apresentar a personagem de modo que não fosse apenas um instrumento para o ensino, mas também um adolescente normal, com medos e inseguranças.

Mesmo que a *historia magistra vitae* não seja o modelo de se fazer história atualmente, é notório que o ensino de História, seja na escola, seja em outros ambientes, é narrativo e se liga diretamente ao modo como pensamos e agimos na sociedade. Ou seja, a História é o plano de fundo da nossa visão de mundo. Esse conhecimento histórico é contado por meio de uma narrativa. Tendo isso em vista, é possível pensar que o conhecimento histórico se insere nas estruturas das narrativas e que o passado é contado como se estivesse “pronto”. O passado é visto com começo, meio e fim. Sendo assim, ele é posto como se já fosse sabido e estivesse pronto para ser contado e recontado inúmeras vezes sem que a percepção da história mude. Enfim, um passado morto e biografado. É comum que as escolas sigam esse modelo de pensar a história.

Uma das formas de aproximar o aluno do saber histórico, sem que seja feita uma transposição didática do conhecimento acadêmico para a sala de aula, é pelo uso de fontes históricas em sala de aula. Como já foi dito, estudar as fontes na escola não é repetir a análise acadêmica. As fontes históricas podem ser utilizadas na escola para fundamentar a competência narrativa dos alunos e permitir a criticidade da consciência histórica. Assim, o

estudo escolar sobre a fonte histórica é para permitir que os alunos possam desenvolver uma competência narrativa sobre a relação entre o passado e o presente que seja pautada pela consciência histórica crítica.

A consciência histórica pode ser vista, de certa forma, como uma necessidade natural do ser humano, pois, para se perceber no tempo e no espaço, é necessária uma percepção narrativa sobre o passado, ou seja, uma história encontrada no contexto presente. Essa história sobre o passado pode ser construída, no século XXI, por filmes, séries, livros e outros meios de comunicação que moldam o imaginário social. Conforme Barbosa (2016, p. 38),

Isso significa que a interpretação das diversas formas de narrativa histórica trabalhadas em sala de aula está sujeita à mobilização mental de referenciais visuais e simbólicos que compõem o imaginário pessoal atribuídos ao período em questão. Quando estamos falando do Antigo Egito, por exemplo, a interpretação dos alunos será o resultado da seleção de determinados arquétipos e símbolos apreendidos socialmente para dar inteligibilidade à narrativa: a pirâmide assistida em um filme, o faraó do desenho animado, a múmia da revista em quadrinhos ou da série de televisão, etc. De fato, a nossa interpretação, esquemática e inteligível, da narrativa histórica enunciada denuncia a seleção das imagens que aceitamos atribuir ao passado reconhecido. É através desse jogo, ao mesmo tempo intertextual e interimagético que reconstruímos a realidade do passado e somos capazes de percebê-lo segundo suas peculiaridades, “tal como” o mundo era testemunhado. Perceber as peculiaridades de uma determinada época, observando as variações no tempo seja para tomar distância ou para aproximar-se empaticamente das experiências históricas é uma capacidade fundamental para a tomada da consciência histórica (Barbosa, 2016, p. 38).

A consciência histórica não se forma apenas no ambiente escolar, pois a percepção temporal sobre passado e o presente e até mesmo as expectativas sobre o futuro se desenvolvem por meio da própria vivência do aluno. Mas a responsabilidade da escola, especificamente das aulas de História, é permitir que o aluno desenvolva um conhecimento histórico crítico e assim possa se perceber temporalmente em suas vivências se olhando criticamente.

Permitir que os alunos analisem fontes históricas é uma tarefa interessante para o desenvolvimento da consciência histórica. Por meio do estudo das fontes, eles poderão perceber que o passado não está pronto e que não existe uma história única, já que as histórias sobre o passado são construídas por meio de análises dos documentos históricos. Em relação ao OA, é importante que os alunos consigam compreender que a exclusão social dos indígenas e negros não aconteceu de modo “natural”. É crucial que os alunos vejam que a exclusão foi construída e perpetuada por meio de discursos e ações humanas de outras classes sociais que se beneficiaram com essa estrutura social.

Refletindo sobre a epopeia, que é fonte histórica apresentada no *e-book*, os alunos poderão perceber que a identidade nacional brasileira “herdou” aspectos do colonialismo português: a pregação da submissão dos indígenas aos brancos e a exclusão do negro. Assim, por meio da personagem João e de outras personagens da narrativa do OA, a consciência histórica do aluno será motivada a perceber as influências da mentalidade colonial da epopeia perpetuadas na atualidade.

Portanto, a proposta do OA é mobilizar a imaginação do aluno para que ele possa gerar repertório cultural sobre a construção da primeira identidade nacional no Romantismo do século XIX. A história de João e Dandara mobiliza a empatia e conexão entre os alunos e o conhecimento histórico exposto, seja pela presença de fontes históricas, seja pelas análises feitas pelos personagens. A competência narrativa é desenvolvida por meio da atividade que é pedida aos alunos, sendo proposto que eles escrevam uma *fanfic* contando como querem que a narrativa termine. Quando o aluno ouvir sobre Romantismo, Caramuru, e, principalmente, sobre a Independência do Brasil e identidade nacional, ele terá um olhar crítico visto que já terá tido o contato com o OA *Caramuru, segundo João*, que reflete sobre como a visão colonialista foi perpetuada na sociedade brasileira, mesmo após o famoso 7 de Setembro de 1822.

4.2.1 Conceitos: entre o pensamento teórico e o ambiente escolar

Tendo em vista as características do ensino de História, especialmente a necessidade do desenvolvimento do pensamento histórico crítico, é preciso pensar sobre as relações conceituais que o OA pode oferecer. Para apresentar a epopeia *Caramuru* como fonte histórica na Educação Básica, por meio do *e-book Caramuru, segundo João*, é interessante considerar que a abordagem feita por meio da narrativa está ligada ao desenvolvimento de alguns conceitos históricos específicos. Estudar a epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão, buscando entender as ligações entre a mentalidade colonial do autor e o Romantismo brasileiro é um longo percurso. É necessário, pois, passar por outros elementos históricos, como a relação entre os portugueses e os indígenas, a crença em um poderoso Império Português que teria o Brasil como parte fundamental e a relação entre a monarquia e o catolicismo no processo colonial. Essas questões se relacionam perfeitamente com os seguintes conceitos: Cultura, Poder e Religião (estes são os componentes da linha de pesquisa do Mestrado profissional em História Ibérica, no qual foi desenvolvida esta pesquisa).

Deve ser impossível dissociar os conceitos de cultura, poder e religião, em uma análise, sem que uma tenha ainda influência sobre os outros. Pensando na proposta do OA, é interessante refletir sobre a relação desses conceitos no processo de formação da consciência histórica no ensino de História.

O termo cultura pode ser definido com vários significados diferentes, mas com algumas semelhanças centrais, como a sua relação intrínseca com a atividade humana em um contexto histórico. Segundo o *Dicionário de Conceitos Históricos* (2009), de Kalina Vanderlei Silva (2009) e Maciel Henrique da Silva (2009), o constante ato de conceituar o termo cultura “como o conjunto de realizações humanas, materiais ou imateriais leva-nos a caracterizá-la como um fundamento básico da História, que por sua vez pode ser definida como o estudo das realizações humanas ao longo do tempo” (Silva; Silva; 2009, p. 87).

Outras definições de culturas são apresentadas no mesmo livro *Dicionário de Conceitos Históricos* (2009), uma que é pertinente para se pensar nesta pesquisa é a de Alfredo Bosi que, no seu livro *Dialética da Colonização* (1996), conceituou o termo, por meio da etimologia e da linguística. Nessa perspectiva, o autor afirma que

Começar pelas palavras talvez não seja coisa vã. As relações entre os fenômenos deixam marcas no corpo da linguagem. As palavras cultura, culto e colonização derivam do mesmo verbo latino colo, cujo particípio passado é cultus e o particípio futuro é culturus. (Bosi, 1992, p. 11)

Tendo em vista a grande diversidade de culturas e as suas diferenças, é importante pensar na necessidade de problematizar essa questão no ensino de História. Por estarem inseridos em um determinado momento no tempo e espaço, professor e alunos correm o risco de considerarem os seus valores culturais e as suas percepções de mundo como atemporais e inatos ao ser humano. Pensar, portanto, na complexidade do conceito de cultura no ensino de História é necessário para não perpetuar preconceitos e etnocentrismos no estudo de diferentes culturas.

A relação entre culturas distintas costuma provocar um estranhamento devido aos valores culturais diferentes. Assim, cabe ao professor orientar sobre o respeito ao diferente. Especificamente ao professor de História, a sua tarefa é pensar sobre a relação de cada cultura com o tempo e as condições históricas. Também é importante mostrar as modificações que ocorrem devido às diversas mudanças no tempo e no encontro entre culturas.

Pensando sobre o conceito de cultura na pesquisa, pode-se perceber a ligação do mito Caramuru, que ficou eternizado na epopeia de frei Santa Rita Durão, com a história da

colonização portuguesa. Esta foi marcada pela forte influência da mentalidade europeia e da visão eurocêntrica sobre o mundo. Consequentemente a percepção e os valores das culturas dos povos originários do Brasil foram submetidos à interpretação da cultura portuguesa, e isso pode ser observado na epopeia aqui estudada. A obra é, basicamente, uma tentativa de louvar os feitos da catequização e colonização dos indígenas. O discurso do poema é em defesa da suposta legitimidade portuguesa para catequizar os indígenas e da importância disso para o Império de Portugal.

Já o poder é visto como tentativa de Santa Rita Durão legitimar a dominação portuguesa sobre os indígenas no Brasil, para isso ele recorreu à fé católica e ao ideal de um glorioso Império Português. Para defender a sua legitimação, o poeta também apresentou os métodos por meio dos quais os portugueses recorreram para tentar realizar o ideal pregado: a conversão dos indígenas e o uso de força militar contra os que resistissem à colonização e, conseqüentemente, ao Império Português no Brasil.

O conceito de religião, assim como as significações de cultura, apresenta uma ligação direta com a força motora do discurso defendido na epopeia. Ou seja, com a pregação da necessidade portuguesa de catequizar os indígenas e a esperança da construção de um glorioso Império Português fundamentado na Igreja Católica. Segundo o *Dicionário de Conceitos Históricos*, de Silva e Silva (2009), o conceito de religião parece ter sido primeiramente pensado no Ocidente, pois houve uma separação entre as crenças e as ideias seculares, assim surgindo a necessidade de conceituar o termo. Segundo esses autores, o conceito religião pode ser visto como

uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico, lembrando que a religião é sempre coletiva (Silva; Silva; 2009, p. 354).

4.3 A CONCEPÇÃO DO OBJETO DE APRENDIZAGEM *CARAMURU*, SEGUNDO *JOÃO*

A educação escolar deve sempre ser repensada tendo em vista o período e o lugar em que está inserida. O século XXI foi o momento em que houve um acelerado processo de avanço tecnológico. O computador, o celular e as redes sociais se tornaram fortemente presentes no cotidiano da maioria das pessoas, principalmente, entre as mais jovens. Assim sendo, torna-se necessário pensar em novos meios de se ensinar na escola. A oportunidade

de criar novos métodos e a dificuldade de se manter no modo tradicional, considerando que os alunos estão acostumados com uma realidade que se modifica continuamente e ficam cansados com o predomínio de aulas expositivas na escola, chama a atenção para o pensamento de novas abordagens, entre elas os Objetos de Aprendizagens. A internet e as suas tecnologias digitais se tornaram excelentes ferramentas para a educação. De acordo com o verbete *Novas tecnologias*, escrito por Anita Lucchesi e Dilton Maynard no *Dicionário de ensino de História* (2019), organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Margarida Maria Dias de Oliveira, o mundo digital também se mostrou como oportuno para o desenvolvimento do conhecimento histórico, pois os autores afirmam que

a adoção de uma postura (mais) aberta, lúdica e especulativa em relação à tecnologia pode resultar em efetivos ganhos para o letramento histórico e digital de todos os sujeitos envolvidos na relação de ensino e aprendizagem hoje em dia (Lucchesi; Maynard, 2019, p. 181).

Como já foi dito, entre as possibilidades tecnológicas para a sala de aula, a metodologia baseada na criação de Objetos de Aprendizagem se mostrou atrativa. Apesar das diversas definições do conceito de Objeto de Aprendizagem, a ideia central é que “Os objetos de aprendizagem podem ser vistos como componentes ou unidades digitais, catalogados e disponibilizados em repositórios na Internet para serem reutilizados para o ensino.” (Braga, 2014, p 21). Cogitando as dificuldades de aplicar materiais digitais nas aulas (tamanho, formato e acessibilidade) e na possibilidade de reutilização do recurso que a internet pode oferecer, propor a criação de Objetos de Aprendizagens foi importante por propiciar caminhos pedagógicos que não se prendem aos modelos tradicionais. Criar um material didático tendo em vista as possibilidades que a internet oferece é interessante, pois “Os objetos de aprendizagem são elaborados em formas variadas de apresentação conceitual como textos, imagens, animações, simulações, podendo ser distribuídos na internet” (Aguiar; Flôres, 2014, p. 51).

Alguns conceitos são fundamentais para entender, elaborar e analisar os objetos de aprendizagem, como a “reusabilidade, adaptabilidade, granularidade, acessibilidade e durabilidade” (Aguiar; Flôres, 2014, p. 15). Os conceitos relacionados às características dos Objetos de Aprendizagem, conforme Juliana Braga e Lilian Meneses, no livro *Objeto de Aprendizagem* (2014), serão apresentados resumidamente no próximo parágrafo.

O conceito de *reusabilidade* se refere à possibilidade de o material didático ser utilizado novamente, ou seja, que possa ser replicado para ser trabalhado em outras salas de

aulas. Já o conceito de *adaptabilidade* se refere à capacidade de o material ser adaptado para diferentes ambientes escolares, por exemplo, que ele possa ser, de certa forma, fácil de ser reestruturado para atender à demanda de certo contexto. A *granularidade* é o conceito que se atenta para o “tamanho” do arquivo *online*, ou seja, se um material é “pesado” para ser utilizado em um computador ou celular simples, ele apresenta baixa granularidade. Se, ao contrário, um arquivo é “leve” e pode ser acessado em qualquer equipamento, então, ele apresenta alto nível de granularidade. Se um Objeto de Aprendizagem apresenta uma linguagem acessível que permita um acesso simples e intuitivo, então ele pode ser visto como um OA com alto grau de *acessibilidade*. Tendo em vista que a tecnologia está em constante avanço que provoca mudanças nos próprios sistemas operacionais, é interessante que um OA seja capaz de permanecer acessível mesmo com as possíveis mudanças para arquivos, assim pode-se utilizar o conceito de *durabilidade*. Mas um dos conceitos que mais se destaca é a *interatividade* que o Objeto de Aprendizagem deve oferecer, pois essa é uma das características fundamentais tanto das novas tecnologias quanto das abordagens pedagógicas contemporâneas. *Interatividade* pode ser vista como interação entre o aluno e o OA: se o percurso é feito apenas pelo material, é interação passiva, se o aluno é convidado a participar ativamente, então é uma interação ativa. Por outro lado, o arquivo pode apresentar as duas interações, o que seria uma interação mista.

Alguns pesquisadores afirmam que o aluno precisa interagir com o ambiente de aprendizagem para realizar uma aprendizagem significativa. Mas para estabelecer verdadeira interatividade, o aluno precisa se sentir participante da ação. A aprendizagem mais eficaz é realizada em ambientes que combinam as representações do conhecimento em verbais (palavras impressas, palavras faladas) e não verbais (ilustrações, fotografias, vídeo e animação), utilizando a modalidade mista para as apresentações desse conhecimento (visuais e auditivas) (Flôres e Tarouco, 2008 *apud* Braga e Menezes 2014, p. 29-30).

Em relação ao OA *Caramuru, segundo João*, é preciso lembrar algumas coisas. Para atender aos objetivos pedagógicos da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) para desenvolver a consciência histórica sobre a criação da primeira identidade nacional no século XIX, o mito Caramuru, eternizado pela epopeia de Santa Rita Durão, se tornou uma interessante escolha. Em vez de se trabalhar com romances de José de Alencar entre outros, estudar a epopeia Caramuru, que é um dos principais mitos sobre o “nascimento do Brasil”, permitiria um olhar direto e crítico sobre as continuidades do imaginário colonial no Brasil independente. Tendo em vista que Diogo Caramuru viveu no século XVI, quando ainda não existia a nação brasileira, fica evidente o anacronismo: percebê-lo como “patriota” e

“nacional” no sentido que os termos ganharam a partir dos séculos posteriores. Esses anacronismos costumeiros se tornaram parte da percepção do mito Caramuru. Isso aconteceu devido ao movimento conhecido como Romantismo do século XIX, que, procurando exaltar um nacionalismo para a recém-formada nação brasileira, encontrou, no mito Caramuru, uma possível simbologia para representar a miscigenação. Assim, a epopeia de viés colonizador de José de Santa Rita Durão, publicada em 1781, alcançou uma notoriedade para criar uma identidade nacional.

O problema de se trabalhar uma epopeia na Educação Básica é evidente devido tanto ao tamanho dos poemas desse gênero quanto à complexidade apresentada pela estrutura que já se tornou distante dos gêneros textuais da atualidade. Assim, o Objeto de Aprendizagem possibilita minimizar o distanciamento desse gênero com a escola, por meio da elaboração de uma narrativa fictícia que apresenta partes dos versos da epopeia e ainda problematiza o gênero. Portanto, o OA foi criado para atender a essa problematização. A escolha pelo gênero *fanfic* e não apenas pelo conto fantástico, tanto no *Caramuru, segundo João*, quanto na atividade proposta aos alunos, pode ser explicada pela liberdade de criação artística e proximidade cultural que o primeiro parece oferecer ao público-alvo em detrimento do segundo.

Para elaborar o Objeto de Aprendizagem, a escolha foi utilizar o recurso Documentos do *Google*. A história de João é contada por meio do *e-book* e para ilustrar a narrativa, foram usadas imagens sem direitos autorais que estão disponíveis gratuitamente nos *sites Pixabay* e *Pexels*. Essas imagens do Pixabay são para ilustrar e não necessitam de direitos autorais, nem de vinculação ao artista, pois estão sob a licença do Pixabay, portanto podem ser reutilizadas e modificadas gratuitamente seguindo as normas do *site*. É importante afirmar que tais imagens não são as únicas a serem apresentadas no OA. Para o fim de aprendizado, são apresentadas imagens de fontes históricas, como a pintura de Moema, entre outras.

Considerando que o público-alvo são alunos do Ensino Fundamental, o grau de *acessibilidade* é alto e necessita apenas do básico da fluência tecnológica, pois a própria narrativa literária irá conduzir o percurso do uso tecnológico. O Objeto de Aprendizagem pode ser idealmente trabalhado com o acesso pessoal de cada aluno. Mas caso os alunos não tenham acesso a computadores ou celulares, apenas com o acesso do professor é possível ser trabalhado. O OA poderá ser apresentado por meio da leitura feita pelo professor ou pelos alunos conforme escolha do regente de classe. Ou, talvez, se a escola tiver recursos, poderá imprimir o *e-book*. Assim poderia reaproveitar o material de um modo inteligente, sendo necessário que o professor separe as partes que são acessadas por meio de *links* no *e-book* e

oferecê-las no momento ideal previsto na história. Dito isso, é possível considerar que o *e-book* apresenta maior acessibilidade.

Acerca da *interatividade*, o OA se apresenta de modo interessante, pois se fosse apenas a narrativa *Caramuru, segundo João*, o nível de interação seria mediano. A interação seria apenas nos *links* da pintura e da epopeia. Mas, no capítulo dedicado ao professor, Guia do professor, é apresentado um percurso para trabalhar o OA em sala de aula. Para simular uma plataforma de *fanfic*, é proposto ao professor criar uma turma, pasta ou curso em algum *site*, seja no *Google Classroom* (se a escola estiver inscrita no *Google for education fundamentals*), *Moodle* ou outra alternativa que possibilite a criação de um mural virtual. Assim, primeiramente, o professor colocará o *e-book* no mural e depois pedirá para que cada aluno poste a sua versão-*fanfic*, sendo possível que os alunos comentem a *fanfic* dos seus colegas. Portanto, a *interatividade* é apresentada não apenas no *e-book*, mas também no percurso didático que o professor poderá desenvolver em sala de aula.

Sobre as outras características dos Objetos de Aprendizagem, *Caramuru, segundo João* apresenta algumas questões a serem observadas. O *e-book* pode ser reutilizado em outras situações diferentes da proposta de trabalhar a construção da identidade nacional no Romantismo. Pode, por exemplo, ser utilizado em aulas sobre a colonização e também como um livro de literatura nas aulas de leitura. O modelo do OA pode ser adaptado pelo professor para trabalhar outros conteúdos, sendo possível que escreva uma história sobre o tema desejado seguindo a linha narrativa e o percurso didático aqui apresentado. Por ser virtual, o *e-book* mostra alto nível de *durabilidade*. Já sobre a *granularidade*, *Caramuru, segundo João* não é um arquivo pesado e a epopeia e a pintura são apresentados por meio de *links*.

4.4 FANFIC: ENTRE A HISTÓRIA E A FICÇÃO

Fanfic, ou *fanfiction*, é um gênero ligado ao mundo virtual. Provavelmente, já existiam *ficção de fãs* antes do surgimento da internet, mas foi nesse espaço que o gênero se popularizou e recebeu tal nome. O contexto da difusão das *fanfics* está vinculado ao surgimento das redes sociais. Estas serviram para conectar as pessoas e possibilitar o compartilhamento de conteúdos. Nesse viés surgiram as redes sociais ligadas a *fanfics*, sendo as mais conhecidas a *Wattpad* e a *Social Spirit*. Assim, os fãs de determinada obra podem se reunir para compartilhar as suas *fanfics*, tanto como escritores quanto leitores, sendo os adolescentes e jovens grande parte desse público.

Escrever uma *fanfic* não é simplesmente reescrever uma história, pois

Não se trata simplesmente de produzir mais e mais interações de personagens e mundo existentes, ou melhor, não se trata só disso. Ela existe para fazer coisas com estes personagens e mundos existentes que seus criadores não conseguiram ou não quiseram fazer (Grossman, 2013 apud Jamilson, 2017, apresentação do livro).

Do ponto de vista educacional, a *fanfic* pode ser utilizada como um recurso didático para a interdisciplinaridade no ensino de História e Literatura/Língua Portuguesa. Para pensar sobre o uso da *fanfic* em tal contexto, é necessário refletir sobre algumas questões, pois a interdisciplinaridade vai além do simples uso de fontes literárias no ensino de História.

Primeiramente, é importante ter em vista que, no ensino de História, o aluno não deve ser tratado como um receptor passivo de datas, nomes e lugares. É necessário pensar em formas que permitam a interação ativa entre o aluno e o conteúdo do conhecimento estudado. Em segundo, é interessante que o tema a ser ensinado e aprendido em sala de aula possa se ligar à vida dos alunos ou a assuntos pelos quais eles se interessem, pois, sem essa conexão, é difícil que o conhecimento faça sentido. A terceira questão a ser pensada é a importância da criticidade no ensino e na aprendizagem de história que pode se ligar a uma das principais características das *fanfics* que é a subversão do suposto original.

Caramuru, segundo João é uma *fanfic* do mito Caramuru, especificamente da epopeia do mesmo nome pelo frei José de Santa Rita Durão. Sendo uma *fanfic*, extrapola os limites entre a obra e o autor, o tempo e apresenta uma subversão do ideal do mito pregado pelo frei. Ao colocar personagens negros, a *fanfic* mostra uma crítica à construção da identidade no romantismo brasileiro do século XIX, uma vez que os negros foram desconsiderados nesse processo.

Por meio da *fanfic Caramuru, segundo João* e da atividade proposta para que os alunos escrevam a continuação da narrativa, é possível perceber que o aluno poderá desenvolver uma criticidade ao ler outras obras, pois

Escrever e ler fanfiction não é apenas algo que você faz; é uma forma de pensar criticamente a mídia que você consome, de estar consciente de todas as suposições implícitas que um trabalho canônico carrega, e de considerar a possibilidade de que aquelas suposições poderiam não ser as únicas existentes (Glossman, 2013, apud Jamilson, 2017, apresentação do livro).

Portanto, tanto a leitura do conto *Caramuru, segundo João*, quanto a realização da atividade proposta, no capítulo *Caramuru, segundo você*, podem auxiliar no desenvolvimento da formação da criticidade no aluno. Respeitando os limites que o gênero

fanfic encontra em sala de aula, especificamente, na aula de História, o OA e a atividade apresentada mostram a possibilidade do uso da imaginação na interdisciplinaridade entre a História e Literatura/Língua Portuguesa. Assim, o uso de fonte histórica literária em sala de aula não ficou restrito a uma repetição do olhar científico e acadêmico, mas teve como objetivo aproveitar-se da visão imaginativa dos alunos para uma percepção crítica e ativa do material estudado. O caminho que a *fanfic Caramuru, segundo João* encontrou no ensino de História é o uso da imaginação crítica no cruzamento da obra *Caramuru* tanto com o autor e seu contexto de produção quanto com a recepção em certo período. Em vez de ser apresentada a fonte e o seu contexto de produção e recepção, foram problematizadas as questões envolvidas, aproveitando recursos fictícios para criar um mistério a ser desvendado.

4.5 CARAMURU, SEGUNDO JOÃO NA SALA DE AULA

Prezando pela interdisciplinaridade e sendo orientado pelas normas da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) e do Conteúdo Básico Comum de Minas Gerais (CBC-MG), a apresentação do OA *Caramuru, segundo João* em sala de aula poderá ser entre a disciplina de História e Literatura/Língua Portuguesa no 8º ano do Ensino Fundamental ou anos posteriores com as devidas adaptações do professor.

No que tange à área de História no período referido, a BNCC propõe na unidade temática *O Brasil no século XIX* que um dos objetos de conhecimento seja “a produção do imaginário nacional brasileiro: cultura popular, representações visuais, letras e o Romantismo no Brasil” (Brasil, 2018, p. 426). A habilidade para tal conhecimento que se relaciona diretamente com o OA aqui apresentada é a (EF08HI22) na qual se propõe “discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX” (Brasil, 2023, p. 144). Essa ligação é de modo direto, pois a pesquisa desenvolvida é sobre a leitura romântica da epopeia *Caramuru* e as influências desse olhar sobre a identidade nacional representado na pintura *Moema*, de Victor Meirelles (1866).

Já no CBC de Minas Gerais, no Eixo Temático II do Ensino Fundamental para a disciplina de História, “Construção do Brasil: Território, Estado e Nação”, estão expostas no tópico “VIII. Construção da identidade nacional: branqueamento e elitismo” as habilidades que se ligam às reflexões provindas do *e-book Caramuru, segundo João*:

- Analisar e compreender a formulação de uma primeira identidade nacional como projeto das elites políticas do Império, e, portanto, excludente.
- Analisar a importância das escolas literárias (“indigenismo”, romantismo) e criação de institutos acadêmicos para constituição de uma identidade nacional. (Minas Gerais, 2005, p. 27).

O OA *Caramuru, segundo João* também denuncia a exclusão do negro na construção da identidade nacional no Romantismo, pois os negros ainda estavam escravizados e depois da abolição ainda continuaram excluídos da sociedade. No *e-book* são mostradas, de modo crítico, as consequências da escravidão e do racismo no Brasil. Isso é feito por meio da vida de João. Tendo essas questões em vista, uma outra habilidade também pode ser desenvolvida por meio do OA: a (EF08HI20) “identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas” (Brasil, 2018, p. 427). Além dessas habilidades que podem ser trabalhadas usando o OA *Caramuru, segundo João*, uma outra também se mostra possível de ser desenvolvida durante o percurso pedagógico proposto: a (EF08HI27) que mostra a importância de o aluno “identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas” (Brasil, 2018, p. 427).

Já em relação à disciplina de Literatura/Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, especificamente 8º ano, a BNCC propõe que se possam trabalhar as seguintes habilidades, mostradas abaixo na citação, que poderão ser mobilizadas para a realização da atividade proposta no último capítulo do OA *Caramuru, segundo você*.

(EF89LP32) Analisar os efeitos de sentido decorrentes do uso de mecanismos de intertextualidade (referências, alusões, retomadas) entre os textos literários, entre esses textos literários e outras manifestações artísticas (cinema, teatro, artes visuais e midiáticas, música), quanto aos temas, personagens, estilos, autores etc., e entre o texto original e paródias, paráfrases, pastiches, trailer honesto, vídeos-minuto, vidding, dentre outros

(EF89LP33) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – romances, contos contemporâneos, minicontos, fábulas contemporâneas, romances juvenis, biografias romanceadas, novelas, crônicas visuais, narrativas de ficção científica, narrativas de suspense, poemas de forma livre e fixa (como haicai), poema concreto, ciberpoema, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.

(EF89LP35) Criar contos ou crônicas (em especial, líricas), crônicas visuais, minicontos, narrativas de aventura e de ficção científica, dentre outros, com temáticas próprias ao gênero, usando os conhecimentos sobre os constituintes estruturais e recursos expressivos típicos dos gêneros narrativos pretendidos, e, no caso de produção em grupo, ferramentas de escrita colaborativa. (Brasil, 2018, p. 187).

Os professores de História e Língua Portuguesa (Literatura) do 8º ano do Ensino Fundamental poderão levar o percurso didático aqui apresentado para realizar um trabalho interdisciplinar em sala de aula, uma vez que o OA contempla habilidades requeridas para as duas áreas. Primeiramente, será necessário criar um mural *online*, que pode ser feito no *Google Classroom* ou no *Moodle*. Depois de adicionar os alunos, os professores poderão postar o *e-book* e pedir a sua leitura. Depois, ao terminarem a leitura do *fanfic*, os professores podem pedir para que os alunos postem, no mural, a atividade que foi solicitada no capítulo *Caramuru, segundo você*. Assim, os alunos poderão ler as *fanfics* de seus colegas. A avaliação poderá ser realizada durante o percurso didático e não apenas com a *fanfic* produzida, visto que a leitura e interpretação do texto são fundamentais para a realização da atividade. Essa avaliação pode ser feita pelo professor por meio de uma conversa perguntando o que os alunos estão achando da *fanfic* e também por perguntas sobre o texto e suas relações com aspectos históricos e com o cotidiano de muitos brasileiros, avaliando, assim, o nível de leitura. Esse percurso didático pode ser visto como um projeto interdisciplinar e poderá contemplar de cinco a oito aulas de cinquenta minutos para ser aplicado, dependendo do nível de desenvolvimento de leitura e escrita dos alunos.

Portanto, *Caramuru, segundo João* é um Objeto de Aprendizagem que apresenta uma narrativa fictícia e propõe que o aluno a termine de escrever. Sendo um Objeto de Aprendizagem, o *e-book* apresenta características como interatividade, granularidade e acessibilidade. O livro digital foi elaborado para o ensino de História no 8º ano do Ensino Fundamental, preza pela interdisciplinaridade com a Literatura/Língua Portuguesa, tanto ao trabalhar com literatura, quanto ao propor a atividade de produção textual – leitura e escrita. Sendo uma *fanfic*, o OA propõe uma versão crítica do mito Caramuru, pois, além de focar em personagens negros (que não aparecem no mito fundacional da nação brasileira), ainda mostra Caramuru como “vilão” ao ser apresentado como uma simbolização da colonização. A proposta do OA é auxiliar no desenvolvimento da competência narrativa do aluno e de ser um elemento cultural para o seu repertório histórico sobre a construção da primeira identidade nacional no Romantismo brasileiro do século XIX, sendo útil para a formação de uma consciência histórica crítica sobre o tema. Portanto, *Caramuru, segundo João* é a proposta de um percurso didático que poderá adentrar o aluno no pensamento crítico sobre a identidade nacional e a sua relação com a colonização.

4.6 CONCLUSÃO

Tendo em vista que o ambiente escolar passou por diversas transformações no século XXI, devido ao desenvolvimento das tecnologias digitais, houve uma preocupação com a criação de recursos didáticos virtuais que possam ser oferecidos aos professores para a utilização em sala de aula. É necessário, porém, que os professores estejam conscientes sobre o perigo da escolha de qualquer recurso didático disponível no mundo virtual sem, primeiramente, verificar a metodologia de sua elaboração e a viabilidade de sua utilização em sala de aula. Esta seção da pesquisa, a Parte II, serviu para atender a este propósito: explicar sobre a metodologia da elaboração do OA desenvolvido nesta pesquisa e propor caminhos possíveis para sua utilização na Educação Básica.

Por isso, o foco voltou-se para a apresentação do Objeto de Aprendizagem *Caramuru, segundo João*, que é um *e-book* elaborado para ser utilizado tanto nas aulas de História quanto nas de Literatura/ Língua Portuguesa. Essa interdisciplinaridade não foi uma decisão aleatória, pois foi pensada diante do problema que aflige o professor de História: o distanciamento temporal do seu objeto de estudo. Nas aulas dessa disciplina na Educação Básica, os alunos precisam, de certa forma, imaginar o passado e lhe atribuir sentidos que possibilitam o aprendizado. Por isso, as disciplinas de Literatura/Língua Portuguesa se mostraram atrativas, pois serviram para o desenvolvimento da imaginação histórica e para a atribuição de sentidos sobre o passado. Isso aconteceu tanto na narrativa fictícia sobre a epopeia *Caramuru* de José de Santa Rita Durão, quanto na atividade de produção textual também apresentada.

Tendo o propósito de ser utilizado em sala de aula, o OA se colocou como uma ponte que pode auxiliar os alunos tanto no desenvolvimento da imaginação sobre a construção da primeira identidade nacional após a Independência do Brasil, quanto na ampliação da criticidade acerca das consequências da exclusão dos negros nesse processo histórico. Assim, o OA tem a intenção de desenvolver um olhar histórico que se liga ao presente e apresenta sentidos para o aluno.

Essa metodologia se liga ao conceito de consciência histórica, abordado por Barbosa (2016), entre outros autores. Considerando que a utilização das fontes históricas na Educação Básica é diferente do seu uso no meio acadêmico, o conceito de consciência histórica ganhou relevância, pois é o objetivo das aulas de História auxiliar os alunos a desenvolvê-la criticamente. Assim, pode-se dizer que o OA *Caramuru, segundo João*

oferece um caminho para a ampliação da consciência histórica por meio do desenvolvimento da competência narrativa e do repertório cultural apresentado.

O gênero *fanfic* foi escolhido devido a sua proximidade com os alunos e com o mundo virtual, além da criticidade e da liberdade artística tão intrínseca a esse tipo de escrita. Assim, o Objeto de Aprendizagem apresenta as características necessárias para um OA, como a “reusabilidade, adaptabilidade, granularidade, acessibilidade e durabilidade” (Aguar; Flôres, 2014, p. 15).

Portanto, é possível afirmar que o produto final desta pesquisa contempla as características necessárias para a sua utilização na Educação Básica, seja nas aulas de História, seja nas aulas de Literatura/Língua Portuguesa. Além de aproveitar o uso das fontes históricas (a epopeia e a pintura), objetivando a ampliação do olhar crítico dos alunos, a pesquisa ainda buscou uma aproximação entre os alunos e o OA desenvolvido. Isso foi feito por meio da escolha do gênero *fanfic*, pela linguagem e pela atividade em que se pede para os alunos continuarem a escrita da narrativa.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo consciente de que as epopeias apresentam algumas peculiaridades ao serem utilizadas no ensino, esta pesquisa focou na epopeia *Caramuru* de José de Santa Rita Durão como seu objeto de estudo. Tendo em vista que essa epopeia foi escrita por Durão para defender a importância da Igreja Católica na colonização do Brasil, é interessante notar que a obra foi vista pelo estudioso Ferdinand Denis como um exemplo para a Literatura Brasileira que estava se formando após a Independência do Brasil. A abordagem interdisciplinar teve o objetivo de analisar essa epopeia tendo em vista tanto o seu contexto de escrita no século XVIII, quanto o momento de sua recepção no Romantismo brasileiro do século XIX, percebendo a sua relação com a construção da primeira identidade nacional, para elaborar um Objeto de Aprendizagem para ser trabalhado na Educação Básica.

As perguntas poderiam ser muitas, mas tendo em vista as limitações da possibilidade de respondê-las em uma única pesquisa, foi necessário optar por apenas quatro: (a) Como o mito de *Caramuru* foi aproveitado por Durão e quais são as consequências do olhar do poeta para a construção das personagens? (b) Como uma epopeia, feita para louvar a colonização e o Império de Portugal, foi lida no século XIX como obra exemplar para a literatura brasileira que estava se formando após a Independência do Brasil? (c) Como Moema, uma personagem inventada pelo poeta, pôde ser vista, posteriormente, como um símbolo da nação brasileira? (d) Como é possível trabalhar a epopeia *Caramuru* de Santa Rita Durão nas aulas de História, de forma interdisciplinar com a Literatura e Língua Portuguesa, na Educação Básica?

Essas perguntas se ligaram diretamente com os objetivos específicos que foram:

- a) Refletir sobre o contexto de produção da epopeia *Caramuru* relacionado ao momento histórico vivido por Durão;
- b) Analisar o anacronismo na leitura da epopeia *Caramuru* no Romantismo brasileiro no século XIX;
- c) Perceber o destaque que a personagem Moema recebeu no Romantismo e
- d) Refletir sobre a possibilidade da utilização da epopeia *Caramuru* na Educação Básica.

As três primeiras perguntas e os três primeiros objetivos específicos foram discutidos na Parte II e a quarta pergunta e o quarto objetivo contemplados na Parte III.

Sobre a primeira pergunta que se liga ao primeiro objetivo, foi possível perceber que o mito *Caramuru* foi aproveitado por Santa Rita Durão como uma forma de defender os

jesuítas e atacar a mentalidade ilustrada de seu tempo que não percebesse a importância da Igreja Católica na colonização do Brasil. Esse uso do mito fez com que as personagens tivessem uma representação diferenciada. Por exemplo, a personagem Paraguaçu foi mostrada com as mesmas características de uma portuguesa. Já a personagem Moema serviu para mostrar a oposição à empreitada de Caramuru, mas o seu discurso foi menosprezado pelo seu próprio nome que tem como um de seus significados a palavra “mentira”. Assim, foi possível constatar que a utilização do mito como uma argumentação de uso político, em defesa dos jesuítas diante da perseguição feita por Marquês de Pombal, provocou reações na elaboração das personagens da epopeia.

O entrelaçamento da segunda pergunta ao segundo objetivo resultou na constatação de que a proposta de Durão, sobre o renascimento de Portugal no Brasil (enquanto colônia), provocou, indiretamente, um olhar diferenciado após a Independência do Brasil, no qual se via não o Portugal renascido, mas o nascimento da nação brasileira. Toda a argumentação de Durão sobre a grandiosidade do Império de Portugal e da missão de Caramuru tornaram-se a base para a defesa romântica da nação recém-formada.

Já a terceira pergunta e o terceiro objetivo se ligaram na percepção de que Moema, após a Independência do Brasil, deixou de ser vista como apenas uma personagem da obra *Caramuru*, para se tornar uma simbolização da ruptura entre Portugal e Brasil. Isso aconteceu devido à representação de Durão que permitiu a personagem fazer um discurso opositor ao projeto de Caramuru (a representação dos portugueses). Também é possível perceber a influência da leitura de Ferdinand Denis, do contexto do Romantismo brasileiro e das pinturas de Pedro Américo (1859) e Victor Meirelles (1866) na leitura da epopeia no século XIX.

Já a quarta pergunta e o quarto objetivo, desenvolvidos e discutidos na Parte III, permitiram o percurso que resultou na elaboração do *e-book Caramuru, segundo João*. Este Objeto de Aprendizagem foi proposto diante da necessidade da criação de um recurso didático sobre o tema proposto, a relação entre a epopeia de Durão e a primeira identidade nacional, que auxiliasse no desenvolvimento da competência narrativa, vista como fundamental para a ampliação de uma consciência histórica crítica. Curiosamente, o gênero *fanfic* foi escolhido para atender ao propósito de ampliar o repertório dos alunos sobre o tema histórico escolhido e de trabalhar o desenvolvimento da escrita em sala de aula.

Na Parte I, *Caramuru, segundo João*, são apresentadas as páginas do *e-book* desenvolvido nesta pesquisa. Por meio de uma narrativa fictícia são apresentadas questões relacionadas à epopeia *Caramuru*, de Santa Rita Durão. A obra literária criada é uma *fanfic*,

pois se aproveita diretamente do poema épico para criar o seu enredo. Assim, foi possível a criação de personagens atuais que não estavam presentes no mito, por exemplo João, Dandara e Carlos. Também foi mudado o tempo da narrativa: em vez do século XVI, a narrativa acontece no tempo presente. Além disso, a *fanfic* se aproveitou da representação de pessoas que realmente existiram, ou seja, o poeta Durão e o estudioso francês Denis se tornaram personagens.

O elemento fantástico encobre toda a obra, pois foi necessário utilizá-lo para a coerência da narrativa, já que pessoas de várias épocas precisavam conviver lado a lado. Além disso, características fantásticas foram importantes para a realização do enredo. O Brasil é representado por meio de uma criança de duzentos anos e a colonização é representada por um homem. A escolha dessa representação simbólica foi para facilitar a comparação proposta. A missão de João era criar uma narrativa que separasse a voz uníssona da criança e do homem, ou seja, que separasse o discurso e a identidade do Brasil e da colonização.

João escreve *Caramuru, segundo João*, mas é morto por Caramuru antes de conseguir entregar a narrativa para a Criança-Nação e o Homem-Colonização. Nesse momento é apresentado o capítulo *Caramuru, segundo você*, no qual é proposta uma atividade para os alunos. O leitor é convidado a escrever um novo final da narrativa. Para isso, é explicado o gênero textual *fanfic* e as possibilidades de reescrever aspectos do *e-book*. Nesse mesmo capítulo, é exibido um *link* para a epopeia *Caramuru*.

No último capítulo do *e-book*, Guia do professor, é mostrado o caminho pedagógico para a realização do percurso proposto pelo OA. Para simular uma plataforma de *fanfic*, o professor é convidado a criar uma sala virtual no *Google Classroom* ou no *Moodle* para que os alunos possam postar as suas *fanfics*.

Na Parte II, *Caramuru e a identidade nacional*, a epopeia *Caramuru*, de Durão, é tomada como um ponto de partida para a análise do mito de Diogo. Este é visto na epopeia como o Adão da “Lusitânia brasileira”. Isso pode ser percebido nos versos: “Da nova Lusitânia o vasto espaço / Ia a povoar Diogo” (Durão, [20--], p. 5). Sendo assim, o Brasil era visto como uma parte de Portugal, a glória do Brasil seria a continuação de Portugal: “Que o antigo Portugal vos apresento / No Brasil renascido, como em novo” (Durão, [20--], p. 4),

Depois, o foco da pesquisa se volta para a leitura da epopeia no século XIX. Denis (1978) afirmou que a epopeia de Durão podia ser vista como um exemplo que “assinala claramente o objetivo que deve dirigir a poesia americana” (Denis, 1978, p. 57). Outras ligações da epopeia *Caramuru* e o Romantismo são observadas pela pintura *Moema*, de

Victor Meirelles, e pela semelhança de Moema com a personagem Iracema, de José de Alencar. Ambas as personagens foram vistas pela crítica como representações do Brasil após a Independência (Miyoshi, 2010).

Na Parte III: *Caramuru, segundo João: a fanfic* no ensino interdisciplinar de História e Literatura/Língua Portuguesa, o OA é visto em seu contexto pedagógico. O *e-book* foi desenvolvido para estudantes do 8º ano do Ensino Fundamental. É proposto que seja feito um ensino interdisciplinar de História e Literatura/Língua Portuguesa. Mas pode ser aplicado em outras séries e disciplinas. A intenção principal é auxiliar o desenvolvimento de uma visão crítica acerca da identidade do Brasil por parte dos estudantes, além de incentivá-los a conhecer a relação da epopeia colonialista com a formação da nacionalidade brasileira. A ludicidade foi prezada, pois, em vez do *e-book* ser um texto teórico sobre o assunto estudado, é uma *fanfic*. Assim, na simulação da plataforma de *fanfic*, os estudantes poderão interagir com a fonte histórica, a epopeia, e ainda desenvolver a competência narrativa que é fundamental para a consciência histórica (Barca, 2006, Barbosa, 2016).

Considerando que nenhuma pesquisa pode apresentar uma conclusão final sobre o tema escolhido, é interessante apontar alguns caminhos possíveis que podem ser percorrido em outras pesquisas. Como já foi dito, outras perguntas podem ser feitas acerca da relação entre a epopeia *Caramuru* de Durão e a construção da primeira identidade nacional brasileira. Uma delas é a possibilidade de se fazer um paralelo entre as personagens Moema, de Durão, e Iracema, de José de Alencar. Por meio dessa comparação, poderá ser feita uma análise das semelhanças e diferenças entre as personagens para se comparar o projeto de Brasil visto na recepção da obra *Caramuru* no Romantismo e o projeto de nação de José de Alencar apresentado em suas obras. Outra alternativa de pesquisa pode ser a comparação entre o contexto histórico da leitura de *Caramuru* no Romantismo e o momento de escrita da obra *Os herdeiros de Caramuru* (1895), de Domingos Jaguaribe, no final do século XIX, na qual o autor denuncia, em defesa da abolição da escravidão, a visão de *Caramuru* como pai do Brasil, herdada do Romantismo.

A metodologia do OA *Caramuru, segundo João* também pode ser reutilizada para o ensino-aprendizado desses outros temas pois abrangem a interdisciplinaridade de História e Literatura/Língua Portuguesa. Tanto a estrutura da narrativa pode ser aproveitada para outras histórias, quanto a simulação da plataforma de *fanfic*, por meio de uma sala de aula no *Google Classroom* ou *Moodle*, pode ser utilizada para a publicação de outros textos dos alunos. Sobre a relação da epopeia *Caramuru* e a identidade nacional, a personagem Moema

pode ser aproveitada para a criação de outras *fanfics*, pois também remete à criação da nacionalidade brasileira no Romantismo.

Tendo avistado que a amplitude de possibilidades de novas pesquisas provoca novas perguntas, pode-se voltar, sempre que for interessante, a atenção para esta pesquisa e para o *e-book* aqui apresentado, com o objetivo de aprofundar essas reflexões e criar pontes para novas questões que ainda podem ser levantadas.

Portanto, considerando que a *fanfic Caramuru, segundo João* pode ser vista como um Objeto de Aprendizagem para trabalhar a relação entre a identidade nacional e a exclusão social, o *e-book* se insere no debate sobre a nacionalidade brasileira: Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Essas são perguntas que devem ser respondidas prezando pelo respeito à diversidade e com a coragem de olhar o passado com os olhos do futuro. As respostas podem ser inesperadas, assim como foi a resposta para pergunta desta pesquisa: Como estudar a epopeia em sala de aula? E a resposta foi: Com *fanfic*?

REFERÊNCIAS

FONTES HISTÓRICAS

DURÃO, José de Santa Rita. **Caramuru**: poema épico do descobrimento da Bahia. Domínio Público: Fundação Biblioteca Nacional. [20--]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2111. Acesso em: 20 abr. 2023.

MEIRELLES, Victor. **Moema**. 1866. Pintura: óleo sobre a tela. 130 x 196,5x3cm. São Paulo, Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - MASP. Online. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/moema>. Acesso em: 20 abr. 2023.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Eliane; FLÔRES, Maria. Objeto de Aprendizagem: conceitos básicos. In: TAROUCO, Liane. ÁVILA, Bárbara; SANTOS, Edson dos; BEZ, Maria; COSTA, Valéria (Orgs) **Objetos de Aprendizagem: teoria e prática**. Porto Alegre: Evangraf, 2014.

AMADO, Janaína. “Diogo Álvares, o Caramuru, e a fundação mítica do Brasil”. **Estudos Históricos**, Heróis nacionais. Rio de Janeiro, n° 25, p. 1-37, 2000. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2110> Acesso em: 16 abr. 2023.

AMÉRICO, Pedro. **Moema**, óleo sobre madeira, 22,5 x 28cm, coleção Sergio Fadel, 1859.

ARRAES, Guel. **Caramuru**: A Invenção do Brasil. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2001.

BARBOSA, Alexandre Rodrigues de Frias. **A narrativa como ensaio para aprendizagem da História: arte e ficção na constituição do tempo e de si**. 2016. 169f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em: <https://www.bdt.uerj.br:8443/handle/1/12138>. Acesso em: 20 ago. 2023.

BARCA, Isabel. Literacia e consciência histórica. **Educar**, Curitiba, 2006. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/5545>. Acesso em 18 abr. 2023

BARROS, João de. **O Caramuru**: Aventuras prodigiosas de um português colonizador do Brasil - Adaptação em prosa do poema épico de Frei José de Santa Rita Durão, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1935.

BERNARDELLI, Rodolpho. **Moema**, bronze, 25 x 218 x 95 cm, 1894-1895, bronze, São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1990.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996

BRAGA, J. C., **Objetos de aprendizagem**, volume 1: introdução e fundamentos / Organizado por Juliana Cristina Braga – Santo André: Editora da UFABC, 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> Acesso em: 20 ago. 2023.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

COSSON, Rildo. Letramento Literário. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação. **Centro de Alfabetização, Leitura e escrita-CEALE**. Verbete online. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>. Acesso em 08 fev. 2024.

DA COSTA, Maria Edileuza. Lindoia, Moma... Carolina, Iracema: mitos românticos da literatura brasileira. **Interdisciplinar** - Revista de Estudos em Língua e Literatura, São Cristóvão-SE, v. 7, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1078>. Acesso em: 9 dez. 2023.

DENIS, Ferdinand. Resumo da História Literária do Brasil. In: CÉSAR, Guilhermino. **Historiadores e críticos do Romantismo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 1978.

DÓRIA, Francisco Antonio. **Caramuru (1/5) - De Lá Pra Cá - 30/03/2009**. TV Brasil, 13/03/2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3Vf-p97Hf94> Acesso em: 14 abr. 2023.

EISENBERG, José. **As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

EPOPEIA. In: MICHAELIS. **Dicionário brasileiro de língua portuguesa**. Significado de Epopeia. Verbete *online*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/epopeia>. Acesso em: 19 fev. 2024.

JAGUARIBE, Domingos José Nogueira. **Os herdeiros de Caramurú**. Romance histórico, São Paulo: Edição do Autor, 1895.

JAMILSON, Anne. **Fic: por que a fanfiction está dominando o mundo**. Tradução de Marcelo Brandão. Rio de Janeiro: Editora Rocco: Anfiteatro, 2017.

LUCCHESI, Anita; MAYNARD, Dilton C. S. Novas Tecnologias. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. (Coordenação). **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 179-184.

SANTOS, Halysson F. Dias. **Exegi Monumentum Aere Perennius**: Poesia Épica e Memória no Caramuru de Santa Rita Durão. 2016. Tese (Doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade). Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed., 2ª reimp. – São Paulo: Contexto, 2009.

MATOS, Gregório de. **Obras completas de Gregório de Matos**. Salvador: Janaína, 1969.

MINAS GERAIS, Secretaria do Estado de Educação de. **Conteúdo Básico Comum: CBC História**. Belo Horizonte: SEE, 2005. 80 p. Disponível em: <https://curriculoreferencia.educacao.mg.gov.br/index.php/cbc>. Acesso em: 20 ago. 2023.

MIYOSHI, Alexander Gaiotto. **Moema é morta**. 2010, 420p. Orientador: Jorge Sidney Coli Junior. Tese (Doutorado em História da Arte) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP, 2010. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNICAMP-30_f073fe349031e91a2fbf44a83668c823. Acesso em: 19 ago. 2023.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa; PENNA, Fernando de Araujo. Ensino de História: saberes em lugar de fronteira. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 36, n. 1, p. 191-211, 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/15080/11518>. Acesso em: 28 fev. 2022.

NÓBREGA, Manuel. **Cartas jesuíticas, cartas do Brasil (1549-1560)**. Coleção Autoconhecimento Brasil. Bahia: P55 Edição, 2021.

OLIVEIRA, Ellen dos Santos. Gênero Épico: recepção crítica e teórica. **Revista Odisseia**, [S. l.], n. 13, p. p. 58 – 75, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/10228>. Acesso em: 17 fev. 2024.

RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes. A representação do Brasil no poema épico Caramuru. **Anais do SILEL**. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2009_gt_lt14_artigo_1.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

RIBEIRO, Elzimar Fernanda Nunes. **Deus e o diabo na terra do sol: Caramuru como representação épica da colonização**. 2007. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UNB_711d949c447b6bf85a946d0f778df01f Acesso em: 19 ago. 2023.

RODRIGUES, Clarissa da Silva. **O mito nu: iconografia de “Moema” entre Victor Meirelles e Claudia Andujar**. Orientador: Dr. Biagio D’Angelo. 2020. 107f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais)- Instituto de Artes da Universidade de Brasília, Brasília, 2020. Disponível em: <https://sistema.funarte.gov.br/taianacan/teses-e-dissertacoes/o-mito-nu-iconografia-de-moema-entre-victor-meirelles-e-claudia-andujar/> Acesso em: 19 ago. 2023.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2010.

WHITE, Hayden. **Meta-História: A imaginação Histórica do Século XIX/ Hayden White; tradução de José Laurêncio de Melo. – 2.ed.I.reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.**